

Gil Cleber

Ninon



Novela



Ninon



Gil Cleber Carvalho

Ninon

Novela



Arte final e capa: Gil Cleber

Ilustração da capa: fotografia de menina com modificações digitais

Ilustração interna: desenho a lápis, do autor

Nota importante:

Sendo o autor radicalmente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:

gilccarvalho959@gmail.com

www.gilcleber.com.br

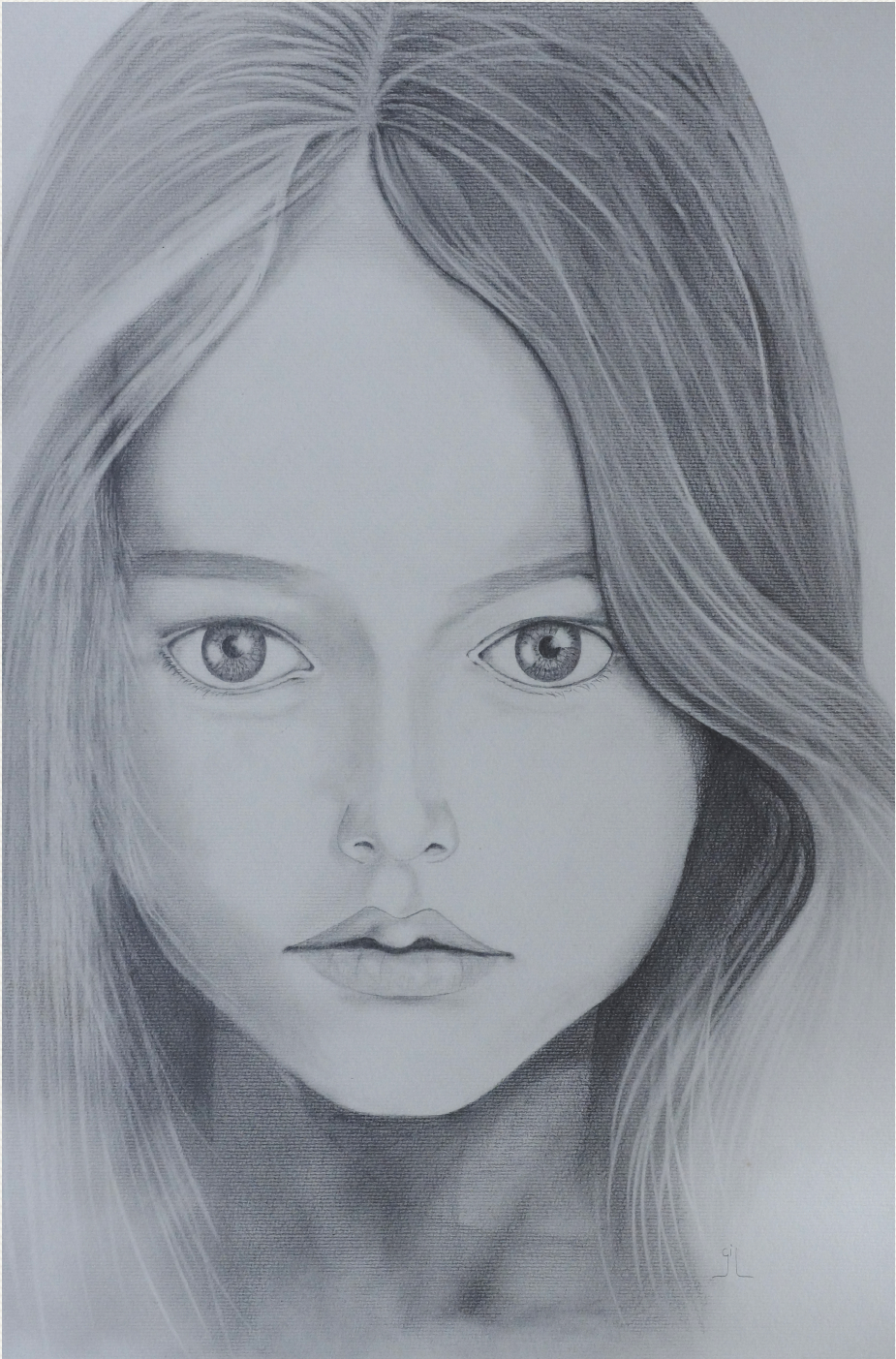
Nota ao leitor:

Nesta pequena novela eu me valho de duas vozes narradoras, uma que narra em primeira e outra em terceira pessoa.

A narração em terceira pessoa é a do típico narrador onisciente, mas o que pode confundir o leitor é a narração em primeira pessoa, e aqui vai um esclarecimento: quem fala é uma criança, e para abordar o tom característico da fala de uma criança eu, de ordinário, opto por um texto sem pontuação (já o fiz em outras ocasiões), em vez de tentar aproximar a linguagem escrita da linguagem infantil. Penso que o leitor não terá dificuldade em acostumar-se à essa forma narrativa (que tampouco é inédita), e para isso poderá — seguindo a lição de Saramago — ensaiar inicialmente ler alguns parágrafos em voz alta, leitura na qual o ritmo impõe-se por si mesmo.

Dito isto, entremos na história...

Ninon



aos quatro ou cinco anos eu era um menino frágil e enfermiço que vagava sozinho pelos salões sempre silenciosos da mansão um pequeno fantasma que emergia das sombras às vezes assustando com minhas aparições repentinas a ama essa mulher corada e sacudida que fazia também o papel de babá e governanta e cuidava dos restos da família como dos cacos de uma peça de porcelana muito fina e rara que sabia não ter conserto mas assim mesmo relutava em deitar fora e que não tinha idade era velha era nova com uma touca sobre os cabelos agrisalhadados que persistiam em não embranquecer de todo pois pelo menos metade dos fios ainda conservavam o castanho escuro da mocidade

e assim quando eu saía detrás de uma cortina sem que ela esperasse ralhava comigo toma tento menino que um dia você ainda me mata do coração e eu sorria meu sorriso desenxabido que logo se diluía em minha cara de ausência pois era bem assim que se podia falar das minhas feições do meu rosto magro aos cinco e depois aos seis anos cara de quem está ali mas ao mesmo tempo não está

e ela vinha para mim e corria os dedos entre meus cabelos cor de palha pobre menino suspirava num murmúrio penalizado sempre sozinho nessa casa imensa meu filho por que não vai lá para fora brincar e eu a fixava com uns olhos compridos e tristes tão azuis quanto podiam ser brincar eu repetia sim filho

brincar pelo menos afastar-se um pouco do ar de sepultura que faz aqui dentro mas eu não entendia aquilo com quem eu iria brincar se eu era um estranho até para mim mesmo

então eu saía para ir perder-me outra vez ao longo dos corredores submersos nas sombras seculares que mesmo abrindo-se todas as janelas não se dispersavam pois haviam adquirido a forma desses cômodos e uma consistência de geléia de maneira que entrando num daqueles quartos ou numa daquelas salas sentia-se uma espécie de viscosidade na pele nos cabelos nas roupas que somente à luz do sol se desfazia

e quando eu descia até a cozinha lá estava também a ama à frente das outras mulheres a arrumadeira-chefa as três cozinheiras a lavadeira a engomadeira e outras em cavaco alegre no qual não se poupavam as gargalhadas mulheres são mesmo assim sempre rindo de tudo apesar de sua azáfama pois numa casa como aquela não faltava serviço e era a ama para tudo não estivesse à frente administrando o batalhão de criadas que mantinham a mansão em ordem era como se nenhuma soubesse o que fazer mas quando me viam de pé à porta o olho comprido em sua direção como a pedir em silêncio alguma coisa que nem eu mesmo sabia o quê se calavam olhando-me daquele jeito penalizado e compartilhando o mesmo pensamento pobre desgraçadinho órfão de pais vivos

a cozinheira então me fazia um sinal vem cá meu cachorrinho dizia tenho um petisco pra você e passando para a despensa abria o imenso guarda-comida de onde sacava alguma guloseima com que tentava seduzir-me você só ganha se me disser o que está pensando mas minha única resposta era olhá-la nos olhos e depois em volta como se já me tivesse esquecido dela da guloseima e até mesmo de onde eu estava o que a obrigava a

chamar-me a atenção vamos menino deixa de ser lerdo e eu recuava um passo esperando que ela me entregasse o doce não devia dar isso a você depois é capaz de não jantar mas e voltava-se para as outras pobrezinho dizia num suspiro afastando-se eu mordida o doce quase sem vontade como se não me soubesse ao paladar um pedaço de cortiça sem gosto nem cheiro e ia saindo indiferente e apático enquanto às minhas costas as mulheres olhavam-se entre si admiradas não que eu me voltasse para ver eu sabia que era assim diante do pequeno estafermo que eu era que outra coisa podiam fazer a não ser olharem-se admiradas a balançarem a cabeça numa atitude de descrença como quem diz qual que há de ser desse pobre diabinho

eu me lembro da minha mais longínqua infância embora o que me venha sejam apenas uns *flashes* meio apagados de quando eu procurava por minha mãe aos dois anos de idade e não a encontrava pois era a ama quem me atendia nessa procura e então eu dizia pai mas meu pai também não estava ali a ama quem respondia seu pai está longe principezinho cuidando do seu futuro sempre ela que fora incumbida de cuidar de mim de acompanhar meu crescimento e notificar a família de qualquer anormalidade função que cumpria com o rigor de um general pelo menos uma vez por semana ligava para meu pai ou para minha mãe patrão patroa só para informar sobre o menino não não há nada sério apenas para que os senhores fiquem sabendo que está tudo bem sim pode deixar vou seguir suas instruções isso se não houvesse nenhum acontecimento extraordinário pois do contrário punha-se vermelha suava por todos os poros e não se afastava do telefone enquanto não os localizasse onde quer que estivessem meu pai a havia recebido como parte da herança de família meninazinha trabalhara com meus avós ali mesmo na

mansão crescendo dia a dia em credibilidade por isso tornara-se uma espécie de segunda patroa pelo menos adquirira o *status* de autoridade máxima na ausência dos patrões e era quem estava ao meu lado quando aos dois aos três anos eu perguntava por eles pai mãe e a mansão o meu mundo minha redoma meu cárcere

outras lembranças eu tenho daqueles tempos que parecem não ter existido mas que eu sei que existiram por terem deixado cicatrizes por exemplo foi aos três anos que eu caí certo dia do balanço no jardim e uma farpa entrou-me do lado esquerdo da barriga farpa que só saiu dias depois junto com uma secreção purulenta ficando um sinal que perdurou pelos anos afora e aos quatro tendo apanhado sem que ninguém percebesse uma faca na cozinha quase decepei o polegar esquerdo fiquei empapado de sangue minhas roupas o tapete do salão de jogos as paredes pois desesperado de dor corri pela casa sacudindo a mão ensangüentada enquanto a ama acorria em igual desespero e mandava o motorista retirar o carro para levar-me ao pronto-socorro na cidade não sem antes avisar a família inteira da tragédia no regresso encontramos meu pai que voara de Milão em seu jatinho particular direto para a pista de pouso da mansão a fim de avaliar pessoalmente e de perto a gravidade do fato e eu lhe exhibi com orgulho meu troféu os cinco pontos que recebera no polegar acidente do qual restou-me uma risca fina e ligeiramente mais clara que a pele a atestar-me que aquilo também aconteceu não fora imaginação minha lembrança de um sonho meu pai não se demorou mais de quinze minutos após nossa chegada entrou em seu jatinho e voou de volta para Milão e assim um sem-número de *flashes* a pipocar-me a lembrança vez por outra cenas descosidas que nem sempre eu posso garantir tê-las vivido aos dois três ou quatro anos e mesmo aos cinco se

bem que a partir dessa idade algumas mudanças começaram a alterar-me o ritmo da existência

uma coisa de que eu me ressentia era das minhas noites solitárias em meu quarto enorme de teto altíssimo cujos cantos longínquos dissolviam-se nas sombras que a luz da lâmpada sobre a mesinha de cabeceira não desfazia e para chegar à janela eu tinha de atravessar um espaço muito amplo onde sobre os tapetes que forravam o chão espalhavam-se brinquedos com os quais eu pouco brincava e então aproximar-me das vidraças junto às quais eu me sentia ainda menor porque eram janelas enormes que se abriam em quase toda a extensão da parede e iam de alguns centímetros acima do piso até encontrar em curvas ogivais com a linha do teto além dessas janelas descortinava-se o mundo

a mansão fora erguida numa espécie de promontório muito amplo e rochoso a menos de três quilômetros da aldeia e o mundo para mim eram aquelas planícies que se estendiam além dele em frente às vidraças planícies a perder de vista intercaladas pelas faixas verdes da vegetação pelas linhas claras sinuosas e segmentadas das estradas que ora desapareciam ora reapareciam e o rio que passava sob uma ponte aqui outra ponte mais além e por fim diluía-se na distância dali não era possível avisitar a aldeia mas quase na faixa do horizonte e além da corcova das montanhas mais próximas a sombra cinzenta da cidade não mais que uma mancha escura irregular de que não se podia distinguir nem prédios nem torres nem ruas somente uma luminosidade fosca e duvidosa à noite e ainda mais ao longe ondulações azulando dissolvendo-se confundindo-se céu e terra

eu me ressentia porque minhas noites na mansão cheias de ruídos e silêncios de sombras vastas e débeis tremulações de lu-

zes aqui e ali no pátio além do pátio me traziam apenas a breve presença da ama que por volta das oito vinha dar-me um beijo na testa perguntar-me se eu estava bem se havia comido direito-nho se escovara os dentes nunca deixando de advertir-me toque a campainha se precisar de alguma coisa a campainha tocava em seu quarto embaixo e embora não fosse perto ela me atenderia o mais rápido que pudesse atravessar corredores cruzar salas e salões abrir portas subir escadas e novamente abrir portas cruzar salas e salões atravessar corredores subir escadas e por fim entrar em meu quarto no terceiro andar próximo ao quarto dos meus pais a maior parte do tempo vazio por essa razão eu raramente tocava que me lembre só havia tocado duas ou três vezes em que acordara apavorado com algum pesadelo

mas por que somente a ama vinha dar-me boa-noite beijar-me a testa verificar se estava tudo em ordem e depois sair descer ir para seus próprios aposentos por que minha mãe nunca estava presente e meu pai sempre ausente é o que me pergunto e o que por fim respondo com essas mesmas palavras feito uma pergunta que se responde a si mesma pois ambos seriam apenas figuras de uma fantasia triste que eu talvez tivesse inventado para mim se eles não existissem de fato e sua existência não consistisse exatamente nessa fantasia triste que compunha suas figuras

meu pai era um homem de negócios um homem importante que falava até mesmo com o presidente viajava o mundo inteiro cuidando de suas empresas dando ordens a um grupo de diretores que por sua vez davam ordens a um grupo maior de subdiretores que por sua vez davam ordens a um grupo ainda maior de gerentes vice-gerentes chefes sub-chefes secretários subsecretários e assim por diante até chegar a esse verdadeiro

exército com dezenas se não centenas de milhares de cabeças que pelo mundo afora faziam multiplicar seu dinheiro e por essa razão ele raramente estava em casa quando vinha sentava-se cerimoniosamente à cabeceira da mesa da sala de jantar no centro da qual entre terrinas travessas bandejas pratos garrafas de vinho taças de cristal e talheres de prata rebrilhavam três grandes candelabros com doze velas cada um na outra cabeceira minha mãe vestida com as roupas da última moda ostentando a jóia que ganhara de papai naquela tarde e uma maquilagem que lhe transformava as feições suaves numa espécie de máscara tribal destinada a algum tipo de ritual primitivo conquanto nada houvesse de primitivo naqueles cremes e pós e esmaltes e batons e sombras e rímeis com que empapava a cara eu me sentava por ali entre os dois olhando ora um ora outro esperando que falassem comigo porém comíamos em silêncio enquanto os serviçais entravam e saíam substituindo os pratos e os únicos ruídos que se ouviam eram dos talheres das louças do vinho derramado nas taças e então meu pai lançava-me um olhar e um meio-sorriso que eu recebia entre confuso e encantado meu pai sorrira-me como vão os estudos do menino dizia voltando-se para minha mãe que suspirava como quer que vão vão bem nosso filho é muito inteligente e por sua vez olhava-me com um retorcer de lábios que pretendia ser também um sorriso mas não passava de uma careta e era o quanto importava a meu respeito os estudos de uma criança de cinco seis sete oito nove anos sempre a mesma pergunta com pouquíssimas variações sempre a mesma resposta idem

pois era também nessas ocasiões que minha mãe aparecia em casa

minha mãe na verdade vinha só em certas épocas do ano

nunca as mesmas mas permanecia pouco tempo mal me procurava para dar-me um beijo acariciar-me os cabelos com um gesto distante e aconchegar-me ao seu corpo como que por obrigação um ou dois minutos se tanto depois se a tarde estivesse quente e fizesse sol abandonava-me esquecia-me como se eu fosse um bibelô qualquer que se deixa sobre um móvel para lá fica e pronto então ia deitar-se à beira da piscina no terraço privativo revestido de pedras raras defronte ao seu quarto longe da vista de todos minha mãe era uma mulher famosa atriz de renome mundial Adriana Cantareira a divina e quase todo o tempo passava longe de casa filmando filmava quase o ano inteiro e nos intervalos recebia e aceitava convites para festas e recepções e bailes e jantares se eu quisesse vê-la ainda que em preto-e-branco bastava ligar a televisão ou então folhear uma revista sua cara estava sempre nas capas de revistas com dizeres proclamando sua beleza seu talento o sucesso de seu último filme os prêmios que recebera estatuetas que ela trazia para casa largava em algum canto e não olhava mais era como se as tivesse jogado fora não serviam para nada e ela pouco se importava com tudo aquilo essa pelo menos a impressão que eu tinha não fosse a ama juntar essas estatuetas e ir depositá-las em sua vitrine na sala dos troféus da família ficavam por ali esquecidas tomando poeira

meus pais se haviam conhecido na estréia de um filme ele a vira inicialmente nas telas e deixara-se seduzir por sua já lendária beleza por isso tratou de provocar um encontro entre ambos durante uma estréia no qual ao se aproximar oferecera de imediato patrocínio para seu próximo filme não posso imaginar o que aquela mulher adulada pelo mundo inteiro pensou ao ver diante de si um homem de trinta e cinco anos quase dez a mais

que ela elegante mas sem beleza que antes de qualquer outra coisa lhe oferecia dinheiro para um filme algo tão raro que por certo a teria desconcertado o que se seguiu parece ter sido um convite para jantarem a sós na noite seguinte e o consecutivo pedido de casamento um casamento que se realizou dois meses mais tarde fadado porém ao fracasso não porque fossem separar-se escandalosamente como às vezes acontece no meio artístico porque escândalo houve sim mas apesar de tudo não se separaram permaneceram casados pelos anos afora mas que tinha como alicerce de um lado a vã ilusão de uma beleza rara porém insuficiente para despertar o amor e de outro o puro interesse se não propriamente no dinheiro pelo menos no *status* de entrar para uma família não só de incomparável fortuna mas também de nome tradicional o que conferiria a minha mãe uma aura de respeitabilidade apesar de a profissão de atriz mesmo glamorosa não ser bem-vista em certos meios sociais refinados esse foi o seu casamento e eu o seu filho o orfãozinho de pais vivos

às vezes meu pai também se deitava ao lado dela na beira da piscina para tomar sol era tão raro vê-los juntos que nesses dias eu corria até o terraço e por detrás de uma porta ou escondido atrás de uma cortina punha-me a espreitá-los meu pai tinha o corpo bronzeado e musculoso pois mesmo sendo um homem muito ocupado fazia ginástica com frequência enquanto minha mãe puxava sobre o rosto a aba do chapéu de palha para proteger as vistas do sol meu pai se demorava pelo menos meia hora fazendo ginástica uma seqüência de movimentos nos quais exibia muita perícia havia momentos em que minha mãe levantava um pouco o chapéu para olhar canso-me só de ver dizia mas papai o corpo encharcado de suor sorria-lhe e dava um mergulho cruzando em seguida a piscina com braçadas rápidas

saía feito e ia deitar-se ao seu lado não davam comigo ali espiando não dariam mesmo que eu ficasse de pé na porta era como se eu não existisse em seu mundo como se na mansão eu não passasse de um utensílio menos até do que um utensílio pois não tinha serventia nenhuma seria talvez um bicho de pelúcia ou um jarro apenas isso está ali por estar e se alguém tirar dali e puser noutro lugar não fará qualquer diferença para chamar-lhes a atenção eu saía do meu esconderijo e avançava pela borda da piscina só então enxergavam-me e acenavam para mim vem cá meu filho papai dizia e eu meio sem graça ia sentar-me ao lado deles por alguns minutos pois uma vez que me tivessem avistado e acenado para mim era como se tivessem cumprido seu dever podendo então esquecer-me outra vez enquanto conversavam eu talvez ganhasse uma vaga carícia nos cabelos ou um tapinha de despedida vai brincar filhote e eu compreendia que era hora de sair

transcorridos esses poucos dias meu pai partia outra vez mundo afora a percorrer seu império por que não fica mais uns dias pai e o homem do alto de sua importância e seriedade de sua tranqüilidade postiça puxava-me uma orelha papai não pode filhão chamava-se filhão às vezes embora eu não passasse de um pirralho de sete ou oito anos papai está cuidando do futuro do filhão e eu nunca entendia que futuro seria esse do qual até a ama já me havia falado qual o significado dessa coisa indefinível que decerto nem ele saberia explicar o que ele ia fazer era cuidar de suas empresas dar ordens ao seu exército de servidores isso não seria nenhum futuro para mim fosse lá o que fosse essa coisa de futuro e eu me continha para não chorar retorcendo entre os dedos a ponta de uma cortina e vendo-o caminhar já apressado para o campo de pouso

então minha mãe também começava a fazer as malas o que nem sempre acontecia ao mesmo tempo pois que nem sempre ambos estavam ao mesmo tempo em casa só às vezes mas era sempre assim seus dias de descanso haviam terminado e ela tinha suas obrigações os contratos ela dizia por que não fica mais uns dias mãe e ela respondia os contratos filhinho mamãe tem contratos para filmar na França na Noruega no Japão e sei lá mais onde minha mãe filmava no mundo todo só faltava ir filmar na Lua daí começava a fazer as malas um mundo de malas aonde fosse levava metade de suas roupas e de suas jóias e de seus perfumes e de suas perucas e quando era hora de ir eu me ressentia ainda mais pois de qualquer forma minha mãe tinha um jeito muito vago de ser carinhosa e seu gesto de dedos no meu cabelo e nas minhas faces eram de uma doçura que não sei descrever penso que já de uma saudade que começava mesmo dias antes de sua partida e lá se ia ela entrava em seu próprio jatinho e então eu sabia que não a veria por meses a não ser em preto-e-branco na televisão ou pouco tempo depois já a cores mas ainda e sempre na TV ou nas revistas que chegavam na mansão revistas nas quais seu rosto aparecia sorridente e desafiador na capa

a ama havia publicado um anúncio falando de uma vaga na mansão para uma engomadeira pois a antiga se aposentara era uma velha ranzinza e catarrenta que vivia pelos cantos resmungando nem se preocupava mais com o serviço eu menino de sete anos nessa época alguns dias depois apareceu uma candidata logo contratada pois havia baús cheios de roupas para engomar e não se podia escolher muito a senhora passa por um período de experiência disse-lhe a ama e caso se saia bem é contratada em definitivo a nova engomadeira viera com a filha Lisa

uma mocinha magrela com o dobro da minha idade de cara muito branca e pintada de sardas cabelos ruivos e encaracolados que estava sempre na lavanderia ajudando a mãe a engomar e quando me via sorria-me sem deixar de manifestar como as demais mulheres da criadagem um sentimento de piedade então chamava-me para junto de si sentando-se num tamborete você quer que eu lhe conte uma história menino bonito e eu respondia que sim Lisa quero sim ela conhecia muitas histórias no começo eu não sabia se as inventava ela mesma ou se ouvia de outras pessoas e enquanto falava conchegava-me a si feito uma mãezinha quanto tempo duravam suas histórias às vezes muito tempo eram narrativas compridas cheias de aventuras envolvendo mocinhos e salteadores mulheres raptadas e crianças perdidas tesouros escondidos em cavernas e castelos assombrados eu ficava encantado com a capacidade de Lisa para inventar ou guardar na memória tanta coisa conta de novo aquela do mendigo que virou príncipe eu pedia e ela repetia a história do mesmo jeito quase sem alteração ou seria eu que não me lembrava direito não sei mas era a mesma história que no entanto era como se fosse outra até que um dia eu vi um filme na TV igualzinho a uma das histórias que Lisa me contara e então eu soube onde ela buscava suas idéias

ainda me lembro do dia em que Nonno chegou na mansão e de seu olho mau enquanto se afastava embaixo calçada afora vez por outra voltando-se para encarar-me podia ver que ele me saltaria ao pescoço se pudesse por que ele não gosta de mim eu me perguntava confusamente sem compreender um rancor logo à primeira vista sem motivo algum Nonno era um garoto cheio de astúcia cabelos negros e lisos bem curtos parecia muito forte ainda que tivesse apenas dez anos tinha sardas

no rosto moreno e decerto queria parecer valente ou se fazer de valente para mim eu o garotinho rico e fracote ele o menino de rua que não tem medo de nada talvez fosse isso seria isso não sei talvez não tivesse gostado do que eu era o filho dos patrões e ele só um enjeitadinho que o jardineiro recolhera e criara eu o menino que vestia roupas finas e caras ele o moleque que tinha de se contentar com a roupa usada que ganhava dos outros nesse primeiro dia na mansão ele aparecera com umas calças curtas que mostravam remendos atrás e uma camisa de malha com furros e tinha os pés descalços viu-me e viu que éramos diferentes essa diferença foi decerto ele quem notou não eu porém bastou para atizar-lhe o rancor

quem é aquele menino que veio com o jardineiro eu perguntei à ama aquele é o filho do jardineiro ela disse como se me contasse uma novidade ora eu sabia que era o filho do jardineiro sabia até que fora enjeitado pela mãe já ouvira a história da boca das criadas eu queria que ela me dissesse *quem* era ele que espécie de menino porque seu olhar agudo ainda me incomodava ele não gosta de mim eu disse ora que bobagem a ama replicou todos gostam de você ele não e por que você pensa isso ele me olhou de um jeito esquisito vai ver que você não viu direito ele parece ser um bom menino e logo vocês dois estarão por aí brincando então eu fui saindo devagarinho e pensando nas palavras da ama eu não vira direito o que me parecera um olhar rancoroso podia ser outra coisa talvez Nonno estivesse esperando um gesto de minha parte para tornar-se meu amigo e eu esperaria até o dia seguinte para fazer esse gesto iria até ele e sorriria perguntando-lhe o nome eu ainda não sabia que se chamava Nonno e então eu diria o meu e o convidaria para fazermos um passeio pelos jardins da mansão iríamos até a ravina

onde pastavam cavalos e ao pomar onde havia frutas naquela época do ano e depois e depois bem depois eu veria o que fazer estava decidido o filho do jardineiro era um bom menino e gostaria de mim quando me conhecesse melhor eu até já gostava um pouco dele também

porque a mansão não tinha crianças só gente grande adultos e os adultos não gostam de perder tempo com crianças além do mais todos ali tinham o que fazer era preciso manter tudo sempre muito limpo os cromados e os dourados rebrilhando o chão um espelho a grama aparada as pratarias polidas e lustrosas e uma infinidade de outras coisas para cuidar de que maneira iriam parar e ocupar-se comigo havia Lisa mas Lisa não contava pois ainda que por enquanto fosse apenas uma mocinha não demoraria a tornar-se adulta também e era a única além da ama que se dispunha a me dispensar um pouco de seu tempo era bom sentar em seu colo sentir-lhe o cheiro de alfazema seu perfume talvez não tivesse outro mas assim mesmo era bom e quando eu deitava minha cabeça em seu peito fechava os olhos deixando-me embalar por sua voz delicada a desfiar as histórias dos filmes que assistia na TV

mas o silêncio e a quietude da mansão se transformavam em zoeira e algazarra durante as festas da criadagem a ama juntamente com o pessoal do serviço gostava de organizar festas na casa quando meus pais não estavam claro que essas festas não ocorriam nas dependências internas e áreas nobres pois a ama imbuída em manter a disciplina não permitiria e agia com rigor jamais concedendo que nessas ocasiões os criados entrassem na casa ficavam todos restritos ao local da festa um grande pátio nos fundos onde havia uma churrasqueira e no espaço livre punham-se caixas de som que iam buscar no depósito de objetos

fora de uso e comia-se bebia-se dançava-se até as três ou quatro da manhã numa algazarra de paraíso tampouco a ama permitia que se invadissem a adega e se surrupiassem de lá garrafas de vinho embora houvesse tantas que ninguém daria falta se algumas desaparecessem a ama era bastante intransigente nesse ponto mas quanto ao mais não punha objeções e naquelas noites o pátio enchia-se de gente não apenas os efetivos da casa mas familiares amigos e até penetras que vinham da aldeia e além das melhores iguarias tiradas da despensa concessão feita pela ama pois do contrário que graça teria uma festa para os criados além portanto das ricas iguarias saídas da despensa cada qual contribuía com alguma coisa cerveja cujas garrafas eram acomodadas em baldes de gelo tão logo chegavam sanduíches salgadinhos docinhos bolos havia os que bebiam demais e caíam para um canto onde dormiam a bom dormir embora houvesse também os que uma vez embriagados se punham briguentos e começavam a fazer provocações até que um bom par de pescoções os colocasse nos eixos e era sempre a ama a tomar conta de tudo e a distribuir pescoções pois afinal era uma mulher corpulenta e de braços fortes que assumia um lado puramente masculino nessas ocasiões

Lisa namorava às escondidas o filho do homem da cavalaria chamava-se Antônio o namorado de Lisa e trabalhava com o pai meu pai tinha uma certa mania por cavalos e mandara construir no bosque atrás da mansão uma cavalaria na qual mantinha uma dúzia de animais de raça caríssimos que ele exibia aos convidados ilustres com os quais costumava cavalgar nas terras da propriedade meu pai nunca me levava com ele nessas cavalgadas pois não eram apenas passeios de divertimento mas uma maneira mais informal de conversarem sobre negócios po-

lítica a carreira de mamãe assuntos graves que eu não entendia ou que eu era muito criança para discutir com propriedade enfim meu pai sempre teria um pretexto para não estar comigo como se minha companhia o incomodasse nunca entendi essa atitude de papai e mesmo quando ele vinha sozinho não me levava para cavalgar aliás quando vinha sozinho não cavalgava nunca conquanto não deixasse de visitar a cavalaria e admirar seus lindos cavalos

Antônio e o pai cuidavam dos cavalos mantinham as baias sempre limpas os cochos sempre abastecidos a água correndo levavam os animais ao pasto para galoparem livres nos prados recolhendo-os à tarde pois eram animais sensíveis e não poderiam permanecer à noite ao relento mesmo em noites quentes pois se chovesse o que seria deles pobrezinhos mas Antônio costumava também encontrar-se com Lisa às escondidas na cavalaria no começo eram encontros rápidos no pátio em algum recanto escondido durante os quais no máximo trocavam alguns beijos pois a engomadeira chamava pela filha a todo momento já havia percebido o olho de um para o outro e mantinha-se vigilante um dia depois de um abraço rápido e um beijo nos fundos do pátio o rapaz disse a ela que assim não era mais possível melhor seria se terminassem porque afinal sua mãe não vai deixar que a gente fique junto e Lisa começou a chorar dizendo que não queria perdê-lo que antes se encontrarem assim de improviso e rapidamente do que nunca se encontrarem que era para ele ter paciência eu espreitava do primeiro andar por uma janelinha entreaberta e podia ouvi-los bem então Antônio disse por que não fugimos e Lisa pareceu muito assustada você está maluco fugir pra onde e pra viver de quê eu não tenho tostão e você tampouco ora a gente trabalha arranja uma casinha

mas Lisa fez-se firme não e não eu quero você e você me quer vamos esperar que um dia mamãe não ponha mais obstáculo nesse momento ouviu-se a voz da engomadeira chamando pela filha e ela teve de sair correndo

depois dos seis anos eu não me contentava em ficar espiando timidamente as festas da criadagem de uma das janelas do segundo ou do terceiro andar eu descia e me misturava às pessoas todos me tratavam como a um igual embora até os de fora soubessem quem eu era e quando dançavam eu também dançava e comia com eles sentando-me no chão na grama ou em caixotes que faziam as vezes de tamboretes e nessas noites como houvesse outras crianças eu participava das brincadeiras misturava-me à garotada corria suava sujava-me e de madrugada quando todos partiam eu ia para a cama do mesmo jeito somente pela manhã após um banho em regra mudava de roupa meu menino divertiu-se a noite passada hein dizia a ama enquanto eu quase adormecia de novo na água morna da banheira quando vai ter outra festa ama ah ela respondia sabe-se lá quando e a casa voltava a ser aquele lugar de recolhimento e eu pelos dias que se seguiam o menino solitário a sombra viva entre as sombras mortas naqueles cômodos imensos e tristes

pela manhã não havia qualquer vestígio da noite anterior pois se os patrões chegassem de surpresa a ama não teria de haver-se com explicações embaraçosas o pátio dos fundos fora impecavelmente varrido a churrasqueira reabastecida com carvões frescos as caixas de som devolvidas ao depósito enquanto as sobras de carne iam compor a ração dos cachorros essas festas não eram segredo para meus pais que no entanto tinham total confiança na ama e permitiam de bom grado o divertimento o que não podia era chegarem e encontrarem sinais do

acontecido pois isso daria impressão de que não tinham mando na casa e que tudo corria solto por ali para mostrar que não era bem assim a ama sabia como proceder mantendo limites e impondo um freio à liberdade dos festeiros fazendo valer algumas vezes o vigor de seu braço

a mansão tinha três andares além do térreo sobressaindo-se uma torre de cujo terraço podiam-se enxergar os jardins em toda volta o pomar os prados onde pastavam os cavalos de meu pai o bosque e até muito além por isso eu gostava de subir até lá e ficar olhando a paisagem às vezes levantava-me cedo para ir até o terraço e receber os primeiros raios de sol da manhã nessa hora nos dias de inverno o vale ainda estava recoberto pelo nevoeiro que se ia desfazendo pouco a pouco à medida que as horas avançavam e o sol cruzava o céu que então se enchia de asas um dia manhãzinha ainda eu havia subido ao terraço e quando olhei para baixo para o fundo do pátio do lado oeste avistei Nonno que também me havia visto e me olhava sem desviar os olhos então eu resolvi encará-lo e assim ficamos nos olhando como que num desafio silencioso mas apesar da altura e da distância eu podia adivinhar seu olho cheio de rancor

foi então que tomei uma decisão que até a mim mesmo pegou de surpresa resolvi descer até o pátio e enfrentá-lo aproximar-me dele olhá-lo diretamente nos olhos fazia quase três semanas que Nonno viera com o pai ainda não havíamos estado um com o outro seu primeiro olhar para mim fora de hostilidade eu não entendia bem por quê mas isso fez com que eu não saísse para o jardim naqueles dias e evitasse encontrá-lo era preciso porém pôr um fim naquela história e assim fiz desci degrau por degrau com medo e coragem ao mesmo tempo medo dele do garoto mau mais velho e mais forte do que eu e que

podia bater-me se quisesse mas também coragem porque havia decidido enfrentá-lo porque decidira que não podia mais viver evitando-o e continuei descendo os degraus embarafustando-me pelos corredores quase sem pensar no que fazia tomando um caminho muito raramente usado descer pelos fundos e contornar o pátio inferior subir uma escada larga de pedra que dava para o parque e dali alcançar o pátio oeste onde o avistara certo de que ele teria adivinhado minha intenção e esperava por mim havia ali um recanto entre um largo portal e uma parede onde poderíamos nos encontrar sem sermos vistos por ninguém

mas quando avancei na direção onde o avistara do alto da torre já não o encontrei ele não me havia esperado e eu me vi sozinho naquele lugar olhei em volta de um lado as verticais e vertiginosas paredes da mansão do outro a muralha além da qual se estendia o parque com suas árvores antigas e diante de mim os jardins silenciosos com seus canteiros simétricos suas aléias desertas e aquela como que tristeza pairando sobre as flores feito um peso

sobre uma coisa meu pai e minha mãe punham-se de pleno acordo minha educação pois ambos pareciam convictos de que o único lugar no mundo onde eu estaria em segurança era em casa e como eles não dispunham de tempo para acompanhar minha frequência numa escola resolveram contratar preceptores a idéia de um internato pareceu-lhes assustadora nosso menino longe de casa no meio de estranhos não e não pois não é uma criança qualquer é um Cantareira sabem lá que peso tem esse nome não e não um Cantareira não poderia de forma alguma ir para um internato mesmo entre aqueles mais conceituados na cidade havia uma escola mas tampouco convinha por causa da distância é muito longe sentenciou minha mãe como é

que essa pobre criança vai se deslocar todos os dias quase sessenta quilômetros pra lá e mais sessenta para cá por essas estradas precárias de jeito nenhum e meu pai não teve qualquer dúvida quanto a isso ainda que o educandário fosse um dos mais renomados do país não me convinha na aldeia não havia nada a não ser uma escola para a criançada pobre do lugar e desta vez foi meu pai a fazer uma cara de assustar meu menino numa escolinha imunda de carteiras quebradas e misturando-se a esses monstros selvagens e fedorentos lá tem até negrinhos jamais ele seria massacrado em dois tempos e o alvitre o único contratemos preceptores minha mãe concordou de imediato com uma expressão de alívio como quem se via livre de um problema então meu pai dedicou dois dias inteiros a buscar informações o que imagino devia ser para ele tarefa de vital importância já que raro ocupava-se comigo por mais de vinte minutos trinta quando muito

mas sua dedicação de dois dias não foi em vão pois conseguiu apurar que na vila havia um excelente professor de idiomas aposentado mas com um salário miserável senhor de certa idade e cabelos grisalhos fluente em inglês francês alemão e hebraico bem disse minha mãe parece-me ótimo mas para já basta que o menino seja alfabetizado e para o ano que vem o inglês afinal para que um menino de cinco anos vai estudar alemão e hebraico o que se aprende não é perdido obtemperou papai sim concordou minha mãe mas isso fica para o futuro quando tiver por exemplo oito ou nove anos sim está certo meu pai se pôs de acordo que o hebraico fique para os nove anos mas encontrei também um professor de matemática aliás um matemático de certa reputação pois fez contribuições importantes para o cálculo diferencial e integral e reside na vila à margem do rio num

bonito solar mas um tanto decadente pois lhe falta dinheiro para reformas parece-me que também não tem bons vencimentos cálculo diferencial exclamou minha mãe horrorizada eu jamais aprendi a extrair uma raiz quadrada que diabos tem um menino de cinco anos a ver com o cálculo diferencial basta que comece a ensinar-lhe a contar até dez depois até vinte e fazer algumas continhas sim mas é melhor que aprenda a contar até vinte com um matemático de verdade do que com um bisonho qualquer ah isso com certeza e mais uma vez punham-se de acordo daí minha mãe perguntou e para a geografia a geometria a história a física a química a biologia a educação artística caramba agora é você que está exagerando o menino nem foi alfabetizado ainda e você que não aprendeu nem uma raiz quadrada está preocupada com química e física sim talvez seja cedo mas não devemos deixar para a última hora não deixaremos respondeu meu pai com confiança haveremos de encontrar bons professores nessas disciplinas também dispostos até quem sabe a mudar-se para a aldeia afinal bons vencimentos não estão dando sopa mas ainda não encontrou minha mãe surpreendeu-se pois afinal meu pai gastara dois dias inteiros para aparecer com apenas dois preceptores inacreditável exclamou ela querida compreenda não estamos lidando com um assunto simples é a educação de um Cantareira que está em jogo e minha mãe lhe deu inteira razão o nome Cantareira era um privilégio para quem o usasse embora quem o usasse não fosse mais que um menino pálido e assustado a ouvir sem compreender aquelas ponderações sobre sua educação e sem que sua presença fosse ao menos percebida

por fim vieram os preceptores o professor de idiomas e o de matemática ambos seduzidos pelo régio pagamento que receberiam para ensinar-me a ler e a contar e ambos passaram a

revezar-se junto a mim todas as manhãs das oito às onze num gabinetezinho que meus pais mandaram preparar para minhas aulas havia ali giz e uma lousa uma estante repleta de livros escolares uma mesa caderno canetas de várias cores tinteiro mata-borrão lápis nº 2 lapiseira grafite lápis de colorir caderno e papel de desenho papel quadriculado papel manteiga borracha apontador régua esquadro transferidor compasso cola estilete grampeador grampos tinta guache nanquim aquarela e sei lá que mais de quinquilharias indispensáveis a minha formação intelectual tudo aquilo para um menino que só queria outro menino para brincar com ele

meus estudos continuariam dessa forma ao longo dos anos somando-se aos dois mestres já efetivos outros um de história um de geografia outro de ciências naturais e ainda um de educação artística aquela a melhor maneira de se educar intelectualmente uma criança pelo menos a mais adequada àquela criança para meu pai e minha mãe muito especial eu o herdeiro da beleza dela e do império que ele erguera com a fortuna da família essa uma estranha forma de amor mas da qual eu não podia duvidar pois à sua maneira meus pais me amavam e queriam o melhor pra mim o melhor segundo seu entendimento está visto já que eu era pequeno demais para opinar mas o fato é que com o tempo eu me acostumei à rotina das lições diárias ainda que enfadonhas no início pouco a pouco porém fui pegando gosto pelo aprendizado e por fim chegava a sentir falta dos professores nos dias de folga ou quando algum deles por alguma razão não podia comparecer dos cinco aos seis anos as lições foram muito básicas o aprendizado das letras e dos números a formação das palavras e das frases a fluência na leitura o domínio no uso do lápis os cuidados requeridos para adquirir uma boa letra

lembro-me de mamãe presente a algumas das primeiras aulas professor Leopoldo dizia ela empenhe-se para que meu filho tenha uma letra muito bonita deixa estar dona Adriana se depender de mim ele não escreverá produzirá obras de arte e mamãe ria de satisfação e satisfeita ficou tempos depois quando percebeu que embora eu não produzisse nenhuma obra de arte aprendera a escrever bem e com uma bonita caligrafia de letras ovais e traços finos ligeiramente inclinados para a direita embora eu não creia que minha letra elegante tenha resultado apenas dos esforços do professor mas também de uma propensão natural a escrever daquele jeito assim no final daquele primeiro ano eu não só aprendera a ler escrever e contar como também já alcançara o domínio das quatro operações o que arrancara elogios dos preceptores um beijo de mamãe bem estalado nas minhas faces e de meu pai uma leve carícia nos cabelos durante a qual murmurou com um sorriso discreto parabéns filho continue assim e depois dessas efusões cada qual voltou para seu universo particular mamãe viajando para filmar quase o ano inteiro e meu pai quase o ano inteiro indo daqui pr'ali Rio São Paulo Brasília Buenos Aires Nova York Paris Atenas Tóquio o mundo todo enquanto para mim o mundo continuava sempre o mesmo uma espécie de muro cinzento estendido à minha frente

nos anos seguintes fui tomando contato com a gramática da língua portuguesa e também do inglês e do alemão a aritmética a álgebra a geometria a história e as ciências pouco a pouco passando a fazer parte do plano de estudos restando para as manhãs de sábado quando as lições duravam apenas das nove às dez e meia as aulas de educação artística durante as quais menos que ensinar-me a desenhar pois a bem da verdade eu mal sabia rabiscar uma árvore numa folha de papel o instrutor fala-

va-me da arte ao redor do mundo às vezes mostrando-me nos livros e outras vezes incursionando pela própria mansão mas não só para demonstrar-me *in loco* aquilo de que me falava de forma teórica como para fruir ele mesmo da proximidade de tantas obras valiosas de pintura e escultura de que a mansão estava abarrotada lembro-me de sua expressão de quase êxtase diante entre outros quadros de um Dali que havia no salão nobre de um Rembrandt que se destacava numa das paredes da sala de jantar ou de um Picasso horroroso que meu pai desprezava até o fundo da alma e relegara ao salão de jogos onde nas raras ocasiões em que estava em casa jogava sinuca bebendo *whisky and rocks* com algum eventual amigo que vinha de visita e de como seus dedos tornavam-se trêmulos de uma comoção mal contida ao percorrer a frialdade de um mármore de Canova As três Graças a versão original que papai comprara sub-repticiamente por uma pequena fortuna do Hermitage que a substituía por uma falsificação perfeita também encomendada por meu pai somente ele e a direção do museu sabiam a verdade ali estavam As três Graças no centro do saguão de entrada

mas agora havia um outro menino aquele que eu encontrava às vezes no fundo do pátio ou no parque além das muralhas Nonno um menino que não tinha pai nem mãe mas fora criado pelo jardineiro sabia-se que havia sido abandonado à porta da igreja e recolhido pelas irmãs de caridade que abismadas com tal despropósito quem teria feito isso que coragem que mãe é essa que larga o próprio filho lhe procuraram um lar e o jardineiro então casado mas sem filhos achou por bem adotá-lo uma criança teria dito à mulher para alegrar nossa casa e levou a criança mas depois a mulher abandonou a ambos e fugiu com um mascate que passara pela aldeia vendendo bugigangas essa his-

tória eu escutei entre as mulheres do serviço e o jardineiro ficou só com o menino que ainda não completara dois anos criando-o da melhor maneira que pôde Nonno era um menino moreno e robusto de dez anos quando nos conhecemos e não gostou de mim desde que me viu percebi isso em seu primeiro olhar rancoroso na minha direção confirmei sua raiva quando me bateu pela primeira vez e passou a dar-me trambolhões e sopapos sempre que me pegava sozinho não conta nada pois senão e punha o dedo no meu nariz eu me calava pois ele era mais velho e mais forte eu aos sete anos ainda franzino e pálido como iria enfrentar aquele garoto parrudo e bem disposto

foi depois do ano novo que o jardineiro veio trabalhar na mansão e trouxe o filho adotivo durante as férias Nonno vinha cedo pela manhã e após o reinício das aulas somente às onze ao sair da escola no começo enquanto o pai lidava no jardim Nonno aparecia às vezes na cozinha onde as mulheres lhe davam de comer brincavam com ele contavam histórias mas logo ele se cansava de ser adulado e saía percorria os jardins da mansão deitava-se à sombra de uma árvore rondava pelo pátio querendo entrar na casa e às vezes ia para a rua contrariando a ordem expressa do jardineiro não vá para a rua moleque que é perigoso passam aí uns carros em disparada e numa dessas você acaba esmagado mas Nonno nem te ligo à menor distração lá se ia ele escapando e mesmo que mais tarde ao voltar o pai lhe desse com uma vara de marmelo e o pusesse de castigo ele não aprendia nós nos vimos logo no primeiro dia de serviço do jardineiro na mansão eu chegara a uma das janelas do primeiro andar e vendo o homem aproximar-se com suas ferramentas acompanhado de um garoto mais velho do que eu resolvi sair para a sacada e foi então que nos encaramos ele embaixo na cal-

çada eu em cima e mesmo daquela distância pude notar-lhe o olho mau

minha avó Eduviges da Encarnação mãe de minha mãe e tio Eduardo Cantareira irmão de meu pai eram o que havia sobrado de minha família meu avô materno um homem forte e decidido diziam alto feito uma palmeira troncado como um baobá morrera num acidente de carro poucas semanas antes do meu nascimento e os pais de meu pai ao contrário de saúde muito frágil e por fim gravemente enfermos muitos anos antes de uma forma nunca bem explicada caso que no entanto a família resolvera abafar para evitar um escândalo

tio Eduardo único irmão de meu pai era louco e nos últimos anos passava seus dias trancafiado numa clínica especializada no interior de São Paulo onde alternava períodos de completa demência com fases de uma tão inacreditável lucidez que os próprios médicos se viam confusos com seu caso tio Eduardo era dois anos mais velho que papai e começara a apresentar sinais de demência ainda muito jovem dizem que aos dezenove anos trazendo imenso desgosto para os pais que apesar da saúde precária não chegavam a ser idosos ela padecendo de uma doença degenerativa que lhe causava dores atrozes nos músculos e nas articulações mal que com o passar dos anos tendeu a agravar-se obrigando-a a estar quase sempre na cama e a visitas freqüentes ao médico e ainda ao uso de uma série de remédios que não podiam faltar em sua mesinha de cabeceira ele asmático desde a infância e cardíaco tinha o coração grande diziam vira sua doença agravar-se devido aos encargos próprios do mundo dos negócios e bem cedo teve de retirar-se da direção da empresa nomeando para substituí-lo um testa-de-ferro pois nem meu pai ainda muito jovem nem meu tio com sua demên-

cia tinham condições de assumir um cargo daquela importância e responsabilidade a loucura de tio Eduardo manifestou-se inicialmente por umas instabilidades nervosas durante as quais mostrava-se ora excitado eufórico andando de um lado para outro dentro de casa e falando muito ora em tal estado de prostração que se recolhia para um canto qualquer onde permanecia sozinho sem mexer-se nem falar com ninguém às vezes o dia todo e entre esses dois estados a euforia e a depressão acontecia passar alguns dias com boa aparência e apresentando claros sinais de normalidade até que por alguma razão nunca bem compreendida tudo recomeçava foi a ama quem me contou a história de tio Eduardo quando me pegou um dia na sala de estar olhando na parede o retrato daquele homem magro de testa alta e rosto liso que denotava no olhar uma certa tristeza sem explicação eu tinha seis para sete anos então a ama aproximou-se de mim e falou você já está se tornando um homenzinho é preciso saber quem é esse moço do retrato e quem é ele ama ele é seu tio Eduardo e onde ele está seu tio vive num hospital principzinho ele está doente há muito tempo e então ela me contou sua história a loucura de meu tio pode-se chamá-la assim conquanto ainda não se houvesse declarado inteiramente já durava uns cinco anos durante os quais todos os médicos consultados avaliavam seu estado mediante um criterioso estudo de seu histórico nunca chegando a um diagnóstico definitivo e logo a um tratamento específico certa noite meus avós haviam recebido alguns amigos para jantar e tio Eduardo embora estivesse numa de suas boas fases recusara-se a descer alegando um pouco de dor de cabeça dissera-o à ama quando esta foi ao seu quarto avisá-lo de que o jantar seria servido e que os convidados já estavam à mesa meu avô desculpou-se e o jantar teve iní-

cio a certa altura no entanto tio Eduardo para assombro dos convivas surgiu na sala vestido de mulher com a cara pesada de maquilagem dizendo ser a reencarnação de uma cortesã do século XVIII muito famosa em sua época porque somente se deitava com homens célebres e por muito dinheiro curioso como a ama me contou essas histórias conquanto eu não passasse então de um pirralho mas o que era isso de deitar-se com homens célebres ama eu perguntei e ela deve ter se dado conta de que um menino da minha idade e além de tudo criado numa redoma não entenderia dessas coisas e respondeu namorar meu principezinho ela ou ele seu tio quis dizer que quando vivera no século XVIII fora uma mulher que só namorava homens famosos e isso foi verdade ama ele viveu mesmo no século XVIII ora principezinho então não estou lhe dizendo que seu tio era doído de pedra minha avó começou a passar mal devido ao constrangimento de ver seu filho naquelas condições e vovô muito vermelho e já quase lhe faltando o ar disse aos convidados que não reparassem ele tem estado muito descontrolado ultimamente e segurando o filho pelo braço saiu com ele embora tio Eduardo insistisse em ficar dizendo que gostaria de dançar para os convidados eu sempre dançava para meus amantes ele teria dito eu sempre dançava nua para eles e os deixava delirantes não houve jeito de fazer com que ele tirasse as roupas de mulher durante dois ou três dias seguidos em que seu estado de euforia chegou ao extremo mas quando caiu em depressão meu pai sugeriu que talvez fosse hora de interná-lo numa boa clínica meus avós se opuseram a essa idéia embora papai tentasse de todas as maneiras argumentar que tal medida ainda que penosa seria o melhor para todos vamos aguardar decidira meu avô só mais algum tempo depois então veremos meu pai contudo persistia

em sua idéia de internar tio Eduardo embora não tocasse mais no assunto com os pais para não aborrecê-los começou a procurar uma boa clínica onde o pobre louco pudesse gozar do melhor atendimento possível de maneira que em sua próxima crise já tendo tudo pronto voltasse a expor sua idéia na esperança de que então pudesse convencê-los os dias se passaram e não se sabe se pelo desgosto com tio Eduardo ou por um natural agravamento da enfermidade em organismos frágeis os velhos que nem eram tão velhos não haviam ainda ultrapassado a casa dos sessenta pioraram de saúde deixando meu pai cada vez mais alarmado não é nada dizia vovô tentando acalmá-lo eu e sua mãe já passamos por fases piores e meu pai fingia acalmar-se para não constrangê-los mas intimamente continuava preocupado foi então que ocorreu a tragédia tão súbita que nada pôde ser feito para preveni-la pois simplesmente meus avós foram encontrados mortos certa manhã em sua cama e os remédios que deviam tomar durante a noite haviam desaparecido a princípio suspeitaram de tio Eduardo ele num de seus acessos teria apanhado os remédios e levado consigo mas ao mesmo tempo tal suspeita parecia cruel demais porque tio Eduardo fora sempre incapaz de fazer mal a uma mosca e apesar de suas esquisitices ou como se queira de sua loucura mesmo mostrando-se ora deprimido ora eufórico não demonstrava nenhuma tendência à agressividade a suspeita portanto pareceu desumana e meu pai que contava somente vinte e dois anos na ocasião não se deixou abater e mesmo não tendo sido encontrada uma explicação para o sumiço dos remédios pediu ao médico da família que atestasse de forma a parecer que tudo acontecera dentro da normalidade sepultou os pais mandou internar o irmão e assumiu a direção das empresas e o fez com tal dedicação e

competência que transformou a fortuna já um tanto decadente da família num império cujas dimensões até mesmo ele teria dificuldades em avaliar tio Eduardo continuou internado desde então nunca mais deixou a clínica onde vez por outra vestia-se de mulher e se dizia a reencarnação de alguma personagem famosa dos tempos antigos a rainha Semíramis Cleópatra Catarina de Médicis Maria Antonieta George Sand e sei lá mais quais e quantas meu pai pedia notícias dele periodicamente porém jamais o visitou mesmo porque de nada adiantaria tio Eduardo a essa altura não conhecia mais ninguém

já minha avó Eduviges era uma mulher fina de corpo sempre aprumada e com cara de quem estivesse reprovando tudo à sua volta não costumava sorrir e ao entrar em casa começava por despir as luvas e com elas numa das mãos avançava até o meio do saguão detinha-se ali feito uma autoridade esperando que alguém desse por sua presença e viesse atendê-la prontamente o que só acontecia às vezes numa casa tão grande mesmo com tantos serviçais e a demora em ser percebida rendia reprimendas azedas contra a ama a única culpada de tamanha desordem uma mulher sem competência nem noção dos seus deveres que da mesma forma que se mantinha desleixada com relação à própria aparência permitia o desleixo por parte de todos os empregados pois à minha avó incomodava que a ama prendesse os cabelos grisalhos sob uma touca e deixasse fios à mostra e usasse roupas folgadas pois era uma mulher rotunda que não se sentia bem com roupas justas e ainda por ser pessoa do povo tinha o hábito da franqueza da afabilidade do trato mais íntimo e pessoal como em seu relacionamento com minha mãe o que parecia um despropósito para vovó e maior ainda quando a ama se dirigia a ela tratando-a vulgarmente de d'a Eduvígi é a se-

nhora pois se achegue a casa é sua aliás parece ser mais da senhora do que de dona Adriana coitada que nunca pára em casa sempre filmando viajando daqui pr'ali dali pr'acolá não é mesmo quer alguma coisa uma limonada um café quem sabe almoçar o rango ainda está quentinho pois não é nem uma hora e há pouco foi que o povo acabou de comer e minha avó escandalizada por ser tratada de d'a Eduvígi d'a uma abreviatura popular de dona e não de Senhora Dona Encarnação como já havia dito uma dúzia de vezes se não mais e o pior a pronúncia errada de seu nome Eduvígi será Deus do Céu que ela não aprende mais a falar que desagradável e prometia reclamar imediatamente com mamãe que deveria pô-la no olho da rua o mais rápido possível e muito digna aprumada e dura sentava-se ao lado do telefone e punha-se a ligar para mamãe onde quer que estivesse ficava ali às vezes uma hora inteira tentando localizá-la e quando por fim conseguia falar-lhe fazia-se de muito ofendida por essa sua criada impertinente Adriana que não sabe nem mesmo como tratar-me sim eu sei que lhe disse isso outras vezes mas me parece que você sempre faz ouvidos moucos minha filha não toma uma providência eu não posso ser tratada como alguém do nível dela sim eu sei que você já lhe falou mas ou você não foi muito convincente ou é ela que não lhe tem qualquer respeito pois continua a mesma olhe que acabei de chegar e não havia aqui ninguém para receber-me não eu não avisei que viria terei agora de avisar para vir à casa da minha filha mas ainda assim será que não tem ninguém nesta casa que possa atender-me com presteza fiquei esperando e depois de dez minutos só depois de dez minutos apareceu a madame um absurdo penso em não botar mais os pés aqui tão cedo e por aí afora minha avó despejava em mamãe todas as suas lamúrias e reprovações até

desligar o telefone com um gesto contido e uma expressão de vaga desesperança no rosto quando então a ama de volta e com a mesma desenvoltura dizia d'a Eduvígi venha preparei um lanchinho pra senhora forrar o estômago então minha avó de muito mau grado levantava-se resignada do sofá e a acompanhava até a copa para forrar o estômago expressão vulgar que a horrorizava até o fundo da alma mas contra a qual nada podia resignar-se pronto sentava-se e forrava o estômago como competia a uma grande dama está claro que em nenhum momento a ama levava a sério aquelas descomposturas e muito menos minha mãe pretendia repreendê-la pois a ama já se tornara parte da mobília da casa e daquela classe de mobília que não se pode renovar por tornar-se peça de tal raridade que se torna insubstituível

minha avó não costumava demorar-se muitos dias vinha por uma semana às vezes duas e durante esses dias se só estávamos nós eu a ama e a criadagem distraía-se todas as manhãs com longas e solitárias caminhadas pelos campos entrando em casa somente por volta das onze horas tomava seu banho trocava de roupa o que não fazia qualquer diferença pois se vestia sempre com roupas escuras como se todas as peças de seu guarda-roupas fossem iguais e depois comia frugalmente na copa dispensando a presença de qualquer outra serviçal pois apesar de todos os defeitos da ama era ela quem deveria servir minha avó uma exigência descabida diante do rol de reclamações sempre pronta a lançar-lhe em rosto reclamações que a ama ouvia com uma cara entre séria e divertida séria para não parecer que estivesse de deboche e divertida por não conseguir evitar um sorriso de sutil ironia que vovó nem sequer percebia

depois do almoço minha avó tirava seu cochilo no quarto e aí pelas duas da tarde aparecia na sala como quem não sou-

besse ao certo o que fazer do tempo que tinha pela frente e depois de olhar em volta pegava um livro uma revista um jornal e punha-se a ler

era raro coincidir sua presença com a dos meus pais em casa tanto pelos incontáveis compromissos que os mantinham afastados a maior parte do tempo quanto porque ela não tinha o hábito de ligar para saber se eles estariam acontecia às vezes minha mãe aparecer para ficar com vovó um dia ou dois depois de ouvir-lhe ao telefone todo seu rosário de reclamações contra a ama na mesma tarde pousava o jatinho no campo atrás da mansão e assim mãe e filha passavam algum tempo juntas mas noutras vezes quando ela vindo calhava encontrá-los acontecia ficarem ainda dois ou três dias além do previsto em atenção a ela e então reuniam-se à noite numa pequena sala próxima ao grande salão principal e ali conversavam longamente sobre assuntos graves dos quais eu não podia participar não porque me fosse proibido estar presente durante esses longos serões mas porque eu estando ali era como se não estivesse ou como se eles estivessem a quilômetros de distância ainda que nem sequer se movessem do lugar eu era invariavelmente ignorado e assim me tornava invisível eu o menino invisível que tinha o poder de assombrar a mim mesmo com meus passos abafados pelos tapetes e quando por acaso transitava pelo piso de pedra ou mármore dos corredores o quase inaudível tec tec tec dos meus sapatos não chamaria a atenção de ninguém daí eu podia entrar uma dezena de vezes na salinha onde os três conversavam e sair outras tantas sem ser percebido um estranho eu era um estranho a perder-me por ali até ser colhido pela ama e levado para meu quarto onde ela me dava banho enxugava-me eriçava-me os cabelos com a toalha áspera e punha-me na cama pobre menino

dizia coitadinho ninguém liga pra você nessa casa de desalmados mas eu ligo meu pequeno eu ligo e ela me cobria com cuidados maternos ela que não tivera filhos cuidados que minha mãe desconhecia para ter comigo você quer escutar uma história antes de dormir ou quer que eu cante uma canção dos meus tempos de menina e eu dizia que queria ouvir uma canção pois a ama tinha uma voz muito doce mesmo não sendo mais uma voz jovem e segura e ela cantava à capela como devia ser quem haveria ali para acompanhá-la com algum instrumento costumava cantar alguma das canções que aprendera na infância e eu de olhos fechados deixava-me embalar por sua cantiga até que me julgando adormecido saía na ponta dos pés então eu abria os olhos levantava-me corria para as vidraças e se fazia calor abria uma das folhas para que o ar entrasse e ali permanecia por muito tempo espiando a noite a planície submersa na treva por fim sentia-me cansado e me sentava no chão na maciez morna do tapete não tardando que adormecesse ali mesmo quantas vezes abria os olhos pela manhã banhado pela luz do sol seriam sete horas ou sete e meia e ainda estremunhado espreguiçava-me punha-me de pé e descendo para a copa encontrava a mesa posta minha xícara virada sobre o pires a travessa de torradas a manteigueira o boião de biscoitos o bolo na bandeja a ama deixava tudo a jeito para quando seu fantasma acordasse

minha avó de qualquer forma nunca me dedicava muito tempo ao chegar só parecia enxergar-me depois de falar ao telefone com minha mãe e repetir todas as reclamações de sempre era então que depondo o fone no gancho e antes da entrada da ama com seu jeito camponês convidando-a para forrar o estômago via-me por ali então sua expressão azeda como que se adoçava um pouco e estendia-me a mão venha cá meu menino

como você está crescendo e me fazia um carinho com a ponta dos dedos na face alisava-me os cabelos e consigo mesma ainda que em voz alta pobre menino sem pai nem mãe e vivendo feito um animalzinho solitário nesta casa enorme mas mesmo percebendo minha solidão não se dispunha a fazer-me companhia a não ser algumas vezes à tarde quando por me ver de olhos compridos em sua direção convidava-me para um jogo de tabuleiro qualquer desses joguinhos em que se movem peças ao longo de fileiras de casas conforme o número dos dados para ver quem chega primeiro ao final passatempo que logo se tornava cansativo e depois da terceira ou quarta partida deixava de ter graça então ela dizia vai filho vai brincar deixa a vovó ler um pouco e eu mais uma vez me via só comigo mesmo pois minha avó de posse de um livro ou de uma revista ficaria por ali até quase o anoitecer

era então que subia para o terraço e de lá admirava o pôr-do-sol sempre empinada feito uma grande dama eu a seguia de mansinho mal me permitindo o suave ruído dos meus passos sobre o tapete para não incomodá-la não que temesse uma represália mas por esse sentido de respeito que ela naturalmente impunha com sua atitude de mulher altiva e de nobre estirpe e que só não era levado muito a sério pela ama debruçada no parapeito minha avó olhava a planície as massas de árvores o rio a estrada a sombra difusa da cidade quase no horizonte onde algumas luzes começavam a acender-se embora não se pudesse ver sua claridade antes de anoitecer por completo e eu ao seu lado contemplando esse espetáculo pela milésima vez pois dias havia em que mesmo sozinho eu ia para lá minha avó passava-me o braço pelo ombro conchegando-me um pouco a si como se só então percebesse minha presença e minha necessidade de uma

demonstração mais próxima de afeto eu penso contudo que nessas horas aquele não era um gesto de puro carinho e afeição mas apenas um movimento mecânico do qual ela mesma nem chegava a dar-se conta plenamente pois verdade era que ainda que me conchegasse a si o fazia apenas um pouco e sem qualquer efusão de sentimentos parecia longe muito longe quase tão longe quanto a sombra difusa da cidade que mal se percebia no horizonte e também não dizia nada nenhuma palavra apenas suspirava continuando a olhar para frente depois que o sol se punha e a noite caía empertigava-se mais uma vez bem bem dizia é hora de descermos para o jantar e para demonstrar alguma autoridade acho conveniente que você tome o seu banho para pôr-se à mesa de forma apresentável como aliás compete a um pequeno *gentleman* e eu o pequeno *gentleman* para dar-lhe o gosto de ser obedecida aparecia na sala de jantar onde a mesa fora posta com alguma cerimônia e trazia os cabelos úmidos cabelos que eu fazia questão de não secar muito para que ela visse que eu de fato tomara banho e não apenas trocara de roupa então com muita dignidade pedia-lhe licença para sentar-me o que ela concedia com um sorriso fugidio

a ama para cair um pouco em suas graças servia o jantar não na copa como mais cedo mas escolhendo sempre uma toalha limpa ou pelo menos uma toalha diferente da usada na noite anterior para dar a impressão de que acabara de vir da lavanderia e acendendo as luzes do vasto salão dispunha os pratos de acordo com o menu que tivera o cuidado de preparar conforme orientação prévia e parece-me que nessas horas a ama não lhe parecia de todo má conquanto eu nunca tenha visto minha avó conceder-lhe um daqueles raríssimos sorrisos nem mesmo um breve elogio ou uma ainda mais breve palavra de aprovação li-

mitando-se a não fazer qualquer censura o que já era uma concessão considerável se levarmos em conta sua natural implicância contra ela

até chegar o dia de ir embora quando então dona Eduviges descia pela manhã muito cedo até a sala e ordenava que fossem buscar suas malas no quarto daí a ama subia com duas ou três criadas apanhavam quatro ou cinco malas desciam esfalfando-se e se encaminhavam para o carro que o *chauffeur* conduzira para a frente da casa e onde minha avó no banco traseiro já não passava de um vulto muito vago mal entrevisto através dos vidros sempre muito aprumada lá se ia ela sem voltar-se uma única vez para um aceno e nessas ocasiões eu me perguntava se ela chegava a cogitar que o neto talvez estivesse nos degraus olhando-a ir-se e esperando dela esse gesto lá se ia para só retornar daí a quantos meses

meu primeiro encontro com Nonno foi inesperado e aconteceu pouco mais de três semanas depois de ele ter vindo pela primeira vez com o pai e agora estávamos ali cara a cara eu olhando-o com surpresa e um certo contentamento espantado e ele com seu olho mau cravado em mim como se refletisse no que fazer comigo sem apressar-se apenas mostrando com seu corpo seu nariz empinado suas feições severas qual dos dois era o mais forte e que eu não poderia escapar-lhe mais

eu havia saído naquela tarde para caminhar pelo imenso parque além da muralha o parque era plano e renques de árvores e arbustos formavam longas galerias que aqui e ali se abriam para descampados além dos quais novos renques formavam outras galerias numa espécie de labirinto às vezes denso em vegetação até o plano entrar em declive ao longo de todo o seu perímetro e descer para um vale onde passava o rio e além do rio

as matas as cadeias de montanhas as terras da família Cantareira não era com freqüência que eu andava naquele lugar embora conhecesse bem os caminhos e já me tivesse aventurado até a borda do declive em alguns pontos bastante acidentado e quase vertical mas em outros apenas uma descida inicialmente acentuada que pouco a pouco se atenuava até o vale algumas vezes eu alcançara o vale caminhara descalço pela margem arenosa do rio que apesar de largo era possível em certos trechos atravessar apenas saltando sobre as pedras que despontavam de seu leito

naquela tarde Nonno surgiu de repente diante de mim saindo detrás de uma touceira de pequenos arbustos barrando-me o caminho e eu parei olhando-o não com medo

e lhe sorri

mas Nonno continuou olhando-me com ar desafiador como se dissesse agora você não me escapa mas eu não pretendia mesmo escapar eu queria que ele fosse meu amigo eu queria que ele brincasse comigo e foi com essa intenção que lhe estendi a mão mas Nonno percebendo-me o gesto desfechou-lhe um tabefe e com que força sacudiu meu braço inteirinho então meu sorriso apagou-se e eu agora o encarava com um ar de desapontamento e até de tristeza eu queria que Nonno gostasse de brincar comigo mas pelo visto ele queria mesmo era castigar-me

castigar-me pelo quê acho que pelo fato de eu ser o filho dos patrões por eu estar vestido com roupas delicadas e elegantes e ele não ele ser apenas o filho do jardineiro e vestir calças remendadas seria isso não sei isso eu só pensei depois essa idéia foi entrando na minha cabeça aos poucos não sei nem como pois naquela hora eu não pensei nada nem conseguia entender por que desde o começo desde seu primeiro dia ali ele me enca-

rava com uma raiva silenciosa depois de dar-me um tabefe na mão empurrou-me e eu caí sentado na grama à margem do caminho nem um pio seu moleque presunçoso ele disse e eu não entendi por que ele me chamava de presunçoso pois não me conhecia a não ser de nos vermos de longe nunca nos havíamos falado nem sequer estivéramos até então perto um do outro nem um pio a ninguém seu almofadinha ameaçou se não da próxima vez que eu lhe pegar faço picadinho de você ainda deu-me um chute nas pernas e depois saiu andando devagar com cara de satisfação enquanto eu me levantava confuso olhando-o pelas costas ir-se até desaparecer

eu não senti raiva dele nem tive medo iríamos nos encontrar em outras ocasiões e ele voltaria a hostilizar-me às vezes empurrava-me contra uma parede e imprensava-me ali apertando meu pescoço até eu ficar vermelho ele queria que eu desatas-se em lágrimas e lhe implorasse para parar com aquilo mas eu me mantinha firme nem sequer um brilho de umidade aparecia-me nos olhos e ele acabava soltando-me com alguma apreensão pois no fundo eu via tinha medo de machucar-me de verdade porque afinal o que o impediria de ir apertando-me e sufocando-me até eu perder os sentidos nada ninguém pois quando ele me atacava estávamos sempre sozinhos ele tinha o cuidado de olhar para todos os lados a fim de certificar-se de que não vinha ninguém mas eu continuava firme suportava-lhe os sopapos e empurrões sem tentar retribuir mal esboçando uns simples gestos de defesa e às vezes recuando um passo um dia em que ele tentara estrangular-me eu vi tudo escurecer quase desfaleci e quando abri os olhos Nonno parecia muito assustado dando-me tapinhas de leve no rosto lembra menino que é que você tem eu nem apertei tão forte assim foi quando percebi que ele tinha

medo de me machucar de verdade então fui me afastando dele rente à parede e olhando para trás enquanto andava para ver o que ele iria fazer mas ele continuava lá e lá permaneceu até que eu entrasse em casa e ainda parecia bastante assustado

mas esse susto não foi suficiente para que ele parasse de implicar comigo eu tinha sete e ele dez anos quando nossa guerrilha silenciosa e perversa começou e assim prosseguiria até acontecer uma coisa que a tornaria ainda mais acirrada e feroz

diziam que eu havia herdado a beleza de minha mãe beleza que tanto quanto seus dotes como atriz contribuiu para torná-la famosa no mundo do cinema mas o que suscitava mesmo a admiração de meus preceptores era minha facilidade em aprender não sei ao certo se por utilizarem algum método eficiente de ensino ou se por eu ser naturalmente inteligente ou se apenas por eu ter boa vontade em aprender para agradar aos meus pais e obter deles um elogio um gesto de carinho ou quem sabe tudo isso junto mas a verdade era que não raro ouvia de meus preceptores quando conversavam entre si nos intervalos entre uma aula e outra que eu era um menino dotado de inteligência superior e que sem qualquer sombra de dúvida faria uma brilhante carreira na vida acadêmica chegando a profetizar-me alguma descoberta ou invento extraordinário se seguisse o caminho das ciências foi essa minha capacidade de assimilar com rapidez o que me ensinavam que me deu aos oito anos fluência no inglês e no alemão e enquanto outras crianças dessa idade lutavam com as operações elementares eu já havia adquirido um conhecimento consistente em aritmética e começara a avançar com notável facilidade pelos conceitos da álgebra e da geometria a ama impava de orgulho ao ouvir os preceptores elogiar-me e sem nem de longe imaginar o que fosse álgebra ou

geometria olhava-me com os olhos brilhantes puxando-me para si e sacudindo-me com seu carinho rude esse é o meu príncipezinho dizia aos meus preceptores eu não tinha dúvida de que dentro dessa cabecinha tinha coisa e muita coisa ama eles exclamavam muita coisa e assim me tornei uma pequena celebridade nos limites da mansão a mulherada da criadagem adulava-me com elogios despropositados e sinceros muito diversos das efusões exageradas de minha mãe ou do muito bem filho distante e frio de meu pai e foi essa minha pequena fama o que exacerbou contra mim o rancor de Nonno pois que deu origem a um inesperado pedido do jardineiro à ama e de forma indireta a mim pedido que eu ouvi certa manhã enquanto tomava meu café na copa e na cozinha o jardineiro e a ama conversavam fale com o menino ama Nonno está mesmo precisando eu falo disse a ama pode deixar e quando já me dirigia ao meu gabinetezinho de estudos onde um dos preceptores me aguardava a ama se acercou parecia um pouco sem graça era muito raro ver a ama sem graça logo ela que não tinha reservas com seu príncipezinho e então ela me transmitiu o pedido do jardineiro que Nonno estava muito atrasado nos estudos apesar de já ter feito onze anos ainda não saíra da segunda série o moleque é meio tapado o jardineiro havia dito mas se recebesse lições do menino que é quase da mesma idade e a ama sentando-se diante de mim tomou-me pelas mãos meu príncipezinho vai ajudar o Nonno coitadinho o pai dele pediu com tanto empenho eu ouvira tudo e já elaborava um plano para pegar o garoto de jeito agora ele não me escapa pensava comigo mesmo mas fingi não saber ainda de nada e mesmo não conseguindo evitar um sorriso de puro contentamento cuja razão a ama decerto não podia adivinhar respondi sim ama diga para o jardineiro

trazer o filho à tarde eu lhe darei lições todos os dias a partir das três horas

naquela mesma tarde às três horas o jardineiro apresentou-se com Nonno na porta da cozinha a ama mandou que eles entrassem e me chamou venha ao meu gabinete de estudos Nonno eu disse seu pai também pode vir acrescentei olhando para o jardineiro o pai me acompanhou com uma clara euforia estampada no rosto afinal seu moleque teria aulas com o filho dos patrões e decerto faria progressos são duas crianças dizia enquanto caminhava entre tímido e deslumbrado ao longo dos corredores aquela a primeira vez que entrava na mansão uma influencia a outra não é mesmo ama toma gosto pela leitura e mudando de rumo puxa do lado de fora ninguém imagina o que é essa casa por dentro sabe apenas que é uma casa muito grande mas não faz idéia do resto Nonno contudo mantinha-se de cabeça baixa com os cadernos embaixo do braço olhando-o de esguelha podia perceber sua raiva mal contida raiva que ele não deixava transparecer submetendo-se por medo dos pescoções que levaria ao chegar em casa caso desobedecesse

na primeira aula o jardineiro esteve presente assombrado com meu conhecimento quando falei com Nonno em alemão fluente e ele me encarou confuso e irritado sem entender nada eu sabia que ele não entenderia afinal quando é que numa escolinha como a da aldeia haveria aulas de alemão para as crianças mas fiz aquilo só para provocá-lo e impor respeito ele não estuda alemão perguntei afetando ingenuidade que alemão meu principezinho exclamou o jardineiro nem inglês perguntei fazendo ao garoto algumas perguntas em inglês que ele tampouco entendeu lá oh senhorzinho tornou o jardineiro na escolinha da aldeia mal ensinam a cartilha a letra do garoto está feia que só e

ele não sai disso mal sabe escrever o próprio nome ah eu disse eu preciso primeiro ver os cadernos dele dá os cadernos pra ele moleque ordenou o pai com severidade Nonno nem se dignando a levantar a cabeça empurrou na minha direção seus cadernos que passei a examinar uma lástima páginas sujas e esfoladas de tanto escrever errar apagar escrever errar apagar marcas de dedos em todos os cantos rabiscos garranchos uma monstruosidade o livro do segundo ano pelo qual passei os olhos com displicência no mesmo estado ele está bastante atrasado comentei este é o livro do segundo ano mesmo assim não entende nada disse o jardineiro é um burro mal consegue soletrar até eu que não tive escola leio alguma coisa nesse livro ele não e o jardineiro não tinha medida em diminuir o filho a fim de mostrar que fosse ruim o aluno ou a escola o fato era que Nonno não sabia nada então eu me pus sério Nonno primeiro tem de aprender a cuidar do seu livro e dos seus cadernos adverti vou lhe dar material novo Nonno e também um livro novo mas primeiro você vai exercitar sua letra nesses cadernos velhos mesmo para ir melhorando e não escrever tão mal nos cadernos novos e o jardineiro agradecido senhorzinho vejo que fiz mesmo bem em trazê-lo sim confirmei e Nonno irá aprender também o inglês meu filho estudando inglês com o senhorzinho sim seu Joaquim não se pode nem pensar que ele fique sem conhecer pelo menos uma língua estrangeira oh fez o jardineiro com os olhos úmidos de emoção e tem outra coisa seu Joaquim pode dizer senhorzinho Nonno tem de aprender a lavar as mãos antes de pegar em seu material de estudos veja e eu agarrei-lhe as mãos que ele não teve coragem de recolher e as exibí estavam sujíssimas as unhas enegrecidas e a própria roupa não tinha qualquer diferença de um pano de chão tem mais seu Joa-

quim diga senhorzinho Nonno terá de vir todos os dias de banho tomado e roupa limpa essa que ele está usando não serve nem pra limpar o chão dos nossos estábulos pode deixar senhorzinho isso aí é um porco mas tudo isso que o menino está dizendo é muito certo e será observado está ouvindo Nonno o moleque fez que sim baixando a cabeça responde com a boca porcalhão disse o pai está ouvindo estou resmoneou o garoto sem levantar os olhos então agradeça a ele os presentes que vai lhe dar e eu vi o olhar colérico de Nonno relampejar em minha direção 'brigado disse com voz surda e rancorosa e escuta aqui moleque o jardineiro o teve pela orelha ali mesmo na minha presença se você sujar ou estragar o material novo vou despedaçar uma taquara de bambu no seu lombo está entendendo tô pai não é preciso zangar com ele agora seu Joaquim eu disse em tom protetor deixe-o sossegado estou certo de que ele vai fazer tudo direito sim senhorzinho está vendo Nonno vê se aprende também as boas maneiras do senhorzinho ama eu chamei leva Nonno ao banheiro para lavar bem as mãos e limpar as unhas e assim aquela primeira lição terminou com ele escrevendo cinquenta vezes sob minha supervisão cuidadosamente e com as mãos limpas o próprio nome

na tarde seguinte Nonno apareceu na mansão no mesmo horário estava de banho tomado e vestia roupas limpas a ama o levou até o gabinetezinho e saiu vou te picar em pedacinhos disse Nonno sentando-se do outro lado da mesa de estudos está bem eu disse pode me picar em pedacinhos lá fora mas aqui quem manda sou eu você me obedeça pois senão eu conto tudo pro seu pai e ele já lhe prometeu despedaçar uma taquara de bambu nas suas costas está lembrado e agora Nonno vinha todas as tardes pela manhã freqüentava as aulas na escolinha da

aldeia e de tarde das três às quatro às vezes até as cinco sentava-se à minha frente e fazia tudo que eu ordenava

o progresso foi lento no início mas depois Nonno começou a aplicar-se mais e ao fim do segundo mês de lições começara a adquirir uma letrinha razoável havia melhorado nitidamente na leitura e parecia não ter problemas em apresentar-se sempre limpo achei que era hora de lhe dar o material novo que havia prometido mas não entreguei diretamente a ele chamei o jardineiro ao gabinete de estudos aqui está seu Joaquim o material de Nonno que eu prometi e lhe apresentei uma bonita pasta de couro na qual havia livros e cadernos novos além de todas as demais quinquilharias que toda criança deve levar para a escola acho que Nonno agora já vai saber cuidar de suas coisas oh menino oh senhorzinho quanto lhe agradeço você é mesmo como a ama diz um príncipezinho olha que esta semana andei dando uma espiada nos cadernos velhos e gostei do que vi é só ele continuar a vir todas as tardes seu Joaquim ele virá sem dúvida e se algum dia faltar o senhorzinho me comunique que a taquara está guardada lá em casa atrás da porta Nonno escutava tudo de cabeça baixa irado louco para saltar-me ao pescoço mas continha-se agora você pode ir com seu pai Nonno eu disse por hoje é só e os dois saíram um satisfeito o outro furioso

durante aqueles primeiros dois meses evitei encontrar-me com Nonno fora da mansão nem mesmo nos jardins internos eu me arriscava sabia muito bem da sua intenção de vingar-se de tudo que eu o fazia passar nas horas de aula e preferia não enfrentá-lo onde ele pudesse levar vantagem mas um encontro entre nós não poderia ser adiado indefinidamente e acabou acontecendo certa manhã em que eu por não ter aulas naquele dia e certo de que ele estaria na escola àquela hora saí para o

parque a fim de passear pela margem do rio e foi lá que ele me encontrou decerto vira-me sair e seguira-me sem fazer-se notar pegando-me por trás quando eu menos esperava com um violento empurrão atirou-me na água e quando me levantei encharcado Nonno já estava outra vez em cima de mim segurando-me pela camisa agora vamos acertar as contas professorzinho eu levantei o rosto com arrogância faça o que quiser comigo mas de tarde na hora da aula será a minha vez Nonno sabia bater-me sem machucar-me nenhum sinal em meu corpo ficou dos sopapos e trambolhões que levei a não ser minha roupa suja e rasgada que eu escondi da ama entrando em casa pela frente e correndo direto para meu quarto quando Nonno entrou no gabinetezinho de tarde para as lições não levantou a cabeça nem olhou para mim agora é minha vez eu disse em voz baixa e ele baixou ainda mais a cabeça mas ao contrário da ameaça que eu acabara de fazer ensinei-lhe algumas coisas novas corriji suas lições de casa ajudei-o na matéria a ser estudada para a próxima prova e encerrando antes da hora por hoje é só eu disse e saí do gabinete de estudos antes dele sem olhá-lo nos olhos nem lhe dizer mais nada

eu lhe daria aulas de reforço todo os dias ao longo do ano mas lá pela metade do ano seguinte estando ele bem adiantado as aulas à tarde foram rareando até que passamos a ter apenas três encontros por semana para eu ajudá-lo em suas dúvidas agora Nonno já pode seguir sozinho eu disse ao jardineiro assumindo ares de importância e o pobre homem teve os olhos cheios de lágrimas o senhorzinho é abençoado por Deus meu moleque está aprendendo que é uma beleza até o professor da escolinha já reparou em seus progressos pois muito bem seu Joaquim eu disse mas ele pode vir sempre que quiser para pôr em

dia o que estiver faltando ele virá senhorzinho ele virá mas o rancor de Nonno contra mim nunca se extinguiu

do permanente conflito entre nós deu-se um episódio perturbador que não só me surpreendeu como deixou-me num estado indescritível de perplexidade pois começou do mesmo jeito de sempre Nonno perseguindo-me nos jardins da mansão ou fora dos muros no parque fosse para implicar comigo fosse para bater-me como era seu costume ocasiões nas quais ele se precava da presença de alguma testemunha tomando cuidado também para que eu não me machucasse seriamente os empurrões que me atiravam ao chão ralando-me os braços ou os joelhos eram raros pois Nonno escolhia os lugares onde a grama fofa apararia as quedas e se me sopapava nem sempre atingia-me o rosto mas sim os braços por cima da roupa ou então a cabeça deixando-me zonzó às vezes outras vezes aplicando-me chutes nas pernas mas nunca com força suficiente para produzir hematomas e havia as ocasiões em que me apertava o pescoço tentando sufocar-me e então sacudia-me todo sempre porém com cuidado para que eu não perdesse os sentidos mas o episódio singular a que me refiro teve por motivo uma das aulas que lhe dei e justo no período em que ele estando já bem adiantado passara a vir somente três vezes por semana não obstante naquela aula eu exigi demais dele e aproveitando-me da presença do pai o repreendi com aspereza o que o irritou levando-o a responder-me com agressividade e grosseria então redobrei as repreensões de imediato apoiado pelo pai isso mesmo senhorzinho dê duro com ele que chegando em casa a conversa vai ser comigo e com a taquara de bambu no outro dia Nonno apareceu na mansão com vergões nos braços e ao contrário do habitual não vestia seus velhos calções mas calças compridas decerto

para encobrir vergões também nas pernas e pude concluir que na véspera levava uma surra permaneci toda aquela semana dentro da mansão e só me arrisquei a sair para o parque no domingo à tarde certo de que nesse dia Nonno estaria com o pai na aldeia porém fui surpreendido por ele próximo à encosta o garoto decerto espreitava-me e mesmo que o pai não trabalhasse aos domingos ele viera até ali para pegar-me desprevenido Nonno avançou direto para mim e colheu-me pela camisa eu apanhei por sua causa professorzinho agora vamos acertar as contas e você vai apanhar de novo é só eu contar para seu pai e se você me bater eu conto pois conte seu moleque presunçoso pois conte que eu estou pouco me importando depois da surra que vou lhe dar hoje você pode contar pra ele o que quiser e com um pontapé nas pernas cuja força não conteve como se agora estivesse disposto mesmo a machucar-me jogou-me ao chão depois pulou sobre mim vamos ver do que você é capaz quando não está dando aula professorzinho e começou a apertar meu pescoço com uma força inesperada empurrei-o tentando desvencilhar-me mas ele transtornado pelo ódio apertou ainda mais seus olhos fuzilavam parecia fora de si pensei que quisesse matar-me então lembrando-me da ocasião anterior em que meu desfalecimento o assustara relaxei os membros fechei os olhos fingindo desmaiar e com isso seus dedos foram afrouxando em seguida eu já não sentia o peso de seu corpo imobilizando-me mas ainda assim não me mexi eu nunca o vira em tal estado de descontrole e tive medo dele tive medo de abrir os olhos e ele recomçar foi então que se deu algo inacreditável primeiro senti um toque suave da ponta de seus dedos em meu rosto você está dormindo menino não vai acordar não Nonno afastou os cabelos dos meus olhos e pareceu olhar-me durante

muito tempo então é você o príncipezinho que todo mundo gosta não é ele disse supondo que eu havia perdido os sentidos e não podia ouvi-lo e voltando a acariciar-me o rosto você é mesmo um príncipezinho sabia e pôs com muito cuidado a mão espalmada sobre minha face alisou meus cabelos num gesto repleto de ternura um príncipezinho é o que você é um príncipezinho sim é o que você é e por fim Nonno me beijou por que você não é uma princesa hein uma princesinha por quê eu senti seus lábios suavemente em meu rosto sua respiração morna então abri os olhos encaramo-nos com estranheza e confusão e ele se pôs subitamente vermelho levantou-se dum salto ainda encarando-me indeciso parecia não saber o que fazer no rosto uma expressão de espanto então saiu andando rápido sem olhar para trás e foi embora

eu completaria dez anos na semana seguinte

passei sozinho meu aniversário de dez anos assim como havia passado sozinho o de nove não tive aulas naquele dia e durante as longas horas da manhã zanzei daqui pr'ali sem ter o que fazer nem com quem falar a ama veio acordar-me com um abraço e um beijo e como acontecia muitas vezes na véspera eu havia adormecido junto às janelas espiando a planície a ama adúlou-me fez carinhos apertou-me as bochechas esperou que eu saísse do banho para levar-me até a mesa do café enfeitada com um lindo bolo e outras guloseimas como se já estivesse certa de que eu não teria uma festinha pois minha mãe não telefonava havia duas semanas e meu pai encontrava-se em Paris numa conferência que ainda se estenderia por alguns dias meu pai era um homem ocupado e preocupado demais sério demais para dispensar-me alguns minutos no dia do meu aniversário tinha em suas mãos o destino de milhares de empregados e tu-

do que fazia era pensando unicamente em meu futuro como se meu presente não importasse nem sequer existisse e eu sabia disso a ama também por isso enfeitara a mesa naquela manhã as guloseimas pareceram-me sem graça e insossas mas eu provei algumas fingindo alegria para que a boa ama não se ressentisse e me julgasse um ingrato

então depois do café eu comecei a zanzar pela casa e nunca aqueles salões me pareceram tão extensos e vazios os corredores tão labirínticos o pátio e o jardim tão desertos assim resolvi sair cruzar o parque e descer até o rio atravessá-lo quem sabe e ir além internar-me na mata isolar-me sentia-me deprimido e triste por passar meu aniversário sozinho e por isso não queria encontrar ninguém mas saindo para o parque me deparei com Nonno

não nos tínhamos visto desde o beijo durante aqueles dias Nonno não aparecera na mansão certamente desejando evitar-me depois do que havia feito eu penso que para ele seu gesto de carinho revelara uma fraqueza que ele desde sempre se esforçara por disfarçar fraqueza a que sucumbiu por não imaginar que eu fosse surpreendê-lo mas ao perceber que fora pego reagiu do único jeito que sabia eu naqueles dias ainda confuso pensara seguidamente em seu gesto procurando uma explicação mas sem atinar com nenhuma como uma pessoa que persegue e maltrata outra eu me perguntava podia ao mesmo tempo ser capaz de uma violência impulsionada pelo ódio e de um gesto de ternura ditado pela afeição por que Nonno após atacar-me com fúria movido por um sentimento de vingança acariciara-me e beijara-me o rosto quando julgando-me sem sentidos me teve à sua mercê eu não conseguia entender tal atitude agora ali estava ele e era outra vez o menino violento que eu conhecia mas

dessa vez não por um desejo gratuito de implicar comigo como sempre fazia nem movido pelo rancor como da última vez e sim pela vergonha do que havia feito eu penso pois ao me ver primeiro desviou os olhos com visível embaraço e depois para disfarçar seu encabulamento avançou contra mim com fúria deu-me um empurrão quase fazendo-me cair o que é que você está olhando moleque mimado mas eu me amparei num arbusto e quase odiando-o naquele momento virei-lhe as costas afastei-me por uma viela Nonno porém me perseguiu falando alto não está escutando menino eu estou falando com você mas eu continuei andando e ele correu e segurou-me pelos cabelos nos últimos meses meus cabelos haviam crescido muito e agora loiros e ondulados me davam um pouco abaixo dos ombros não está escutando com a dor do puxão fazendo-me virar bruscamente mas percebi sua perturbação ao olhar-me outra vez tão de perto seu rosto quase colado ao meu seus olhos subitamente velados como se uma vez mais fosse mostrar fraqueza eu num repelão me livre e continuei andando até ele correr e empurrar-me outra vez e eu cair de comprido na viela me levantei meio tonto e titubeante empurrei Nonno fracamente para afastá-lo e tentar escapar mas ele voltou à carga e me deu um tapa no rosto daí não sei que rompante eu tive que o golpeei também no rosto com tanta força e fúria que ele sem esperar tal reação recuou aturdido dois ou três passos olhando-me com espanto então nos atracamos

alguns comentários que eu colhi um dia depois escutando à socapa uma conversa do jardineiro com a ama deram-me conta de que seu Joaquim nada conseguira arrancar de Nonno acerca dos arranhões em seu rosto e da dentada que lhe havia dilacerado um dos braços andou brigando na rua de novo seu pa-

tifezinho duma figa teria perguntado o pai com a taquara na mão mas Nonno ao mesmo tempo que apenas dizia ter sido agredido por outro garoto à saída da escola recusara-se a revelar-lhe a identidade o pai não insistiu é bom pra ele aprender a não se engraçar com essa molecada vadia ama é a primeira vez que apanha vai ver que agora toma jeito e a história acabou por aí mas quanto a mim naquele dia entrei em casa com as roupas rasgadas e sangrando pela boca pelo nariz e pelas esfoladuras em meus braços e para que a ama não me visse desse jeito corri para meu quarto tomei um banho e mudei de roupa quando me sentei para almoçar ela olhou com alguma curiosidade os vestígios da refrega que eu não conseguira disfarçar mas não disse nada não sei o que terá pensado mas fez que não viu talvez tenha desconfiado ao ouvir no dia seguinte a história do jardineiro mas tampouco fez perguntas nem comunicou o fato aos meus pais e eu respirei com alívio

nove ou dez dias depois minha mãe apareceu e tão logo me viu correu para abraçar-me oh meu menino meu pobrezinho não deu pr'a mamãe vir no dia dos seus anos tanto trabalho meu lindo nem imagina filmando filmando e filmando mas hoje a mamãe tirou um tempinho umas férias por assim dizer para matar as saudades de seu garotinho e levantou-me nos braços rodopiou pôs-me no chão apertou-me as bochechas puxou-me a ponta do queixo que lindo o meu menino e que lindos e bem cuidados estão os seus cabelos e longos como lhe ficam bem assim nem pense em cortá-los ouviu mocinho e pôs-se a olhar-me encantada mas agora e falou em tom de suspense separando bem as palavras e arregalando os olhos olhe só o que a mamãe trouxe para você e só então percebi duas coisas primeiro que havia um enorme embrulho em papel colorido quase mais

alto do que eu pra você meu pequeno espero que goste e mandou que eu abrisse logo a expectativa de mamãe maior do que a minha e eu abri era um desses ferroramas que além do pacote principal contam com diversos outros pacotes vendidos separadamente que permitem ir aumentando a extensão da via férrea em miniatura e compor uma vasta malha ferroviária minha mãe não apenas comprou o pacote principal como também todos os outros disponíveis nas lojas e ali estava um trenzinho elétrico com um quilômetro ou mais de trilhos paisagens inteiras para montar estações plataformas semáforos passagens de nível montanhas túneis estradas bifurcações carrinhos o maquinista os passageiros o cobrador com seu perfurador de tíquetes e tudo mais incrível como um brinquedo que faria a alegria de qualquer outra criança deixou-me indiferente e em vez de eu começar logo a montá-lo ali mesmo no saguão sorri palidamente e disse muito lindo mamãe obrigado e chamei pela ama leve para o meu quarto ama vou armar o brinquedo lá e a ama chamando pela engomadeira para ajudá-la saiu carregando o imenso pacote escada acima segundo que enquanto essa cena de amor maternal acontecia um moço alto de porte atlético aguardava silenciosamente junto à porta observando-nos talvez com alguma curiosidade e por fim quando nossos olhares se cruzaram ele sorriu para mim um sorriso largo e espontâneo feito um vôo de gaivota minha mãe correu tomou-o pela mão puxou-o para perto de mim querido este é o meu menininho muito lindo disse ela não é uma gracinha completou dez anos outro dia quando foi mesmo meu lindo foi bem não importa foi há poucos dias veja que crescido está e este é um amigo da mamãe acompanhou-a na viagem para que a mamãe não se entediasse no avião convidei-o para passar alguns dias conosco

espero que vocês sejam bons amigos e olhando ora para mim ora para ele prometem que vão ser bons amigos quero que prometam agora que vão se dar bem e o amigo de mamãe estendeu-me a mão abrindo-se num sorriso ainda maior e mais luminoso e então homenzinho como vai eu estava meio atoleimado com aquilo as efusões de mamãe o estapafúrdio brincando um ferrorama com mais de um quilômetro de trilhos o visitante sorridente e maquinalmente toquei a mão do estranho que me deu um aperto pra valer sacudindo-me o braço e o corpo inteiro pelo que vejo está um pouco tímido querida e para mim nada de timidez comigo rapazinho fique à vontade se você gostar de jogos poderemos brincar mais tarde e abrindo os braços respirou fundo ah o ar da colina o ar do campo esse lugar é um paraíso estou certo de que serão dias inesquecíveis e no instante seguinte eu já fora esquecido mamãe chamou pela ama para que apanhasse sua bagagem o visitante transportou ele mesmo a dele duas malas grandes para um dos quartos de hóspedes e de súbito eu me vi sozinho outra vez

minha mãe e seu amigo estavam sempre juntos passavam o dia na piscina pois era verão o céu sempre azul e as tardes ensolaradas e escaldantes mas às vezes saíam para passear pelo parque ou pela aldeia e sempre me levavam com eles essas ocasiões eram de alegria e confusão para mim porque se desde o começo eu simpatizara com o amigo dela ele acabara por conquistar-me de vez ao tomar-me por uma das mãos ela pela outra e seguirmos os três felizes como uma família de verdade nessas ocasiões eu me perguntava se em vez daquele estranho não seria melhor que fosse meu pai então eu me lembrava que meu pai nunca me levava com ele num passeio assim eu entre ambos caminhando pelas ruas da aldeia ou pelo parque pois ele se dizia sempre o-

cupado cheio de compromissos e sem tempo para perder mas eu me lembrava também e confusamente das cavalgadas que fazia pelas terras da propriedade e até pelos arredores com seus amigos e parceiro de negócios passeios dos quais eu nunca participara porque seremos só adultos filho não vai ser bom pra você a única criança com quem você iria brincar não é mesmo ele decidia por mim e pronto daí eu me dei conta pela primeira vez de que havia alguém a quem eu agora preferia ao meu pai

havia porém uma coisa que me aborrecia um pouco era que o amigo de mamãe mesmo tendo um dos quartos de hóspedes só para ele e qualquer um lhe serviria pois eram cômodos enormes e luxuosos passava boa parte do tempo no quarto dela nadando na piscina privativa dela deitava-se ao sol ao seu lado e ali ficavam horas bronzeando-se e eu só de longe espiando e entendendo vagamente aquela história um dia eu disse para a ama mamãe arranhou um namorado e a ama não diga bobagens menino é um amigo dela devem filmar juntos mas a ama como eu sabia que não era apenas um amigo embora eles fossem muito discretos e evitassem em público qualquer comportamento suspeito e eu disse e papai ama e se ele souber e a ama ora você não fica aí pensando bobagens menino é só um amigo de sua mãe mas pra evitar confusão é só você não dizer nada pra ninguém não comenta finge que não sabe e pronto eu não vou dizer nada ama respondi mas à noite depois que todos se recolhiam eu ia pé ante pé até a porta do quarto de mamãe e escutava movimento lá dentro estalidos da cama prolongados suspiros e se empurrava a porta devagarinho para olhar pela fresta via à claridade baça do abajur o volume de dois corpos agitando-se sob os lençóis

minha mãe partiu ao fim de duas semanas tenho de estar

em Porto Alegre amanhã querido vamos ver uma locações mas já ele disse com ar de desconsolo deixe que o diretor veja as locações não posso meu amor tenho de estar lá para começar a estudar meu próximo papel conversavam debruçados no parapeito da varanda privativa de mamãe eu sarandando por ali de olho comprido para os dois além do mais você sabe que não suporto estar em casa por muito tempo mas Adriana esse lugar é mágico isso aqui é uma mansão você tem um filho lindo eu sei meu querido mas é assim que eu sou e não pretendo mudar meu jeito agora quanto a você pode ficar fica mais uns dias quantos quiser depois vai encontrar-me lá afinal as filmagens só começam mesmo no próximo mês e ele pareceu pensativo é uma idéia disse mas tem o seu marido ele pode aparecer de repente Otávio está em Bruxelas nos falamos ontem vai ficar por lá pelo menos até o final do mês esse casamento de vocês não me desce pela garganta é assim que é mamãe respondeu e além do mais pensa que eu não sei com quem ele está quem é a secretária que o acompanha em todas as viagens e ficaram quietos por alguns momentos está decidido mamãe disse eu viajo hoje à tarde você fica mais uma ou duas semanas depois voa para Porto Alegre e a gente se encontra lá mas tem uma coisa passe a ocupar o quarto de hóspedes ora por quê ou os criados são discretos ou não são porque eles já perceberam tudo não importa replicou mamãe prometa-me que vai passar a dormir no quarto de hóspedes está bem está bem prometo e naquela mesma tarde mamãe beijou-me embaixo no pátio já montou o brinquedo que te dei só agora ela se lembrava de mim e do brinquedo já mamãe muito lindo gostou gostei pois eu havia montado o ferrolama e brincado algumas vezes sim era bem divertido mas depois acho que perdeu um pouco a graça ou seria eu que não

conseguia ver muita graça nas coisas sei lá que bom ela disse em tom de aprovação então alheou-se como se perguntasse a si mesma se havia esquecido alguma coisa e depois se encaminhou para o campo de pouso onde o jatinho a esperava e partiu para voltar quando

mesmo minha mãe tendo pedido ao seu amigo que ocupasse o quarto de hóspedes ele continuou no dela no fim das contas não fazia diferença onde ele dormisse pois a ama e os outros sabiam do caso embora ninguém comentasse e meu pai ainda estava em Bruxelas mas eu penso que não custava nada que ele a atendesse nesse pedido afinal o quarto de hóspedes era também muito bom com sacada terraço e piscina privativa e foi isso que eu lhe perguntei três dias depois de minha mãe ter viajado por que você não dorme no quarto de hóspedes como mamãe pediu eram duas horas da tarde o dia estava quente e ele acabara de sair da piscina atirando-se na cama com o corpo ainda molhado a cama nem era arrumada mais no primeiro dia a ama entrara lá cedo enquanto ele caminhava pelo parque e trocara os lençóis pusera uma colcha nova limpou os móveis e o banheiro mas logo desistiu pois mal ele entrou em casa foi se refestelar na cama de minha mãe ia para a piscina privativa e voltava para a cama seus pertences no quarto de hóspedes as malas as roupas os sapatos tudo mas ele mesmo não saía do quarto de minha mãe da cama de minha mãe aqui eu sinto o cheiro de sua mãe ele disse quando me viu de pé na porta com um olhar de acusação é por isso ele respondeu sabe que eu já estou com saudades dela mas eu não respondi apenas continuei olhando para ele sem saber se ficava com raiva daquela invasão ou se gostava dele pois no fundo ele não me parecia mau era simpático alegre e tinha um sorriso franco e luminoso que me

deixava à vontade diferente de papai então eu pensei que ele talvez pudesse ser um pai melhor do que o meu pois meu pai não me tratava como seu filho de dez anos mas como um filho adulto falava-me como devia falar aos diretores de suas empresas queria saber dos meus progressos nos estudos como devia perguntar aos seus funcionários mais graduados por algum relatório ou aos seus especialistas por algum orçamento pela manhã inquiria aos professores na minha presença como se eu não estivesse ali nesses momentos eu me sentia de fato invisível pois os professores para manter a atitude respeitosa também se esqueciam de mim e diziam o seu filho está progredindo muito é um menino brilhante dê-lhe os parabéns mas como eu não estivesse ali não recebia os parabéns e meu pai dizia continuem puxando por ele que seja um homem preparado para a vida eu não construí o que construí para ser atirado pela janela e eles sim senhor não negligenciaremos estamos certos de que o menino será um grande homem e eu continuava ausente invisível não que meu pai fosse mau era apenas frio e distante parecia sempre apressado e insatisfeito e nada disposto a dedicar ao seu menino um momento de carinho pelo menos algumas horas quando estava na mansão para cavalgar comigo caminhar comigo pela aldeia aproveitar aquelas tardes quentes para levar-me a uma sorveteria ou apenas sentar-se à sombra de uma árvore no parque e ficar em silêncio com minhas mãos entre as suas escutando o canto dos pássaros o cricrilar dos grilos as cigarras o amigo de minha mãe sabia sorrir e falava comigo como se fala a uma criança sabe que eu gosto muito de sua mãe ele disse estendendo a mão para mim vem cá e eu me aproximei você é um lindo menino bem que podia ser meu filho

ele se levantou sentando-se na borda da cama puxou-me

para junto de si e acariciou-me os cabelos o rosto sim você é um lindo menino então pegando-me pela mão fomos para a piscina e nos sentamos ao sol com os pés dentro d'água você sabe nadar e eu disse que mais ou menos na verdade eu sabia apenas bater os braços e as pernas e não tinha fôlego nenhum então ele entrou na água e disse vou lhe ensinar tomou-me pela mão venha e eu me firmei em seu braço enquanto me levava para a parte rasa da piscina deixei que ele me conduzisse segurando-me o tronco movia os braços e as pernas com ritmo constante ele ia explicando sincronize os movimentos isso você deve tentar nadar de uma extremidade a outra e quando já conseguir fazer isso sem se cansar vá e volte e assim por diante senti-lo firmando-me o corpo e conduzindo-me enquanto me orientava era bom não porque eu estivesse aprendendo mais e melhor mas porque eu era a criança e ele o garoto adulto que se ocupava de mim sem se preocupar com outra coisa sem se perguntar as horas e o que teria de fazer daí a quinze minutos e que compromissos o aguardavam no dia seguinte do outro lado do mundo tratando-me como se eu estivesse ali e eu estava mesmo ali para ele pois ocupava-se em ensinar-me a nadar e ria-se a bom rir ao soltar-me de repente e ver-me afundar feito um prego mas aplaudia-me logo que eu recuperava o controle na água e já sem sua ajuda movia de forma coordenada braços e pernas gosto daqui porque sinto o cheiro de sua mãe meu pai jamais diria algo assim em sua formalidade de gelo em seu terno de cimento armado e eu podia entender o que ele dizia porque eu também sentia o cheiro de minha mãe naquele quarto nas coisas dela nos vestidos nos lençóis na escova de cabelo sobre a penteadeira na qual às vezes por mais que a mãe lavasse sempre restavam dois ou três fios presos e então eu apanhava aqueles fios finís-

simos quase impalpáveis entre os dedos nem mesmo chegando a senti-los e acariciava a pele de meu rosto com eles então sim recebia de minha mãe essa carícia indireta e distante e fechava os olhos lembrando-me de sua imagem fugaz na televisão pois quando o aparelho era desligado minha mãe não estava mais comigo mas tampouco estava comigo enquanto durasse o filme ou a entrevista e compreendia que dela eu tinha apenas aqueles poucos fios de cabelo presos em sua escova

por fim saímos da água eu respirei fundo cansado e com os braços quase dormientes exercitara-me como não estava acostumado a fazer e entramos atirei-me de costas na cama cansou-se ele quis saber puxa eu disse nessa palavra e na entonação com que a pronunciara muito mais do que ele havia perguntado eu me sentia exausto mas também feliz você devia tomar um banho e lavar os cabelos ele disse para deixá-los macios levei a mão aos cabelos e os senti ásperos levantei-me de um pulo e corri para fora retornei de banho tomado cabelos lavados e quase secos ele havia vestido uma velha camisa de malha e umas bermudas de xadrezinho verde-claro recostado numa rima de travesseiros lia um dos livros que minha mãe costumava deixar na mesinha de cabeceira

tive uma idéia ele disse levantando-se dum salto tomou-me pela mão conduziu-me até o toucador e me pôs sentado numa banqueta defronte à penteadeira vamos fazer uma coisa disse sabia que foi eu quem maquiou e penteou sua mãe no último filme eu fiz que não com a cabeça você não viu o último filme da sua mãe “A Dama na Janela” não viu aqueles cabelos e eu fiz outra vez que não com a cabeça como eu poderia ter visto se era um filme erótico os filmes eróticos de mamãe nunca passavam na TV pois é verdade sei tudo de cabelos e maquia-

gem e gostaria de lhe fazer uma bem bonita você quer eu fiz que sim com a cabeça então ele começou a procurar coisas nas gavetinhas da penteadeira eram tantas gavetas tinha de tudo ali vamos começar pelo batom ele disse este cereja parece adequado segurou-me o queixo com a ponta dos dedos e passou o batom delicadamente em meus lábios não mexa a cabeça para não borrar recomendou existe um segredo para cada coisa quando se maquia alguém explicou o batom serve para destacar a beleza dos lábios e os seus são lindos ensinou-me então a passar os lábios um contra o outro está quase agora com um papel absorvente tiramos o excesso pronto daí eu olhei no espelho meus lábios cor de cereja e então gostou ele quis saber e eu sorri mas agora ele disse girando a banqueta você vai ficar de costas para o espelho e só vai olhar quando eu disser que pode promete hã-hã então vamos escolher a sombra e abriu o estojo de sombras um pequeno engradado com um sem número de cores que iam das mais claras às mais escuras que cor você prefere verde azul lilás verde hum verde está bem que tal esse aqui apontou um verde claro luminoso parece bom eu disse e ele com pequenos toques do pincelzinho de espuma sombreou-me as pálpebras superiores complementando com leves pinceladas de uma sombra prateada e agora o rímel serve pra quê eu perguntei para destacar seus cílios você terá a impressão de que são maiores e mais salientes mas é preciso cuidado para não empastar e eu movi a cabeça ah como se já entendesse alguma coisa daquilo e foi assim que começou a minha metamorfose pois agora era o pó de arroz nas faces e na testa mas sem excesso apenas para realçar a cor da pele ele explicou e um pouco de *blush* a fim de sugerir um leve rubor nas bochechas e então o lápis com o qual desenhou com cuidados de profissional uma linha fina e negra

na borda das pálpebras inferiores finalizando com um risco um pouco mais espesso e esfumado que ia afinando no limite externo de cada olho você vai ver um efeito curioso ele disse seus olhos parecerem ligeiramente mais longos como que amendoados deixa eu ver não só depois você prometeu está bem eu prometi seus cabelos ele comentou correndo os dedos por meus cabelos agora que você os lavou estão macios e brilhantes são desbotados eu disse igual palha que nada é uma cor linda vamos dar um jeito neles e apanhou o pente e a tesourinha eu disse que haviam crescido bastante nos últimos meses desciam abaixo dos ombros mas viviam descuidados a ama tinha tantos encargos que não sobrava tempo para tudo portanto meus cabelos estavam daquele jeito você vai cortar perguntei vendo-o empunhar a tesoura e o pente não nada disso iria estragar tudo se os cortasse só vou apará-los um pouquinho pois estão despontados demais então ele se pôs a acertar a franja a cortar as pontas nos lados e atrás e à medida que progredia penteava-me separava as mechas compunha-o fazia volume por fim deixou de lado a tesoura e o pente e remexendo na caixinha de jóias de minha mãe encontrou uma tiara era uma tiarazinha fina de ouro com uma dúzia de pequenos brilhantes que uma vez posta em minha cabeça fez sobressair o volume da franja e prendendo atrás das orelhas deixava-as à mostra com os cabelos jogados para trás e ainda na caixinha de jóias encontrou dois pequenos rubis num engaste dourado um par de brincos de colchete que ele com jeito prendeu-me nas orelhas falta uma coisa ele disse como que numa lembrança de última hora vou sair um momento prometa que não vai olhar antes que eu deixe eu movi a cabeça já disse que não vou olhar está bem eu confio em você piscou-me um dos olhos e saiu do toucador retornou dois minu-

tos depois vamos trocar essa roupa disse pondo-me de pé sobre a banqueta e despiu-me de minha camisa e das minhas calças curtas encolhi-me embaraçado e o olhei com um pouco de vergonha ora ora ele disse vamos lá e então vestiu-me com uma blusa leve branca de malha que apanhara no guarda-roupas de minha mãe a blusa ficava larga e comprida em mim e até um tanto ridícula mas ele sabia o que fazer tudo tem jeito ele disse e passou por minha cintura um fino cordel dourado que mamãe usava para prender o roupão deu um nó quase sem apertar deixando que as pontas caíssem para o lado repuxou um pouco a blusa por cima do cordel deixando-a fofa na cintura e fazendo a banqueta girar exibiu-me para mim mesmo no espelho mas o que eu vi com surpresa e admiração foi uma linda menina de olhos amendoados tendo nos cabelos uma tiara de ouro e brilhantes e a franja volumosa caindo sobre a testa enquanto nas orelhas uma cintilação rubra servia de contraponto aos lábios cor de cereja e essa menina vestia um elegante e esportivo vestidinho branco que deixava parcialmente à mostra as pernas as coxas grossas firmes e roliças como eu não imaginava que pudesse ter e quanto mais eu admirava a transformação por que havia passado menos sabia quem eu era de verdade uma estranha para mim aquela garotinha espantada na qual eu não me reconhecia que no entanto de dentro do espelho repetia meu sorriso meus gestos minha expressão de assombro

qual o nome dessa linda menina ele disse baixinho junto ao meu ouvido enquanto chegava-se a mim por trás e deslizava a ponta dos dedos por minhas pernas semi-nuas

Ninon eu disse Ninon sem saber explicar de onde me viera à lembrança esse nome de forma tão imediata onde e em que circunstâncias eu o havia escutado Ninon quem seria Ninon eu

não sabia eu só sabia que a garotinha do espelho tinha esse nome esse e nenhum outro

um lindo nome ele disse Ninon você soube escolher

não fui eu que escolhi respondi ainda hipnotizado sem desviar os olhos da menina no espelho é esse o nome dela o nome de verdade e então me voltei para ele ela sempre teve esse nome

ficamos nos encarando por muito tempo e era ele agora quem parecia perturbado em olhar-me assim tão de perto

quero que você me ensine a fazer isso fazer o quê ele perguntou isso e aponte para o espelho fazer com que ela apareça quando eu quiser ora mas é muito fácil vou lhe ensinar os segredos de uma boa maquiagem além do mais você também precisa aprender a cuidar das unhas e segurou-me as mãos mostrando-me como eu estragava as unhas com meu mau hábito de roê-las Ninon não rói as unhas ele disse e remexendo nas gavetinhas da penteadeira encontrou tudo de que precisava lixa e alicate de unhas alicate de cutículas polidor esmaltes espátula pau de laranjeira algodão acetona e começou a fazer-me as unhas com a paciência de uma manicure ele sabia mesmo das coisas e à medida que progredia mas com cautela para não ferir-me com o alicate explicava-me como eu deveria fazer quando tivesse que cuidar das mãos sem a ajuda de ninguém tome sempre muito cuidado com o alicate de cutículas ia dizendo pois você pode se machucar e aconselhou dê preferência ao esmalte incolor para não ter de limpar as unhas a todo momento ou use um colorido quando não houver risco de toda gente ver a ama não pode ver pensei nem a ama nem ninguém saberão que Ninon existe

quando terminou voltei-me para o espelho Ninon agora

mantinha as mãos afastadas do corpo e os dedinhos estirados à espera de que o esmalte secasse e sorria para si mesma presa de encantamento

nos dias seguintes fui iniciado na arte da maquiagem juntos no toucador de minha mãe eu ia aprendendo truques secretos e técnicas enquanto ele me mostrava os apetrechos utilizados kabuki tesourinha pinça hastes aplicador e curvador de cílios mas Ninon não vai precisar ele disse ela tem lindos cílios que se destacam muito em seus olhos azuis esponjas espelhos de aumento os mais variados pincéis pincel de sobrancelha pincel esfumador pincel de contorno pincel de sombra pincel delineador pincel corretivo e o resto o pó de arroz a base o *blush* o lápis para a boca para os olhos para as sobrancelhas o cremoso a paleta de sombras o rímel os esmaltes e o mais toda a parafernália que havia nas numerosas gavetinhas da penteadeira de minha mãe para não falar nos perfumes preste atenção aos perfumes ele recomendou a beleza de Ninon pode ser prejudicada com a escolha errada do perfume como assim eu quis saber o perfume tem de ser discreto explicou nada de exageros e aproximando o rosto do meu pescoço só deve ser percebido quando alguém chegar bem perto de você assim nada de passar e deixar um rastro de cheiro para trás ainda que o cheiro seja agradável torna-se vulgar e Ninon é uma garota sofisticada ou não é é eu confirmei um tanto confuso pois enquanto ele ia me ensinando Ninon estava ausente e eu não sabia quase nada sobre ela

e ela pode repetir a tiarazinha de brilhantes sempre que quiser sua última recomendação cochichada junto ao meu ouvido embaixo no vestíbulo uma semana mais tarde as malas já prontas ao seu lado enquanto esperava o táxi que o levaria embora fica-lhe muito bem

corri para o terraço e enquanto olhava o carro afastar-se da mansão levando o amigo de mamãe eu me sentia ao mesmo tempo triste e feliz triste porque já não teria sua companhia e o carinho de alguém que diferentemente de meu pai tratava-me como a uma criança mas feliz por ele ter-me ensinado a fugir de minha prisão

por aqueles dias a ama não tardou a perceber que meu cabelo fora tratado e que minhas unhas estavam feitas e curiosa e como quem não quer nada perguntou que novidade era aquela foi o amigo de minha mãe eu expliquei é ele quem faz a maquiagem dela para os filmes hãã ele disse que eu devo cuidar das unhas e dos cabelos pois fica feio cabelos cheios de pontas e unhas roídas ah sei é verdade ama e então eu me lembrei da importância que meus pais davam ao nome de família e menti ele disse que um Cantareira deve saber cuidar de sua aparência para não fazer feio na presença dos outros então meu príncipezinho está ficando vaidoso hã não ama é só porque um Cantareira já entendi príncipezinho já entendi e ficou nisso a ama nunca desconfiou de nada quando desconfiou quando descobriu tudo não adiantava mais

menos de uma semana depois de o amigo de mamãe ir embora um acontecimento inusitado veio quebrar a rotineira monotonia da mansão devia ser uma e meia da tarde quando uma mulher vestida com roupas escandalosamente berrantes usando uma maquiagem estapafúrdia trazendo na cabeça um enorme chapéu adornado com flores de palha dos mais variados tamanhos tipos e cores na mão uma grande mala com rodinhas saltou de um táxi defronte o portão principal avançou pela calçada com passos decididos e subindo os degraus da varanda entrou em casa eu estava no terraço da torre central

quando a avistei então resolvi descer para anunciar a novidade mas chegando ao saguão ouvi as exclamações da ama que muito esbaforida se antecipara a mim seu Eduardo o que o senhor está fazendo aqui deixaram o senhor sair recebeu alta da clínica então eu soube que não se tratava de uma mulher mas do tio Eduardo que sabe-se lá como estava de volta à mansão meio abobalhado fiquei observando tio Eduardo entrar com seu jeito desinibido e seus gestos largos reclamando muito do calor insuportável e da poeira porque você nem imagina quanta poeira há nessas estradas ama um horror é inacreditável que o asfalto ainda não tenha chegado por aqui e seguiu explicando que fizera toda a viagem de táxi e quando saíram da rodovia para a estrada de chão nem fechando todos os vidros do carro conseguira impedir a entrada da poeira e largou o enorme chapéu na cabeça de uma das Graças de Canova momento em que me avisou é o meu sobrinho exclamou encantado abrindo os braços como se fosse voar e logo avançou para mim colheu-me num efusivo abraço largando-me em seguida e recuando um passo para olhar-me melhor gente e eu que não conhecia meu sobrinho com que idade está ama dez a ama respondeu oh puxa vida mas também e fez um gesto de desânimo para a ama sempre naquela maldita clínica e de novo para mim mas agora vamos compensar toda essa ausência não é garoto mas que garotão ama que lindo menino oh claro puxou a mãe afinal não é à toa que Adriana é aclamada por sua beleza e continuando para mim sim vamos pôr em dia essa ausência não é querido seremos grandes amigos sairemos para passear eu conheço tudo nestas terras faremos mil programas interessantes vou lhe ensinar uma porção de coisas e tudo mais ama oh ama como eu gostaria agora de um bom banho diga-me se o meu quarto ainda está em

uso depois de tanto tempo e se a banheira ainda funciona e sem esperar resposta apanhou o chapéu e empunhando a mala subiu as escadas demorou-se duas horas num banho de imersão com saís em que disse ter cochilado devido ao cansaço até então eu apenas sabia da existência do tio Eduardo e de suas esquisitices pois a ama me falara muito nele mas aquela era a primeira vez que o via de perto acabando por assustar-me seu jeito expansivo seus gestos amplos e exagerados seus olhares às vezes intensos e no qual brilhava um quê de desacerto uso essa palavra para não falar loucura pois não seria bem uma loucura mas apenas um desacerto em seu cérebro a fazer dele aquela criatura estranhíssima que chegara incorporando talvez uma de suas encarnações segundo ele embora não tenha dito quem seria aquela que trajava de forma tão extravagante mas que ao descer para fazer um lanche vestia uma simples camiseta de malha branca e uma bermuda *jeans* bastante surrada além de calçar umas sandálias de couro cujas tiras de tão desgastadas não tardariam a romper-se então pude observar o tio Eduardo não só bem de perto mas também vestido de forma natural e percebi que ali estava um homem cuja saúde parecia bastante afetada visíveis o cansaço em suas feições as rugas de um envelhecimento precoce e uma certa melancolia no olhar meu sobrinho disse ele enquanto comia sem pressa e frugalmente estou feliz de ter voltado falava devagar parecia outra pessoa no comedimento de gestos e palavras tudo aqui continua igual disse após refletir enquanto mastigava ou quase igual acrescentou quase igual e moveu a cabeça olhando-me com tranqüilidade porque o Tempo não permite que nada permaneça igual e não disse mais nada por um bom tempo a ama entrou duas ou três vezes esperando que tio Eduardo pedisse alguma coisa mas ele parecia satisfeito e ao termi-

nar de comer levantou-se ama estava tudo muito bom imagino que esse pão delicioso saiu do seu forno acertei sim sei que acertei mais tarde pretendo sair para um passeio mas agora eu quero descansar um pouco e já se retirava quando parou ah ama a propósito por enquanto não avise meu irmão que eu estou aqui poderia preocupá-lo ainda que não haja nada de errado em minha vinda sim senhor Eduardo aguardo ordens do senhor ele assentiu brevemente e se retirou não vai mesmo falar com papai ama eu perguntei por enquanto não meu príncipezinho deixe seu tio descansar vamos aguardar que ele decida a melhor hora para informar ao seu pai que ele está de volta

já era noite quando tio Eduardo reapareceu para espanto de quantos o viram desceu vestido outra vez de mulher usava um chapéu de veludo negro com pequeninas flores escarlates tendo escolhido para a ocasião um vestido longo de um vermelho gritante com uma imensa flor amarela do lado direito e um amplo decote que lhe desnudava o peito cheio de pêlos e liso feito uma tábua pois tio Eduardo encarnava uma personagem cujo sexo era diferente do seu mas não impunha uma transformação física e para completar fizera uma maquiagem tosca e pesada meu sobrinho exclamou ao ver-me também à mesa nós vamos fazer um passeio um passeio exclamou a ama assombreada mas não será muito tarde para sair com o menino por aí seu Eduardo ora que tarde que nada ama acabou de escurecer agora mas seu Eduardo talvez o pai do menino não aprove ora ama meu irmão é cheio de histórias que mal há em dar uma volta com o menino voltaremos cedo é apenas para esticarmos um pouco as pernas e além do mais sinto-me otimamente disposto e encarando-me eu não aceito uma negativa como resposta meu sobrinho você é meu convidado a verdade é que tudo aquilo me

divertia e a perspectiva de fazer um passeio com tio Eduardo vestido daquela maneira em vez de deixar-me encabulado enchia-me de expectativas foi com satisfação que cerca de meia hora mais tarde o acompanhei numa incursão pela aldeia mas a ama alarmada telefonaria para papai notificando-o das novidades e papai chegaria ainda aquela noite na mansão enquanto isso porém tio Eduardo escandalizava a pequena aldeia percorrendo os bares bebendo em cada um deles mais do que devia e pagando bebida a quantos estivessem dispostos a acompanhá-lo a presença de um homem com roupas femininas transitando pelas ruas chamou a atenção dos moradores que saíam à rua ou chegavam à janela para vê-lo alguns reconhecendo o irmão doido do dono da mansão o menino não é o filho do Dr. Otávio diziam alguns não será arriscado que uma criança fique na companhia de um doente mental ouvi outros comentarem terá ele fugido do hospício foi também uma das indagações que os moradores faziam entre si porém ninguém interveio e tio Eduardo seguiu em frente se encontrava algum velho conhecido parava para conversar bracejando falando muito e alto de forma que atraía a atenção de todos e nos bares ora decidia-se a cantar e derramava cédulas sobre o balcão a fim de que todos bebam à minha saúde ou melhor à nossa saúde pois este aqui é meu querido sobrinho e é tudo por minha conta punha-se então a cantar músicas da velha guarda horrivelmente desafinado coisa que porém pouco importava a quem estivesse disposto a beber de graça e rir de suas presepadas ora dizia ponham um disco vamos dançar e puxando pela mão algum dos presentes lá se ia ele numa dança desconjuntada até que ensopado de suor deixava-se cair arfando numa cadeira então puxava-me para perto de si ufa meu sobrinho creio que estou mesmo velho já não agüento isso

por muito tempo era tarde da noite quando tio Eduardo caiu desfalecido num banco de praça e eu fiquei por ali sem saber o que fazer enquanto ao meu lado titio roncava a sono solto um dos moradores por fim notando meu desamparo aproximou-se vou levá-lo para casa menino e lá pedimos a alguém que venha buscar seu Eduardo quando chegamos na mansão papai acabara de aterrissar vou eu mesmo buscá-lo disse papai ao homem que me levava para casa o senhor me dá uma carona sem dúvida seu Otávio pode entrar mas ao chegarem na praça tio Eduardo não estava mais lá

tio Eduardo foi encontrado somente ao amanhecer caído à margem da estrada a cerca de dez quilômetros do centro da aldeia estava febril começava a delirar e a dizer coisas desconexas já em casa deram-lhe um banho quente e o meteram na cama mas seu estado não melhorou tinha a fronte molhada de suor enquanto dormia e murmurava frases que não conseguíamos entender às vezes exaltava-se esforçando-se para levantar-se e era preciso que a ama o contivesse fazendo com que se deitasse outra vez o médico que papai mandara buscar pouco pudera fazer pois titio não dava mostras de reagir como se os medicamentos não surtissem efeito somente à tarde ele pareceu relaxar um pouco e cair num sono tranqüilo graças a Deus Nosso Senhor murmurou a ama aconchegando-me a si seu tio parece melhor princepezinho deviam ser oito da noite quando titio abriu os olhos estava sereno e sorriu para mim quando me viu ao seu lado meu sobrinho meu sobrinho que aventura hein que aventura eu também lhe sorri não conseguindo contudo esconder meu embaraço então seu pai está aqui ele disse e eu fiz que sim então eu o vi mesmo eu me lembrava de tê-lo visto mas não sabia se era verdade ou se apenas havia imaginado é verdade ti-

tio papai chegou ontem à noite ah então vá chamá-lo pediu preciso dizer-lhe algo muito importante e quando papai atendeu ao chamado do irmão acompanhado pela ama que lhe trazia um caldo eu não podia esperar pelo que se seguiria meu irmão disse tio Eduardo sinto que é o fim mas há uma coisa que preciso lhe dizer é melhor que você descanse Eduardo disse papai amanhã conversaremos não Otávio tem de ser agora pois amanhã não estarei mais aqui ora mas que idéia mais sem graça seu Eduardo disse a ama aproximando-se com o caldo não ama não Otávio é preciso que eu fale e fez uma pausa respirando fundo olhando-o prostrado daquela maneira percebia-se o estado de abatimento e desgaste físico a que havia chegado não fui eu que escondi os remédios de nossos pais naquela noite ele disse sei que suspeitaram de mim mas não fui eu não é hora de falarmos nisso Eduardo disse papai com gravidade sim meu irmão é hora pois o tempo está se esgotando portanto escute-me só eu sei o que aconteceu porque eu vi o que foi que você viu Eduardo papai perguntou foi nosso pai Otávio eles estavam cansados sua enfermidade não tinha cura e o sofrimento já era excessivo então nosso pai se desfez dos remédios derramando-os na pia do banheiro e abrindo a torneira foi uma decisão de comum acordo não queriam tê-los à mão na hora de tomá-los para não serem tentados a continuar com aquela comédia foi com essa palavra meu irmão que papai se referiu à vida Eduardo disse ele ao descobrir que eu entrara no quarto em tempo de vê-lo fazer aquilo é o fim da comédia e encarando-me com muita seriedade acrescentou de maneira enérgica você vai se calar meu filho não dirá nada a ninguém é uma ordem minha e eu disse sim papai não direi nada a ninguém então ele me entregou os frascos vazios dê um fim nisto de jeito que ninguém

encontre eu obedeci pois achei que era meu dever respeitar a decisão deles

amanhecia quando tio Eduardo soltando um longo suspiro disse eu não voltarei mais aqui e morreu meu pai abalado não teve tino para nada desatou a chorar feito uma criança tendo entre as suas a mão do morto chorou talvez todas as lágrimas que não derramara ao longo de tantos anos aquela a primeira vez que eu o via manifestar abertamente seus sentimentos sempre tão contidos guardados em seu peito como num cofre forte e mais uma vez foi a ama quem salvou a situação providenciando tudo para que o sepultamento ocorresse na tarde daquele mesmo dia

como decorrência desses acontecimentos Ninon permaneceria escondida por algum tempo guardava-se em seu alvéolo mas não tardaria a reaparecer

papai viajou na manhã seguinte ao sepultamento de tio Eduardo e transcorreria ainda cerca de um mês até os criados resolverem organizar mais uma de suas festas foi quando a ama a engomadeira a filha dela Lisa e os outros trataram de iniciar os preparativos havia uma animação geral na mansão como acontecia nessas ocasiões pois o pequeno batalhão de arrumadeiras que mantinham a casa em ordem agora não subia nem mesmo ao primeiro andar trançavam de um lado para o outro carregando coisas e sempre com destino ao pátio dos fundos onde já se preparava o cenário vai ter festa ama eu perguntei vendo-a toda serelepe vai ter festa meu príncipezinho uma festa daquelas e uma criançada por aí pra brincar com você mas eu não demonstrei entusiasmo ah e ela estranhou você não está animado meu cachorrinho disse abaixando-se ao meu lado e conchegando-me ao seu corpo gordo acho que não ama mas

por quê menino ânimo logo de noite isso aí fora vai estar fervendo de gente uma criançada que só vendo pra brincar com você eu dei de ombros não ama eu não vou a essa festa e fui saindo devagarinho deixando a pobre ama meio de cócoras a espiar-me pelas costas decerto espantadíssima

já havia escurecido há muito quando subi para meu quarto e a ama bastante alarmada pensando que eu tinha febre ou algo assim foi até lá e encontrou-me na cama folheando uma revista então que é isso quis saber o meu príncipezinho não vai participar da festa não ama hoje eu não estou com vontade você não está sentindo nada não alguma dor estará resfriado por acaso e ela sentou-se na cama pondo as costas da mão na minha testa no meu pescoço não é nada não ama só estou um pouco indisposto vai dormir tão cedo meu pobrezinho está triste bateu oito horas agora no relógio grande do salão acho que estou meio sonolento vou ler mais um pouquinho e depois dormir hum então está bem não vai precisar de nada um leite um chocolate não ama o que eu quero mesmo é dormir pode ir não precisa se preocupar comigo eu estou bem então a ama deu-me tapinhas nas bochechas estou vendo que você está com boas cores nada de febre não é apertou-me a ponta do nariz deixa eu levar seu biquinho comigo e eu dei uma risada não ah deixa e eu ri ainda mais não e com isso ela pareceu tranqüilizada bem estarei lá embaixo nos fundos com todo mundo não posso bobear senão fazem uma bagunça que Deus me livre boa noite príncipezinho boa noite ama

tão logo escutei os passos da ama afastando-se ao longo do corredor até se tornarem inaudíveis eu me levantei dum salto e corri para o quarto de minha mãe entrei no toucador e acendi a lâmpada

defronte à penteadeira Ninon ensaiou seu retorno

Eram dez horas quando, de pé sobre a banquetta, e com um último toque em sua toalete, Ninon ajustou a tiara de brilhantes em seus cabelos fazendo sobressair o volume da franja, nas orelhas brilhando dois pequenos pingentes de ouro que faziam par com a correntinha em seu pulso direito. Sorriu, os dentinhos muito alvos aparecendo entre os lábios nacarinos, mas dessa vez havia escolhido uma sombra azul-claro, acentuando-a um pouco mais para destacar a cor e numa espécie de contraponto escolhera para as unhas um esmalte no mesmo tom de azul; intensificara o *blush* sem contudo tornar exagerada a coloração das faces e alongara o risco negro na extremidade dos olhos, tornando-os mais amendoados, enquanto um sutil escurecimento na área interna das pálpebras fê-los mais profundos e sedutores; o vestido, engendrara-o da mesma blusa branca de malha usada na ocasião anterior e o mesmo cordel dourado para fixá-lo e franzi-lo na cintura, deixando à mostra metade das coxas.

Finalmente pronta, e depois de contemplar por alguns segundos a encantadora menina dentro do espelho disse “eu sou Ninon”, e repetiu “eu sou Ninon” para ouvir bem sua voz, e ainda uma vez “eu sou Ninon”, mas sua voz não lhe pareceu tão agradável quanto esperava que fosse, seria preciso treiná-la para que soasse com suavidade — o pipilar de um passarinho —, sem tibieza, pelo contrário segura mas feminina como deveria ser a voz de uma garota de sua idade, “eu sou Ninon” repetiu, “e vim aqui por sua causa, trouxe docinhos para você, poderemos nos encontrar outras vezes e se você quiser posso lhe ensinar uns jogos, oh, sim, vamos nos divertir muito” e assim por alguns minutos ainda ensaiou a voz buscando um timbre que sabia seu mas que ainda não dominara por completo. Ni-

non construía-se, e sua voz era uma parte essencial dessa construção. Por fim deu-se por satisfeita desceu da banquetta e saiu do toucador.

Mas não iria à festa.

Saindo do quarto, desceu para o segundo andar e aproximou-se de uma das janelas que davam para o pátio dos fundos, onde a multidão rodopiava com a alegria da comilança e das bebedeiras e ao som da música estridente que brotava das caixas; na azáfama a ama como de costume ia empurrando um bêbado aos trambolhões para um canto, na certa intimando-o a comportar-se, a ama era mesmo uma mulher decidida e quem sabe não teria feito carreira como boxeadora, idéia que fez Ninon rir sozinha, mas não era a ama quem lhe interessava agora. Demorou-se algum tempo contemplando o povo sem o risco de ser vista, pois estava escuro e ela meio envolvida pelo amplo cortinado branco da janela. No meio da turba agitada e alegre e de uma chusma de crianças que passavam às carreiras avistou Nonno, que corria com outros meninos mas que em algum momento haveria de parar — e parou, ao receber das mãos de uma das cozinheiras um copo de refrigerante e um prato com guisado e pedacinhos de carne, encostando-se numa parede enquanto comia.

Era a oportunidade que Ninon esperava.

Nonno mordida uma coxa de galinha quando, apesar da assuada, escutou um leve rangido ao seu lado: uma portinhola que havia ali — e que dava acesso aos porões —, um momento antes trancada, estava agora entreaberta. Espiou para dentro, curioso, mas nada conseguiu enxergar. Mesmo assim, enquanto comia continuou a olhar para o interior escuro do cômodo.

— Vem, entre aqui — ouviu um sussurro, uma voz que não pôde reconhecer.

— Quem está aí? — perguntou um pouco alarmado.

— Está com medo? — ouviu outra vez a voz sussurrar.
— Duvido que tenha coragem de entrar aqui.

— E eu lá tenho medo de alguma coisa? — respondeu resolutamente o garoto, e empurrou a porta fechando-a em seguida atrás de si. Avançou alguns passos no escuro mas nada conseguiu enxergar a não ser ao longe o retângulo vagamente iluminado de outra porta onde, súbito, assomou o vulto de uma menina. Nonno resolveu continuar, colidiu contra um móvel pesado e em seguida tropeçou em alguma coisa que não identificou. O prato de guisado escapou-lhe das mãos espatifando-se no chão e ele soltou uma praga. Uma risadinha maliciosa ressoou no outro cômodo, mas quando olhou outra vez o vulto havia desaparecido. Nonno avançou com cautela até o retângulo iluminado e espiou: não havia ninguém ali. Avistou à esquerda uma larga escadaria para o andar de cima, de onde provinha uma luminosidade vaga. O garoto subiu degrau a degrau, espichando resabiado o pescoço mas ao mesmo tempo mordido pela curiosidade, “deve ser aquele pestinha” ia pensando consigo mesmo, “se o pego, dou-lhe uma surra”; mesmo assim não deixava de lado a cautela detendo-se em cima, indeciso, num extenso corredor iluminado. No fim desse corredor uma outra escadaria pareceu-lhe que levava ao segundo pavimento, e Nonno, ainda titubeando mas cada vez mais curioso, continuou sua “aventura” pelo interior da mansão: emergiu em cima noutra corredor — quase inteiramente às escuras, não fosse por uma luminosidade frouxa que brotava de uma enorme porta bem ao fundo. O garoto avançou devagar, deteve-se uma vez ainda tentando ouvir, por fim aproximou-se da porta e olhou...

Parou aparvalhado.

— Oi, eu sou Ninon, estou sozinha, pode entrar.

Ninon estava sentada numa cadeira de madeira escura, tosca e de aparência antiga, e apoiava um dos braços a uma mesa enorme ao seu lado, sobre a qual uma mixórdia de quinquilharias prateadas e douradas refulgia à luz intensa que provinha dos lustres acesos.

O assombro que mantinha o garoto imóvel e pregado ao chão não era provocado pela suntuosidade pesada do salão repleto de quadros, móveis luxuosos e uma rara estatuaria dispersa junto às paredes e às colunas, nas quais rebrilhavam frisos e florões dourados onde a luz reverberava com variada intensidade, conforme as linhas e o formato das flores, tampouco impressionara-o o altíssimo pé-direito daquele cômodo de onde pendiam esses lustres cuja luz transformava a noite em dia, ou a espessa tapeçaria musgosa onde seria como se os pés afundassem numa relva alta e fofa; o que deixara o garoto plantado no mesmo lugar fora a inesperada e inexplicável presença daquela menina que ele nunca tinha visto na casa, linda feito uma fada, e que lhe sorria convidando-o a entrar.

Depois de instantes de hesitação, moveu-se.

— Não! — exclamou Ninon a rir. — Tire os sapatos — e apontou para baixo —, não podemos estragar o tapete — e exibiu os próprios pezinhos descalços.

Nonno atrapalhou-se, tirou de forma atabalhoada os sapatos (vigiou as meias, teve um suspiro de alívio ao perceber que estavam limpas) e avançou um ou dois passos, já com cuidado e receio, e seus pés com efeito afundaram na maciez do tapete.

— Quem é você? — perguntou com uma voz que mal lhe saía da garganta.

— Eu me chamo Ninon, já disse — respondeu a menina.

— Eu o vi de uma janela lá de cima — e indicou com o dedo o segundo andar — enquanto espiava a festa, e como estivesse muito sozinha aqui pensei em convidá-lo para me fazer companhia

— Você mora nesta casa? — o garoto perguntou sem atrever-se a chegar perto da menina.

— Moro — Ninon respondeu —, isto é, eu venho pra cá às vezes.

— Como é que eu nunca te vi?

— Ah, deve ser porque eu passei a vir só há pouco tempo. Hoje mesmo eu só cheguei agora à noite, pouco antes do início da festa.

— Mas você não é da aldeia, então deve vir da cidade.

Ninon ficou pensativa.

— Não, é de outro lugar que eu venho, mas não posso falar de onde...

— Por quê?

— Porque não posso, ora essa, mas que importa? Eu estou aqui agora e quero que você me faça companhia — levantou-se da cadeira, deu volta à mesa e abrindo uma gaveta retirou de lá três ou quatro travessas, nas quais havia docinhos de diversos tipos e aparências. Pôs as travessas à vista, puxou uma cadeira para perto da sua e aproximou-se do garoto tomando-o pela mão: — Venha, sente-se aqui na minha frente, esses docinhos são uma delícia.

Nonno baixou a cabeça encabulado e deixou-se levar pela menina, sentou-se e estendeu a mão tímida e hesitante para um dos docinhos.

— Não fique com vergonha, pode comer à vontade, eu trouxe mesmo para nós.

— E o menino? — ele perguntou.

— Que menino?

— Ora, o menino que mora aqui, o filho dos donos.

— Ah, aquele chato, não gosto dele. Isto é, gosto um pouquinho, mas ele nunca quer brincar comigo. Imagina, ele me deixou sozinha e foi dormir! Ficou lá em cima dormindo.

— Ele é seu primo?

— Meu primo? — Ninon fez uma cara de espanto. — Que idéia! Não, ele não é meu primo, ele é só o filho dos donos, eu sou uma visitante... mas ande, pode comer, fique à vontade — e ela mesma apanhou um docinho e comeu com uma gulodice divertida, lambendo os dedos depois.

Para deixar Nonno menos encabulado Ninon levantou-se de um salto, apanhou as travessas e arrumou-as no chão:

— Vem, senta aqui, é mais divertido.

O garoto porém embaraçou-se com aquela atitude, e enquanto a menina lhe estendia a mão convidando-o a sentar-se ao seu lado, ele ficou indeciso e olhou-a com curiosidade e um não disfarçado encabulamento, até decidir-se a sentar no tapete. Fazia o mínimo de movimentos possível, como se não desejasse ocupar espaço algum ali. Nonno percebia de forma intuitiva, embora não com clareza, a enorme diferença entre ele, um garoto rústico, acostumado a brigar na rua com outros iguais a ele, ora batendo, ora apanhando e — pior! — filho de criação do jardineiro da casa, menos que um subalterno, portanto, e aquela criaturinha encantadora que não obstante o tratava como a um igual, como se nenhuma disparidade houvesse entre suas roupas coçadas e o vestido simples e elegante que ela usava, além da coroa zinha a rebrilhar entre seus cabelos, os pingentes nas orelhas, a correntinha dourada em seu pulso, “tudo nela é lindo”

pensou Nonno, “e essas coisas decerto são de ouro. É uma menina rica, como é que pode querer brincar comigo, ser minha amiga?”. O garoto a custo mastigava um docinho, observando Ninon, que parecia divertida com sua falta de jeito.

— Por que você não foi à festa? — ele perguntou, e com isso sentiu-se menos troncho, mas logo em seguida lhe pareceu ter dito uma tolice: pois então uma menina como aquela iria fazer o quê, numa festa onde só havia gente grosseira e escandalosa? E as crianças então? Que horror! Aquela molecada estúpida, sem modos, que só vivia às carreiras, aos gritos e aos palavrões! Só se fosse pra ela acabar se machucando.

— Eu não tive vontade — Ninon respondeu. — Achei que estava muito agitado, a música está muito alta, eu não gosto de tanto barulho.

— Ah — e ele, terminando de comer, limpou os dedos na calça, ficou inerte olhando para o tapete.

— Come mais — ela disse.

— Não — ele respondeu.

— Você não gostou?

— Gostei sim, estava muito bom.

— Então pode comer mais!

— Está bem — e Nonno, envergonhadíssimo, apanhou mais um docinho.

— Você não gosta de estar aqui comigo? — Ninon perguntou olhando-o diretamente nos olhos e se fazendo séria.

— Gosto.

— Mas não parece.

— Por quê?

— Sei lá — e deu de ombros —, parece que não lhe agradou eu tê-lo convidado a vir aqui.

— Eu gostei de vir — ele disse numa voz quase inaudível, e tentou justificar-se —, é que eu não conhecia você, nem nunca tinha entrado nesta casa.

— Você gostou daqui? — e Ninon fez um gesto indicando o vasto salão, mas o garoto mal conseguiu confirmar com um movimento de cabeça. — Este é o salão das artes — Ninon insistiu —, não gostou?

— Gostei sim — o garoto respondeu, sem coragem de encarar a menina.

— Você quer vir aqui outra vez? — e ele olhou-a de relance:

— Mas pra quê? — perguntou.

— Ora essa, pra vir, pr'a gente conversar mais.

— Se você quiser, eu venho.

— Eu quero. Podemos marcar um outro dia?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Sabe que eu gostei de você? — Ninon disse, abrindo-se num sorriso que o fez sentir vertigens e ofereceu-lhe um docinho na ponta dos dedos: — Prove este — Nonno fez menção de apanhar o doce mas Ninon recuou a mão: — Não, morda o doce em minha mão — e tornou a oferecê-lo. Nonno arregalou os olhos, pôs-se vermelho: como poderia morder o doce na mão da menina? Recuou a cabeça apavorado. — Puxa! Você não quer! — exclamou a menina com uma carinha de desalento.

— Não é isso! — disse o garoto, morto de vergonha.

— Então prove o docinho — Ninon insistiu —, vamos dividi-lo, você come primeiro, eu como depois — e já pálido como cera, o garoto mordeu canhestramente o doce na ponta dos dedos da menina, que levou o resto à boca. — É verdade,

eu vi você da janela e o achei simpático, então quis conhecê-lo. Agora eu quero que você seja meu amigo.

— Hum-hum — ele fez sem coragem de levantar os olhos

— Da próxima vez que você vier, a gente pode inventar uma brincadeira.

— Que brincadeira?

— Um jogo qualquer, o menino tem uma porção de joguinhos divertidos. Ele não se importa se eu os apanhar, daí eu o ensino a jogar. Você quer?

— Quero — a voz lhe saía áspera e desagradável, como se responder à menina fosse um suplício, e era, pois Nonno cada vez menos conseguia dizer o que quer que fosse, sentia-se imobilizado por sua presença, por vezes desejava estar o mais longe possível dali, preferia nunca ter conhecido alguém assim, mas ouvindo aquela voz tão doce como se cantassem os anjos, e levantando timidamente os olhos deparar com seu olhar brilhante, o sorriso descontraído e franco e mais a mágica beleza de suas feições, era como se alguma coisa dentro dele desmoronasse: então quase lhe brotavam lágrimas.

amanheceu um domingo ensolarado e a ama foi encontrar-me adormecido junto às vidraças ela já se habituara a isso mas dizia sempre outra vez meu príncipezinho assim não adianta nada você ter uma cama tão confortável eu fiquei olhando a planície ama e acabei pegando no sono ora ora não sei que tanto você olha é sempre a mesma paisagem dormiu bem dormi ama só escutei de longe o barulho da festa bobo não quis ir não sabe o que perdeu tanta gente tanta criança então Lisa entrou esbaforida ama tem um homem lá embaixo procurando pela senhora o que ele quer criatura você não pode resolver nada

sem me incomodar não vê que eu agora estou com o menino ele quer falar à senhora ama eu bem que perguntei pra saber do que se tratava mas ele disse que tinha ordem de falar apenas à senhora ou aos patrões mas como eles não estão está bem está bem já vou descer e para mim meu príncipezinho seu café já está na mesa é só escovar os dentes vestir-se e descer com esse dia bonito podemos fazer um passeio se você quiser que passeio ama uma caminhada até o lago subir o rio pelas trilhas parece uma boa diversão eu quero sim ama não vou demorar nada e perguntei Lisa também irá bem se ela quiser a ama respondeu e levaremos um cesto com provisões para um piquenique tornei a perguntar sem isso não teria graça a ama puxou-me a orelha então já me apronto mas naquele dia nosso passeio não se realizaria o homem era um mensageiro vestindo luto que viera expressamente à mansão comunicar a morte de minha avó Eduviges mas como foi isso meu Deus do céu exclamou a ama no exato momento em que eu também saía para o saguão curioso acerca do visitante e ele explicou que dois dias antes minha avó recolhera-se ao quarto e mandara chamar o mordomo se eu morrer Horácio teria ela dito como que pressentindo o que estava para acontecer nada de telefonar vá pessoalmente à mansão informar a todos fale apenas a minha filha ou ao marido e caso nenhum dos dois esteja dê a notícia a ama que ela providencia o resto então na véspera sentindo-se pior pediu a presença do padre que correu ao seu chamado apenas em tempo de assisti-la em sua morte que nem demorou coitada foi embora feito um passarinho ela quis que eu viesse pessoalmente ama e pediu pr'a senhora avisar a filha e o marido eu havia escutado as palavras do homem e compreendia que minha avó não apareceria mais em nossa casa fazia quase seis meses que não vinha e agora não

viria mais a ama abraçou-me naturalmente enquanto deixava correr algumas lágrimas e eu fiquei na dúvida se devia chorar um pouco também por minha avó ou não a notícia por seu caráter ao mesmo tempo repentino e definitivo causara-me uma compunção uma espécie de pancada por dentro que me pusera soturno mas não estava certo se seria o caso de desatar em lágrimas pois ainda que eu estimasse a morta era uma estima sem arroubos distante minha avó era por sua própria natureza uma mulher distante pouco dada a expressar seus sentimentos e com relação a mim nunca demonstrara um afeto verdadeiro tratava-me com um carinho morno falava pouco comigo e no mais do tempo lia seus livros fazia passeios solitários conversava com meus pais quando eles estavam mas sempre perseverando naquela sua reserva requintada de maneira que ao fim desse balanço eu cheguei à conclusão de que não estava abalado a ponto de chorar apenas concheguei-me à ama e encostei o rosto em seu corpo enquanto via o mensageiro partir com sua dignidade grave e suas roupas escuras minha mãe e meu pai vieram para o sepultamento chegaram naquela mesma tarde às pressas nos seus jatinhos minha mãe encontrava-se em São Paulo para uma série de entrevistas e meu pai participava de uma reunião de cúpula de uma de suas empresas em Buenos Aires aquela uma das raras ocasiões em que eu num terninho preto e com uma gravatinha borboleta que aparecia sob o colarinho da camisa de linho deixava a mansão a cerimônia foi rápida havia quando muito dúzia e meia de pessoas decerto os amigos mais íntimos de vovó que além da filha não tinha parente algum mais e naquela mesma noite meu pai retornou a Buenos Aires após dar-me um abraço e perguntar-me pelos estudos vou indo bem papai assim é que eu gosto meu filho e isso foi tudo que ouvi dele nesse dia mi-

nha mãe decidiu que só voltaria para São Paulo na manhã seguinte e acompanhou-nos a mim e a ama até a mansão onde já chegou exausta indo logo para a cama quase nem se deteve para tomar um banho rápido e comer alguma coisa nem mesmo se lembrou de dar-me um beijo de boa-noite pela manhã porém antes de partir abraçou-me demoradamente eu desejando que aquele abraço não findasse nunca e ajoelhando-se para ficarmos da mesma altura olhou-me com atenção examinou-me demoradamente você é a única coisa que me resta no mundo disse e beijou-me as faces com os olhos cheios de lágrimas eu não sabia se aquelas lágrimas eram pela morte de minha avó ou se alguma coisa se rompera dentro dela em relação a mim pois em seguida mamãe se levantou calçou suas luvas e apanhando a única maleta com que viera partiu uma vez mais

o que você quer com minha prima foi três dias depois da festa que encontrei Nonno no pátio dos fundos ele não me viu chegar olhava na direção das cavalariças e parecia distraído quando lhe perguntei o que queria com Ninon assustou-se e voltou-se para mim com um estremecimento por ter sido pego de surpresa mas de pronto reagiu e o que é que você tem a ver com isso acontece que Ninon é minha prima respondi e eu me interesso por ela eu o interpelara para provocá-lo precisava saber se Nonno estava certo em relação a Ninon mas ele avançou na minha direção e eu recuei um passo está fugindo de mim fracote vou contar para o pai dela que você está incomodando a filha dele eu disse cada vez mais disposto a provocá-lo estudar suas reações o pai dela não está na casa ele respondeu pensa que eu não sei mas quando ele vier eu disse ou então ligo para papai e conto e ele manda o jardineiro embora desta casa e contrata outro daí você nunca mais vai poder vê-la Nonno olhou-me

com certa curiosidade e um ar de dúvida teria eu coragem de cumprir tal ameaça o que meu pai tem a ver com isso ele disse um instante depois parecendo desconcertado ele precisa do emprego além disso foi ela quem me procurou não eu a ela eu nem sabia que ela estava na casa e além do mais ela me disse que não é sua prima eu dei de ombros Ninon mentiu para você é claro que somos primos ela é filha de uma irmã de mamãe que nunca tinha vindo aqui e se quase não aparece é porque passa o dia estudando agora mesmo está lá na biblioteca com os livros Nonno parecia um pouco confuso deixara de lado sua agressividade natural e encarava-me com desconfiança foi ela que me procurou no dia da festa ele repetiu tentando justificar-se mas não queria nada demais apenas conversar e sobre o que vocês falaram ah isso não digo não é da sua conta se quiser saber pergunte a ela e pergunte a ela também por que quis conversar comigo eu já perguntei mas ela não me disse nada então eu não posso fazer nada também e Nonno voltou a olhar demoradamente a cavalaria entre as árvores na esplanada ao longe de onde o pai de Antônio acabava de sair pois já deviam ser cinco da tarde e ele decerto iria para casa então Nonno esquecendo-se de mim começou a caminhar naquela direção onde um vulto que me pareceu ser Lisa acabara de surgir desaparecendo logo em seguida que estaria Lisa fazendo lá aquela hora é melhor você se afastar de minha prima eu disse às suas costas ela não quer nada com você ele se virou para mim com ar divertido como é que você sabe então eu resolvi humilhá-lo olhe pra você e olhe pra ela não enxerga a diferença eu acentuei em minha voz uma entonação de desprezo além do mais ela só tem doze anos eu mencionei a idade de Ninon não para influenciá-lo de alguma forma porque eu não havia inventado a idade de

minha prima naquela hora esta era com efeito sua idade doze anos que se impunha naturalmente por sua aparência e foi assim que Ninon adquiriu mais um de seus traços determinantes aqueles que iriam se somando para construí-la por inteiro pois as roupas que escolhia a maquiagem as jóias com que se ornamentava constituíam elementos transitórios que ela podia modificar a seu bel-prazer porém o nome e a idade não Nonno pude perceber se ressentira do que eu acabara de lhe revelar pois baixou a cabeça e assim esteve por alguns instantes sem responder mas antes de voltar-me novamente as costas e se encaminhar para a cavalaria relanceou-me um olhar irritado em outras ocasiões por uma coisa assim ele avançaria contra mim e se eu não fugisse ele me daria dois ou três pescoções mas agora não agora Nonno hesitava em bater no primo de sua amiguinha seria que aquele moleque briguento de treze anos apaixonara-se por Ninon

mas daí a dois dias fui eu que vi de uma das janelas da mansão Lisa de tardezinha encaminhar-se às furtadelas para a cavalaria e resolvi tirar a limpo aquela história sem que me notassem desci ao térreo saí para os jardins laterais contornei a mansão pela parte leste meti-me pelas sebes e segui por uma ruazinha entre as árvores que me conduziria até lá sem o risco de ser visto aproximando-me já seriam quase seis horas e não tardaria a escurecer o que quer que Lisa estivesse fazendo aí ela escolhia essa hora bem vespertina decerto não querendo ser descoberta aproximei-me sem fazer ruídos a porta da cavalaria estava aberta então entrei

e vi Antônio abraçando Lisa por trás ambos estavam despidos da cintura para baixo Lisa gemia baixinho mas Antônio arfava feito um touro consegui esconder-me numa das baias va-

zias de onde podia observá-los ficaram naquilo um bom tempo Lisa passou a gemer cada vez mais alto empinava as nádegas que Antônio encaixava em seu colo esfregando-se nelas com violência Antônio era bem forte para conseguir levantar Lisa daquele jeito apenas com as mãos depois foram diminuindo o ritmo e por fim se separaram haviam terminado

na tarde seguinte eu acabara de tomar café quando Lisa passando pela copa me perguntou se eu queria escutar uma de suas histórias a menos que você não se interesse mais por essas coisas agora que está tão crescido não é então eu lhe disse você e Antônio se encontraram ontem não foi então ela parou rete-sou-se olhando-me com cara de quem tivesse visto assombração e eu acrescentei na cavaliária e foi como se uma parede desmoronasse sobre sua cabeça pois Lisa após aquele primeiro instante de estupor pôs-se pálida agitou os braços fez ssshhh e correu para mim na ponta dos pés como se fosse questão de vida ou morte evitar qualquer ruído seu moleque atrevido não fale isso em voz alta desculpe Lisa eu eu coisa nenhuma e sentou-se numa cadeira em frente a mim fique quieto não diga nada a ninguém essas coisas não são pra comentar mas eu acho que Nonno também anda espionando vocês ah aquele patifezinho deixa estar ele comigo o que você vai fazer com ele Lisa então ela me olhou feito uma Fúria não interessa e o que você acha que sabe sobre mim e Antônio trate de esquecer mas Lisa mas coisa nenhuma ela me interrompeu eu não posso lhe falar agora estou ocupada eu sou uma garota ocupada tenho muito serviço pra fazer mais tarde quando eu tiver uma folga mas preste atenção está prestando estou Lisa então preste mais ainda estou prestando Lisa não diga nada a ninguém não comente se possível nem pense se minha mãe souber se ela ao menos desconfiar é

capaz de matar-me levantou-se apressada compondo a touca e andando rápido voltou-se da porta para mim e pôs um dedo sobre os lábios em bico o cenho franzido em sinal de zanga saindo em seguida

uma hora mais tarde quando desci até a porta oeste que dava para fora do muros encontrei Nonno que zanzava por ali aproximei-me dele e lhe estendi um pequeno envelope cor-de-rosa minha prima pediu-me que lhe entregasse ele me olhou franzindo o cenho com ar de desconfiança ao mesmo tempo que apanhava rapidamente o envelope está aberto disse eu sei ela me entregou assim e você deve ter xeretado não eu respondi eu tenho educação sei que não se deve mexer na correspondência dos outros é bom mesmo que não tenha aberto que eu vou perguntar a ela pois pergunte Nonno tirou de dentro do envelope um pedaço retangular de papel no qual Ninon escrevera um simples bilhete gostaria que você viesse amanhã à noite a portinha no pátio dos fundos vai ficar aberta eu o espero no mesmo lugar venha às dez Ninon eu fiquei por ali vigiando-o estudando sua reação enquanto lia ao terminar Nonno dobrou o papel guardando-o de novo no envelope e o enfiou no bolso o que foi que ela escreveu perguntei não é da sua conta ele respondeu com maus modos não fique indo atrás de minha prima eu ameacei pois o pai dela vai acabar sabendo só se você contar e eu vou mesmo contar é só ela se sentir incomodada por você é ela quem quer me ver ele disse avançando um passo na minha direção e apontando-me o dedo não pedi a ninguém para mandar-me bilhete nenhum está bem mas tome cuidado Nonno avançou mais e segurou-me pelos ombros e você não se meta onde não é chamado sacudiu-me largou-me e foi embora assoviando

Ninon precisava de uma caligrafia própria uma assinatura pessoal por isso eu passara boa parte daquela tarde ensinando-lhe como seria sua letra e sua assinatura até a garota adquirir um domínio completo de seu traço ensaiei com ela aquele bilhete inúmeras vezes como se um tomasse a mão do outro e a conduzisse pelo papel e não foi diferente não aconteceu de outra maneira como afirmar que não era mesmo Ninon escrevendo até aprender a própria letra e a própria assinatura e só assim redigir a cópia definitiva destruir as demais e pedir-me que fosse entregá-la a Nonno

Ninon ganhava consistência, crescia, adquiria vida própria.

naquela noite depois que a ama deu-me seu beijo e sua benção eu me levantei e entrei no quarto de minha mãe não queria deixar para a noite seguinte a escolha da roupa e da maquiagem que Ninon usaria em seu encontro com Nonno era preciso deixar tudo pronto de antemão para não perder tempo pois Nonno viria às dez e às oito a ama tinha o hábito de vir ao meu quarto Ninon tinha portanto menos de duas horas para aprontar-se o que de resto não era tão pouco já que nas noites anteriores desde a festa dos criados a menina ensaiara um sem-número de maneiras diferentes de maquilar-se e vestir-se explorara o guarda-roupas as gavetinhas da penteadeira o porta-jóias de Adriana e não só adquirira grande perícia naquele ritual de transformação e embelezamento como também aprendera a vestir-se pois alguns dias antes tivera a idéia de ter suas próprias roupas e para isso incumbira-me de comprar-lhe vestidos blusas calças calcinhas sandálias lenços echarpes um guarda-roupas completo use sua mesada ela havia dito pois eu não tenho di-

nheiro mas tome cuidado para que a ama não desconfie de nada ao vê-lo chegar com tantos pacotes mas como é que eu vou sozinho à aldeia primeiro você não vai à aldeia que ali não deve ter nada que preste você vai à cidade é muito longe que longe que nada de carro não gasta nem uma hora de viagem gasta sim e segundo você não vai sozinho alguém irá acompanhá-lo você só terá de conseguir autorização da ama e o que eu vou dizer pra ela inventa mas ela não vai negar afinal você já tem dez anos e é só entendeu está bem entendi mas e quando eu chegar lá quando chegar lá ordene ao seu acompanhante que fique no carro enquanto você entra nas lojas sozinho entendeu bem você vai entrar nas lojas sozinho então é só escolher e comprar roupas para uma menina que irá fazer anos você já sabe das minhas preferências e o que eu vou dizer eu sou um menino como é que vou explicar pro vendedor invente qualquer história ou então não diga nada diga apenas que são roupas para uma menina de doze anos e pronto estou certa de que você saberá se sair muito bem é só ter atitude e não bancar o pascácio seja homem mas só me traga o que houver de melhor e mais caro jóias eu uso as de sua mãe e assim eu fiz não antes de dizer à ama que sentira vontade de passear sozinho pois já estava crescido e tinha de começar a agir por mim mesmo e além do mais acrescentei quero comprar algumas coisinhas com minha mesada que afinal eu nunca uso a ama achando graça em minha atitude negaceando um tanto e um tanto consentindo até consentir de vez e recomendar a uma das criadas mulher de ares sérios já um pouco idosa que cuidava da prataria que fosse junto mas obedeça o menino em tudo está ouvindo frisou ela ele já é um homenzinho foi portanto assim que com minha viagem à cidade supri Ninon de um farto enxoval

quando voltei para meu quarto encontrei Lisa sentada na minha cama esperando-me precisamos conversar ela disse eu avancei até a cama e enfiei-me debaixo do lençol conversar sobre o quê sobre o que você pensa que viu eu não disse que vi nada respondi encarando-a com firmeza eu disse apenas que você e Antônio se encontraram na cavalaria ela curvou-se um pouco sobre mim fazendo-me uma carícia nos cabelos e depois correndo os dedos por minhas faces sobre os meus lábios menino lindo não minta para a Lisa lembra de quantas histórias eu lhe contei lembro sabe que eu o estimo muito não sabe sei então sabe também que pode confiar em mim assim como eu posso confiar em você não é eu fiz que sim com a cabeça ela abriu-se num sorriso eu sei que você me viu com Antônio eu não neguei nem confirmei continuei olhando-a nos olhos você me disse que Nonno também andava nos espionando sim confirmei eu vi ele indo na direção da cavalaria outro dia mas um instante antes eu tinha visto você indo para lá também ah Lisa mordeu os lábios revirou os olhos com coquetismo aquele safadinho depois eu me entendo com ele o que você vai fazer com ele nada demais só dar-lhe uma bronca caso eu o pegue espionando-me de novo curvou-se mais sobre mim agora Lisa quer lhe dizer uma coisa o quê ou melhor Lisa quer lhe dar uma coisa mas você não pode contar pra ninguém o que é mas Lisa não respondeu beijou-me eu senti seus lábios úmidos tocando os meus num afago e sua língua que penetrava minha boca e enroscava-se na minha enquanto sua mão avançava sob o lençol senti seus dedos tocarem-me as pernas numa demorada carícia o que você está fazendo balbuciei quando ela se afastou um pouco eu não estou fazendo nada ela respondeu beijando-me o que ssshhh e eu me retesei quando seus dedos subiram e invadi-

ram meu *short* ssshhh ela fez outra vez semi-cerrando os olhos e encostando o rosto no meu não diga nada menino bonito Lisa devagarinho despia-me e acariciava-me você gosta não é eu não respondi era-me impossível falar naquela hora então Lisa entrou sob o lençol e eu percebi que ela não vestia nada por baixo do vestido isso é para selar entre nós nossa cumplicidade agora você é meu e eu sou sua ela sussurrou curvando-se para beijar-me outra vez eu poderei vir aqui sempre que você quiser é só me dizer quando e eu venho você quer que eu venha a voz de Lisa feito uma canção distante entre o som do vento nas folhagens e o marulhar de um regato

Quando na noite seguinte Ninon se encaminhou para seu encontro com Nonno já passavam quinze minutos das dez. Ela havia escolhido para aquela ocasião um vestidinho de seda bege que descia à altura dos joelhos, porém aberto do lado direito até quase o quadril, sandálias marrons de verniz, e jogou sobre os ombros uma finíssima echarpe transparente de renda preta. Já para os cabelos, um adorno de pérolas e acrescentara uma linda gargantilha de contas; manteve porém os pingentinhos de ouro nas orelhas e a correntinha no pulso esquerdo. No rosto muito alvo sobressaíam os olhos amendoados como ela aprendera a fazer, a sombra marrom com uma espécie de contorno azulado que inventara e os lábios negros, pois Ninon se sofisticava a cada aparição.

Ao entrar no corredor, avistou em frente à porta do salão das artes um par de calçados rústicos e soube que Nonno já estava à sua espera.

— Olá — disse ao entrar, e Nonno, que admirava uma escultura arrimada a uma coluna, voltou-se num sobressalto: ali

estava a menina com quem se encontrara na noite da festa, não a mesma, conquanto fosse Ninon e não outra que ali estivesse, pois outra não poderia ser ainda que não fosse a mesma, não saberia dizer se mais linda, se mais encantadora, sabendo apenas que era linda mas de um outro jeito, e encantadora mas com um outro poder de sedução.

— Oi — ele tentou dizer, disse, mas a voz saiu rascante e quase mesmo nem saiu, pois na presença de Ninon sentia-se diluir como se de si restasse apenas um sopro.

A menina notou-lhe a perturbação e parou a dois passos sorrindo-lhe com desprendimento:

— Vem — disse, estendendo-lhe as mãos —, vamos sentar ali — e indicou num recanto um largo sofá ao lado do qual, sobre uma mesinha, um quebra-luz propiciava com sua luminosidade fosca um clima de suavidade que mais se acentuou quando Ninon apagou as outras luzes do salão. — Sente-se perto da luz — ela disse —, eu fico aqui — e ocupou a outra ponta do sofá. — Então, que tem feito?

Nonno deu de ombros mal conseguindo levantar os olhos para a garota.

— Nada, fico andando por aí.

— O filho dos donos da casa ainda lhe dá lições?

— Como é que você sabe?

— Ele me contou outro dia.

— Ah... mas agora é só às vezes, quando não entendo bem a matéria... e lições de inglês duas vezes na semana...

— E você aprendeu alguma coisa com ele? Você parece muito cabeça-dura...

— Eu? — e Nonno encarou-a ao mesmo tempo com timidez e surpresa.

— Parece sim — e Ninon sorriu. — Então, aprendeu alguma coisa com ele?

Nonno moveu a cabeça:

— Aprendi... estou aprendendo ainda... — e baixou os olhos envergonhado, pois afinal ele tinha treze anos e seu professorzinho apenas dez —, ele me disse que vocês são mesmo primos — Nonno acrescentou para mudar de assunto.

— Ah, ele disse isso?

— Disse.

— Bem... é verdade, somos primos sim — Ninon respondeu com segurança —, não que eu goste — acrescentou, frisando bem as palavras —, acho ele um garoto muito chato, muito mimado e eu não gosto de meninos mimados, cheios de vontades.

— Ele não parece cheio de vontades — Nonno replicou.

— Mas é — Ninon disse, e perguntou: — Vocês se dão bem?

— Eu e ele?

— Sim, você e ele.

Nonno mais uma vez embarçou-se: como poderia dizer a sua amiga que batia no primo dela às vezes? Não, não poderia dizer-lhe isso pois ela certamente o mandaria embora e não o veria mais.

— Mais ou menos — respondeu então.

— Por que mais ou menos?

— Bem, porque... — e Nonno não soube o que dizer.
— Porque ele não é como você — respondeu por fim.

— Como assim?

— Bem... é que... — Nonno levantou os olhos para Ninon na esperança de que ela desistisse daquela pergunta, mas a

menina o encarava com firmeza e ele sentiu-se corar. — Eu e ele não fomos muito com a cara um do outro.

— Ah, então é isso? — e Nonno fez que sim com um gesto e um sorriso desenhado. — Mas você não se importa se eu lhe escrever alguma cartinha e pedir a ele que lhe entregue como fiz ontem, não é?

— Não, mas ele me entregou o envelope aberto.

— Ah, é verdade, eu me esqueci de fechar, mas não se preocupe quanto a isso, podemos confiar nele, é um menino bem educado; é chato, mas bem educado, não iria ler uma correspondência destinada a outra pessoa.

— Então ele sabe que você me convidou para vir aqui...

— Sabe, eu disse a ele, mas com a condição de não contar a ninguém e também de não vir nos incomodar.

— Será que ele não vem? Será que não está por aí espionando a gente?

— Não, não vem, ele sabe que se vier eu lhe dou uns puxões de orelha.

— E seus pais, quando vêm?

Ninon levantou-se, deu uma volta pelo salão; não respondeu a Nonno, que a acompanhou com o olhar, “que garota estranha”; deteve-se diante de uma pintura de Claude Lorrain — Pôr do Sol sobre águas — e ficou contemplando por alguns instantes a paisagem marinha, quase sentindo no rosto a calidez da luz poente. Parecia tomar uma decisão... e por fim voltou a sentar-se:

— Nem sei quando eles vêm... estão viajando... a trabalho, sabe?, falei com eles ontem pelo telefone... mas deixa isso pra lá, não importa agora... quero lhe perguntar uma coisa — e Ninon fixou Nonno com um olhar agudo, pondo-se séria —, é sobre aquela moleca que trabalha na mansão...

— Que moleca?

— Lisa.

— Que é que tem a Lisa?

— Vocês são amigos?

— Eu e Lisa?

— Sim, você e Lisa, são amigos?

Nonno encarou Ninon com desconfiança:

— Mais ou menos — respondeu — a gente se fala por aí, só isso.

— E vocês se encontram por aí também? Quer dizer... vocês passeiam juntos, conversam muito?

— Por que você me pergunta por Lisa?

Ninon pusera-se séria e desta vez chegou a ser ríspida:

— Responda o que lhe perguntei! Vocês passeiam juntos? Conversam muito? Sobre o que conversam?

Nonno sentiu-se desconfortável com o olhar agudo da menina. Parecia-lhe que a qualquer momento iria lançar-se sobre ele e estrangulá-lo.

— Às vezes nos falamos... não muito, mas às vezes nos encontramos e falamos... afinal ela e a mãe trabalham na casa... meu pai também e eu estou por aí quase sempre... então a gente às vezes se vê...

— E é só isso? — Ninon insistiu.

— O que haveria mais?

— Não sei, por isso estou lhe perguntando. Por exemplo, vocês só se encontram nas dependências dos criados e no jardim, enfim, só por aqui ou em lugares mais distantes da casa? Por exemplo na cavalaria... vocês se encontram às escondidas na cavalaria?

Nonno se pôs subitamente vermelho, sentiu as faces em

chamas e não teve coragem de encarar a menina. Ninon soube então de Nonno e Lisa e o olhou com rancor. Levantou-se:

— Quero que você vá embora agora, ouviu bem? — disse em tom cortante, encarando-o com visível despeito.

— Mas por quê...?

— Não é da sua conta — tornou, incisiva —, eu só quero que vá embora...

— Mas, Nin...

— **Vai embora!!** — a menina explodiu por fim, pálida de ódio. — **Ficou surdo? Estou mandando!** Eu vou para o meu quarto e não quero vê-lo tão cedo, moleque sem-vergonha... porcalhão... ah, e tem outra coisa: ninguém pode saber que você vem aqui nem que nos encontramos, se meus pais descobrem não é bom nem pensar... aliás, eu já não sei se vamos nos encontrar outra vez, está ouvindo?... **Está ouvindo?** — e sem mais saiu, deixando o garoto sozinho e confuso no salão.

ninguém conhecia a letra no bilhetezinho que apareceu embaixo do ferro de engomar pouco depois de Lisa ir à aldeia a mando de sua mãe era uma letra feminina disso não tiveram dúvida conquanto parecesse infantil teria sido escrito por uma menina mas demonstrava personalidade com seu traçado seguro e vertical sem nenhuma rasura mas o bilhete só correu de mão em mão depois do pequeno escândalo doméstico que provocou e cuja finalidade era essa mesma todos se perguntavam quem teria escrito aquele bilhete e a ama chegou a cogitar que cada serviçal escrevesse alguma coisa num papel para comparar as letras mas uma das cozinheiras a dissuadiu bobagem ama quem é que liga pra isso essas coisas acontecem não é da nossa conta e a ama pensou melhor desistiu mas uma das coisas que um

fantasma tem de vantagem sobre o resto das pessoas é passar despercebido ser invisível e assim ninguém viu quando eu entrei na lavanderia logo depois de Lisa ter saído e pouco antes da mãe começar seu serviço e deixei lá o bilhetinho que Ninon havia escrito e me entregado naquela manhã tenha muito cuidado para não ser visto e botar tudo a perder ela disse mas eu lembrei a ela que não tinha perigo algum pois no mais das vezes eu era invisível na casa

o bilhetinho dizia sua filha Lisa encontra-se com Antônio quase todos os dias de tardezinha na cavalaria e ali ficam de pouca-vergonha vigie Lisa e a senhora verá tudo com seus próprios olhos a engomadeira não comentou nada com ninguém esperou para confirmar a acusação contida no bilhete e no dia seguinte no final da tarde deixou a filha à vontade quando Lisa saiu ela foi atrás e eu também atrás das duas mas de longe para que não me vissem e desconfiassem de que fora eu a botar o bilhetinho de Ninon embaixo do ferro de engomar ela viu Lisa caminhar dissimuladamente para as sebes e esconder-se lá depois correr na direção da cavalaria então ela foi atrás e eu atrás das duas Lisa entrou na cavalaria e alguns minutos depois a mãe também entrou sorrateiramente mas eu fiquei só de longe espreitando não demorou muito escutou-se o destampatório da engomadeira trazendo Lisa quase arrastada pelos cabelos ainda descomposta e gritando para todos ouvirem que sua filha era uma meretriz e que o safado do Antônio era o culpado todos na casa correram para ver a causa do berreiro enquanto a engomadeira descrevia com detalhes como havia encontrado os dois sobre um monte de feno sem roupa ama sem roupa os dois esse celerado seduziu minha filha ah mas ele vai ter de casar com ela ora se não casa e veio o pai de Antônio ele casa com

sua filha sim ele limpa a honra dela ou eu lhe arranco o pinto fora foi então que o bilheteinho começou a passar de mão em mão

naquela noite eram quase onze horas quando Lisa tendo conseguido burlar a vigilância da mãe entrou em meu quarto furiosa foi você moleque não foi eu o quê Lisa fiz-me de inocente eu era mesmo inocente ou quase porque eu havia posto o bilhete embaixo do ferro de engomar mas a pedido de Ninon que o escrevera eu não podia esquivar-me a um pedido dela além do mais que culpa eu teria se Ninon estava ardendo de ciúmes foi você seu moleque ordinário que escreveu aquele bilhete e deixou lá onde minha mãe pudesse ver não Lisa juro que não como não como não se só você sabia dos meus encontros com Antônio na cavalaria vai ver que não era só eu que sabia e quem mais ela berrou Nonno eu disse não lhe contei que o vi espionando vocês outro dia ora Nonno esse patifezinho não poderia ter escrito aquele bilhete não é a letra dele eu conheço é mas conhece a minha também que não se parece nada com a do bilhete e como é que você sabe que não se parece eu vi o bilheteinho na mão da ama tive tempo de dar uma espiada sei mas você é bastante esperto para disfarçar sua letra e Nonno não eu não disfarcei minha letra mas você por que é que faz tanta questão de defender Nonno eu não estou defendendo aquele salafrariozinho está sim e eu sei por quê Lisa está ouvindo eu sei por quê e por quê cada vez mais exaltada Lisa discutia comigo com as mãos nas cadeiras em atitude agressiva nem sentar-se na beira da minha cama queria seus olhos fuzilavam era possível que a qualquer momento saltasse no meu pescoço foi então que eu a fiz recuar porque você também faz com Nonno o quê ela estremeceu pôs-se pálida descabelou-se o que é que você está dizendo moleque que você faz com Nonno também o

que faz com Antônio e o que fez comigo aquela noite então ela se calou fora apanhada e não tinha resposta olhava-me com perplexidade e toda sua hostilidade se convertera em hesitação e pasmo Lisa eu disse estendendo-lhe minha mão para fora do lençol vem aqui ainda um tanto catatônica ela se deixou cair na beira cama com desânimo o que você quer não fica zangada não eu não escrevi aquele bilhete juro vem aqui pertinho de mim ela se inclinou na minha direção eu sei o que você quer seu safadinho e ela se curvou para beijar-me seu pestinha ela disse você é igual a todos os homens não é isso Lisa o que é então quero que você me prometa que não vai mais fazer com Nonno promete e Lisa a mão dentro de meu *short* acariciava-me você jura que não escreveu aquele bilhete juro Lisa por que você não quer que eu faça com Nonno porque eu não gosto dele e ela mas só por isso e fez uma cara de tristeza fingida eu sabia que agora era preciso mentir então disse não mas também porque eu tenho ciúmes de você

o ciúme de Ninon por Nonno fora posto à prova e ela vencera sua primeira batalha Lisa agora manter-se-ia afastada do garoto de forma que Ninon poderia ter sobre ele inteiro controle e enquanto minha prima saboreava sua vitória era eu agora quem controlaria Lisa que parecia muito derretida por mim apesar de eu ter apenas dez anos de idade e ela dezessete em nossos encontros noturnos havia ocasiões em que Lisa despi-me inteiramente e punha-se a admirar meu corpo bem feito pois se fora o tempo em que eu era apenas uma criança enfermiça e pálida a partir dos nove anos meu corpo sofrera mudanças essas mudanças não se operaram de uma hora para outra foram lentas mas apesar da brancura da minha pele eu gradualmente me transformara num menino corado de aspecto sau-

dável e todo o meu corpo adquirira contornos arredondados os ossos antes sempre à mostra já não eram visíveis e meus braços e pernas haviam-se tornado grossos roliços e bem proporcionados minhas espáduas já não saltavam das minhas costas feito duas farpas minhas clavículas mal apareciam e minhas coxas e nádegas haviam se enrijecido Lisa gostava de admirar e ao mesmo tempo beijar meu corpo começava por minha boca e depois ia descendo beijava-me o pescoço o peito a barriga o púbis até pousar os lábios sobre meu sexo e envolvê-lo com a língua Lisa passara a visitar-me em meu quarto pelo menos uma vez por semana às vezes duas

não era difícil alcançar a parte nobre da mansão e mesmo na penumbra subir ao terceiro andar mas eu disse a Lisa você precisa tomar cuidado para não ser vista por ninguém andando pela casa não se preocupe meu menino bonito ela respondeu a Lisa é esperta ou não é e ela vinha sempre depois das onze horário em que a mãe e a ama já estariam dormindo mas eu preciso saber quando você vem eu disse e expliquei é para ficar acordado esperando porém o que eu tinha em mente era evitar um indesejável encontro de Lisa com Ninon como explicar-lhe no dia seguinte a existência daquela menina na mansão assim nas noites em que Lisa ia ao meu quarto Ninon permanecia em seu casulo

ainda que eu não possa negar que os encontros noturnos com Lisa fossem agradáveis excitavam-me cada vez menos e eu só continuava recebendo-a e mesmo pedindo que voltasse com a finalidade exclusiva de mantê-la afastada de Nonno como eu voltasse a falar do garoto e pedir-lhe uma vez mais que não se encontrasse mais com ele Lisa pareceu intrigada mas por que você tem ciúmes de Nonno e não do Antônio hoje por exem-

plo eu e o Antônio ficamos juntos mamãe nem desconfia mas a gente se encontrou na mata eu não tenho ciúmes dele Lisa porque ele é bom para mim me trata bem o Nonno não o Nonno já brigou comigo e até me bateu algumas vezes é por isso ele bateu em você Lisa espantou-se eu fiz que sim com a cabeça e uma tal cara de desalento que a comoveu é por isso que eu não gosto dele mas que patife de moleque exclamou Lisa indignada bater no nosso príncipezinho e você não contou para a ama eu fiz que não e acrescentei nem você vai dizer coisa nenhuma a ninguém sobre isso ah se eu o apanho de jeito disse as palavras sibilando entre seus lábios e para mim beijando os dedinhos cruzados juro príncipezinho juro que com o Nonno nunca mais e eu não tive dúvidas de que ela cumpriria a promessa Ninon por seu lado impusera ao garoto a condição de não mais entrevistar-se com Lisa e o lembrava dessa condição sempre que estavam juntos ameaçando não tornar a vê-lo se viesse a descobrir que ele a desobedecera Nonno contudo se apegara a Ninon de tal maneira e tão encantado parecia estar com ela que não havia dúvida de que se Lisa o procurasse ele se afastaria sem hesitação

depois daquele desastroso encontro em que Ninon deixara intempestivamente o salão das artes enraivecida por descobrir que Nonno mantinha encontros amorosos com Lisa minha prima sentiu saudades do garoto e pode-se mesmo afirmar que teve receios de que fosse ele a não querer mais vê-la ainda assim resolveu castigá-lo e por isso manteve-se afastada por duas semanas inteiras um dia porém ela veio até mim e me pediu que lhe entregasse uma nova carta mas desta vez com o envelope lacrado que é isso ele perguntou você sabe eu respondi quem é que lhe escreve cartas nesta casa sua prima ela mesma pensei

que ela não quisesse mais me ver por quê você aprontou alguma eu não ele se defendeu vai ver que aprontou eu insisti minha prima não se zanga à toa não é nada da sua conta está ouvindo eu não aprontei nada aliás pensei mesmo que ela já tivesse ido embora não foi não e não sei quando vai ah e os pais dela estiveram aqui outro dia Nonno arregalou os olhos sim eu confirmei vieram à noite já era tarde mas tinham um compromisso e viajaram outra vez na manhã seguinte muito cedo e desta vez é certo que vão se demorar fora alguns meses não sei por que resolvi inventar de improviso aquela história e enquanto falava imaginei que a mentira poderia desfazer-se por sua própria fragilidade pois bastava que Nonno comentasse com alguém da casa para que lhe dissessem não esteve ninguém de fora na mansão nestes últimos dias e eu estaria enrascado então acrescentei mas minha prima não quer que se fale do assunto por quê porque ela se ressen-te da ausência dos pais e de ter de ficar aqui sozinha não vá falar-lhe nada para que ela não se aborreça com você eu não vou falar nem comente com ninguém da casa acrescentei já disse que não vou falar e pára de ficar me fazendo recomendações você não tem nada a ver com isso eu sei que não tenho mas sei também outra coisa que coisa que você gosta dela e soltei uma risadinha maliciosa Nonno pôs-se vermelho e avançou segurando-me pela camisa se você repetir isso de novo é melhor você não fazer nada eu disse com um certo atrevimento se não eu não lhe entrego mais nenhuma carta dela e deixo que vocês dois se viem como puderem para encontrar-se diante dessa ameaça Nonno soltou-me recuou um passo sempre encarando-me com irritação mas convencido de que precisava de mim portanto não podia bater-me mais eu aproveitei para espi-çá-lo está-se vendo que você gosta mesmo dela e daí ele disse

e se eu gostar eu dei de ombros se gostar nada ora essa mas será que ela gosta de você se não gostasse não me mandava uma carta não vai ler vou mas não aqui você é muito enxerido e dando-me as costas afastou-se enquanto tentava abrir o envelope a carta um simples bilhete no qual Ninon marcava um novo encontro para aquela noite no lugar de sempre mas para deixá-lo em suspense dizia ter-lhe um pedido a fazer

Nonno sempre se surpreendia ao ver Ninon, e em presença da menina sentia-se outro — não aquele garoto rebelde e agitador que gostava de baderna e de brigar com moleques de rua, não o menino mau que batia no fantasma solitário por ser mais velho e mais forte e poder impor-se a ele, o almofadinha, sempre arrumadinho e de roupas limpas, sempre cheirando a sabonete, os cabelos compridos feito uma garota, “parece um maricas” dizia às vezes, sentindo porém uma fisgada de despeito ao lembrar-se de tudo que o menino sabia e de como puxara por sua cabeça e exigira que decorasse tanta coisa, que lesse tanto, que escrevesse a ponto de criar calo em seu dedo indicador, ele, não mais o péssimo aluno de antes mas um estudante bastante razoável e que progredira muito nos últimos anos, até o inglês já começara a dominar; ao lembrar-se dessas humilhações, Nonno sentia aquela fisgada por dentro e uma vontade de pegar o menino pela garganta e dar nele, mas na presença de Ninon o moleque violento desaparecia e em seu lugar ficava um garoto abobalhado e fraco, perdido diante de sua beleza, pois naquela noite Ninon trazia os lábios nacarados nos quais, além do batom, passara também um brilho que lhe dava uma aparência de umidade, lábios grossos que se abriam num sorriso nevado; as pálpebras coloridas de verde-clarinho e o adorno, que em

ocasião anterior usara nos cabelos, posto agora à feição de gargantilha com as pequeninas pérolas destacando-se em seu pescoço alvo; os cabelos presos atrás num rabo-de-cavalo, porém a franja volumosa e farta caindo sobre a testa, sobre os olhos; os pingentinhos de ouro substituídos por dois pequenos brincos de brilhantes e no pulso direito um lindo relóginho de esmeraldas que encontrara no porta-jóias de Adriana. Vestira uma blusa de seda vermelha que prendia na cintura com uma faixa do mesmo tecido — em que dera um grande laço do lado esquerdo —, cujas mangas bufantes eram presas por delicados lacinhos de seda preta; e uma saia branca, curta e justa que lhe deixava as pernas à mostra, vestuário com o qual combinavam as sandálias brancas ornamentadas com florinhas vermelhas aplicadas sobre as tiras de couro.

— Hoje nós não vamos ficar aqui — disse a menina assim que entrou no salão das artes.

— Não? — Nonno estranhou, sempre surpreendente essa menina, pois se ela dizia que não iriam ficar era porque iriam a algum lugar, mas aonde?

— Não, nós vamos sair, ou melhor, você vai me levar.

— Eu vou te levar aonde?

— Ora, sei lá, você inventa, você é o cavalheiro, esqueceu? Eu sou a dama, é você quem escolhe.

— Mas eu não sei aonde te levar. E se tua família descobrir que você saiu escondida de casa?

— Se você não der com a língua nos dentes, ninguém vai descobrir.

— Mas se nós sairmos daqui, alguém poderá nos ver.

— Ninguém vai nos ver, porque nós vamos a um lugar onde não haja ninguém.

— Então não entendo, de que adianta ir a um lugar onde não há ninguém?

— Nonno, você é mesmo um pascácio, bem meu primo me disse.

— O que ele disse?

— Ele disse que você é um pascácio...

— Deixa ele comigo!

— ...e você não vai fazer nada contra ele, está ouvindo, porque se fizer eu nunca mais falo com você!

Nonno conteve-se, baixou a cabeça, Ninon era bem capaz de cumprir a ameaça que acabava de fazer e ele não podia arriscar-se a perdê-la.

— Eu não vou fazer nada contra ele — respondeu —, é que eu não sei aonde ir com você.

— Não é preciso saber, apenas finja que sabe e me leve para fora dessa casa, vamos dar uma volta por aí...

— Está bem — e Nonno, saindo do salão das artes, calçou os coturnos —, vamos então, vamos passear — e Ninon o acompanhou.

Desceram para o porão e saíram pela portinhola dos fundos; seguiram por uma ruazinha revestida de cascalho e avançaram na direção da cavalaria.

— Para onde está me levando? — Ninon perguntou.

— Depois da cavalaria — respondeu Nonno —, onde ficam os descampados. Lá não aparece ninguém e o terreno é limpo, só tem relva, poderemos caminhar sem nenhum perigo. Melhor ainda que tem lua e está tudo claro.

— Então vamos, estou ansiosa para conhecer esse lugar!

— Você ainda não conhece?

— Claro que não! Por isso estou ansiosa para conhecer.

— Você nunca sai de casa, Ninon?

— Não, por ordem dos meus pais só fico estudando, por isso preciso que você me leve a todos os lugares que ainda não conheço. Que mais existe por lá?

— Bem, adiante tem um caminho que leva a umas pedreiras enormes, acho que você vai gostar.

— Estou curiosa — e Ninon segurou a mão do garoto, que estremeceu sentindo aquele toque morno, como se segurasse uma brasa sem se queimar.

Haviam passado a cavalaria em silêncio, mas ao chegarem nos descampados Ninon disse:

— Você se encontrava com ela ali.

— O quê?

— Não é preciso fingir, eu sei, você se encontrava com ela na cavalaria. Ou era em outro lugar?

— Com ela quem? — Nonno se fez desentendido.

Ninon parou:

— Se você continuar fingindo, eu volto agora mesmo pra casa.

Nonno estremeceu.

— Sim — confirmou —, eu me encontrei com ela algumas vezes, mas não na cavalaria... nem nas pedreiras... noutro lugar...

— Viu como eu sabia?

Nonno sentiu os olhos da menina feito duas verrumas cravados nos seus, e teve vergonha.

— Eu não vou mais encontrar-me com ela, Ninon.

— Promete?

— Prometo.

— Eu não quero, Nonno, que você goste dela.

— Eu não gosto dela. Somos apenas amigos.

— Só amigos mesmo?

— Sim, juro!

— Então está bem, vamos em frente — e apertando a mão do garoto, instigou-o a continuar o passeio.

Seguiram caminhando pelo descampado, escolhendo a sombra das árvores esparsas pois a Lua estava tão clara que Ninon teve medo de que alguém os pudesse avistar.

— Mas não há ninguém por aqui a essa hora — disse Nonno.

— Nunca se sabe.

Desciam agora uma pequena colina. Embaixo a vegetação era mais densa, moitas, arbustos, árvores, e além podiam ver que o matagal tornava-se mais cerrado.

— Creio que não poderemos ir em frente — a menina disse, porém Nonno replicou:

— Estamos na direção certa. O caminho para as pedreiras é logo ali, só que não podemos avistá-lo daqui — e ao descerem a colina abriu-se à sua frente um caminho, nem largo nem estreito, suficiente para que caminhassem um ao lado do outro. O caminho penetrava no matagal, retorcia-se em curvas e adiante subia.

— A subida é muito longa — disse Ninon.

— Você está cansada?

— Não — e parou para olhar o relóginho —, é que eu não quero voltar muito tarde.

— Mas ainda há tempo, agora estamos perto — Nonno disse.

— Então vamos — e terminaram de subir o aclave.

— Estamos chegando — Nonno disse. Estavam agora nu-

ma espécie de topo, uma chapada curta e igualmente descampada pela qual avançaram, alcançando a beira de um precipício.

— É aqui — e diante dos olhos de Ninon, à luz da lua, abriu-se um imenso e profundo vale; embaixo, enormes rochedos compunham uma paisagem singular, assombrosa, que a menina nunca poderia ter imaginado, e enquanto admirava o lugar aconchegou-se ao garoto e passou-lhe o braço pela cintura, reclinando a cabeça em seu peito. Nonno sentiu o coração aos saltos descompassados e uma opressão quase tirou-lhe o ar, o calor do corpo de Ninon contagiava-o e o perfume que emanava dos cabelos que ela, desfeito o laço que os prendia, deixara soltos, provocou-lhe uma ligeira vertigem. Por um momento Nonno teve dúvidas de estar vivendo a realidade, pois de súbito tudo lhe parecia um sonho desconcertante. Aproximou o rosto dos cabelos de Ninon para sentir-lhe mais o perfume, e tendo passado por sua vez o braço pelos ombros da menina compriuiu-lhe o corpo para certificar-se de que tinha substância, depois soltou-se dela, foi se desprendendo devagarinho e afastou-se dois passos.

— Que aconteceu? — Ninon perguntou, estranhando-lhe a atitude.

Nonno a fitava com insegurança e hesitação.

— Cheguei a pensar — ele disse — que você não estava aqui de verdade.

— Ora essa! — exclamou a menina com um sorriso de criança travessa. — É claro que eu estou aqui! Por que pensou isso?

Nonno sentia-se gravemente perturbado.

— Não sei — respondeu, de cabeça baixa —, tive medo de que não fosse verdade, tive medo de que fosse só um sonho.

Ninon aproximou-se e tomou-o pelas mãos:

— Bobo, eu estou aqui sim, não vê? — e chegou-se ao garoto, encarando-o bem de perto: — Não vê?

— Vejo.

— Então! — e aquele foi o primeiro sorriso que Ninon viu nos lábios do amigo.

Nonno sorria para ela:

— Eu gosto muito de você, Ninon.

— E eu de você, garoto bobo — e apertando-lhe as mãos: — Vamos embora agora?

— Você quer ir?

— Sim, vai ficar tarde.

— Então vamos — e de mãos dadas, voltaram para a mansão.

Lisa casou-se com Antônio três meses depois do escândalo continuariam a trabalhar na mansão mas foram viver numa alegre casinha de janelas verdes nos limites da aldeia em frente a qual havia um lindo jardim com canteiros floridos e nos fundos um pomar espaço que um cachorrinho enfezado garantia como território seu latindo com vontade à aproximação de qualquer estranho a engomadeira secou uma lágrima impertinente ao ver a filha vestida de noiva eu estava ao lado da ama na primeira fila de bancos da igrejinha e ouvia todos comentarem cochichando entre si como a noiva ficara bonita Lisa olhava o noivo com visível ternura parecia esquecida de mim e de suas farras com Nonno e talvez estivesse mesmo penso que o casamento a transformara e ela assumia com verdadeiro prazer a condição de mulher casada e responsável depois da cerimônia e antes de partir o bolo o homem da cavalaria puxou alegremente a ore-

lha do filho agora você entra para o rol dos homens sérios moleque veja lá o que vai arranjar e para a nora se ele bestar se quiser sair da linha é só mandar avisar-me

porém na antevéspera do casamento ela esteve em meu quarto uma vez ainda e seria a última aliás fazia três semanas que Lisa não aparecia e naquela noite ela apenas sentou-se na cama de frente para mim e segurou-me as mãos então você não virá mais eu perguntei não meu garotinho lindo agora eu serei uma mulher casada devo respeitar meu marido não fica bem que eu continue brincando daquele jeito com você hã e então eu percebi que o tempo de Lisa na minha vida fora bom mas breve havia passado e eu não lamentava pois o impulso inicial e os motivos que nos levaram um para o outro estavam extintos e não havia mais nada que justificasse nossos encontros você não vai ficar chateado com a Lisa vai perguntou ainda claro que não Lisa que idéia ela beijou-me a testa seus lábios uma suave carícia em minha pele meu menininho lindo seremos sempre amigos não seremos sim Lisa eu disse seremos sempre amigos e então ela se levantou e deixou o quarto deteve-se na porta olhando-me uma vez mais e sorrindo depois se foi eu a vi sair como quem vê fugir um pássaro da gaiola uma fuga não apenas inevitável como necessária

por fim eu estava pronto para ceder de vez minha vida a Ninon

Ninon afirmava-se de forma irrevogável e sua personalidade, com suas idiossincrasias, parecia definitivamente construída. Em nenhum momento a menina hesitava, nunca parecia ter dúvidas acerca daquilo que queria; conquistar o mundo fora das opressoras paredes da mansão era algo a que estava decidida.

Durante aqueles três meses ela e Nonno haviam-se encontrado uma ou duas vezes por semana, e depois do primeiro passeio noturno aconteceu, em alguns encontros, permanecerem no salão das artes divertindo-se com jogos de tabuleiro que a menina lhe ensinara e em outros, aproveitando as noites claras de luar, saírem a passear pelas cercanias; voltaram uma vez às pedreiras e fizeram também algumas incursões pelo parque além das muralhas, numa das quais desceram até o vale, somente retornando muito tarde, já com receio de serem surpreendidos pela aurora. Porém, na noite seguinte ao casamento de Lisa, Ninon se vestiu como uma verdadeira dama em miniatura, a maquilagem discreta, as faces levemente rosadas pelo *blush*, o batom bege claro e o ornato de pérolas em seu cabelo, os pequenos brilhantes nas orelhas, o cordãozinho de ouro — tudo isso compondo uma cabeça distinta, não apenas de graça mas sobretudo de nobreza. Para combinar com essa cabeça escolhera um vestido branco que se ajustava com perfeição às suas formas e descia até os pés. Calçara sapatinhos de salto agulha que não só lhe alteavam o busto como também a obrigavam a caminhar de uma outra maneira, com mais cuidado e elegância, dificuldade porém que em nenhum momento lhe pareceu incontornável, nem mesmo representando uma verdadeira dificuldade. Ninon parecia ter vindo ao mundo pronta para ele, e assim se vestira não para Nonno, pois não se veriam dessa vez, mas para si mesma. Eram quase onze horas quando a pequena *lady* saiu sozinha da mansão e ganhou a noite.

Dizer que Ninon ganhou a noite em seu primeiro passeio sozinha possui um tanto de retórica, necessária contudo para mostrar não a realidade de seu ato, mas aquilo que ela tinha em mente como realidade, pois estando só Ninon sentia-se não a-

penas livre, mas também mais dona de si mesma e de suas ações. Todas as decisões lhe cabiam, ainda que fossem escolhas simples, que não exigiriam um verdadeiro ato de coragem, devido ao que um pouco de retórica não deixa de ser merecida e ao mesmo tempo correspondente aos fatos. Ninon atravessara todo o vasto jardim em frente à mansão sem evitar deliberadamente as zonas iluminadas, pisava com segurança a areia do pavimento produzindo um suave rangido, mas aproximando-se do portão — que por segurança permanecia fechado desde o anoitecer — submergiu na sombra das árvores do parque e saiu por uma portinhola disfarçada entre a hera que recobria o muro, e ao atingir a margem da estrada passou a contar apenas com a luz das estrelas. Não muito longe da saída, no sentido contrário ao da aldeia, havia um caminho perpendicular à estrada, caminho que Nonno lhe havia apenas mencionado num de seus encontros, e era este agora o seu objetivo: teria caminhado não mais de um quarto de hora quando o avistou, pouco mais que um trilho, um traço claro aberto na relva através de uma extensão em que se alternavam regiões arborizadas e áreas nuas onde só se viam raros arbustos e vegetação rasteira; após alguns minutos de caminhada ao longo de uma subida íngreme que lhe deixou os pés em fogo alcançou um platô, que recebera o nome de mirante e de onde era possível avistar não muito próximo, mas também não tão distante, o conjunto de telhados da aldeia e uma vaga luminosidade proveniente da iluminação pública. Os telhados formavam uma massa compacta escura e a luz que vinha das lâmpadas da rua projetava-se para o alto como um halo difuso e pouco perceptível que, no entanto, exercia sobre a garota o fascínio do desconhecido. Ninon ainda não conhecia a aldeia a não ser de ter ouvido sobre ela, mas agora que aprende-

ra a sair sozinha, agora que se sentia segura para o mundo, formava planos de ir até lá, porém — dizia consigo mesma — não convidaria Nonno para acompanhá-la; ele decerto ficaria espantado quando soubesse, pois andar pelas ruas da aldeia, mesmo que tarde da noite, não seria uma boa idéia para quem não desejava ser visto, porém Ninon não estava mais tão segura de que não queria ser vista: pois durante aquele passeio não a teria visto algum carro que passasse por ela ou mesmo algum transeunte tardio? Que a vissem! Poderia ela ter uma vida plena se continuasse a manter-se escondida para sempre? E assim pensando tomava decisões, pode-se mesmo afirmar que a menina elaborava seus passos e com seus passos uma existência da qual pouco a pouco começava a tomar posse.

Ninon voltou para casa depois de um certo tempo no mirante, onde se contentou em estar só e contemplar tão somente o volume escuro e informe dos telhados ao longe, a luminosidade indecisa que sobressaía a essa escuridão. Chegando ao portão deteve-se alguns momentos olhando a estrada que conduzia à aldeia, “não vai demorar muito” pensou, ocorrendo-lhe contudo mais uma vez que não buscaria — tampouco desejava — a companhia de Nonno para essa nova incursão, pois — reafirmava para si mesma — sua autonomia deveria ser conquistada unicamente por ela e para isso não poderia ter ninguém ao seu lado. Por fim entrou e avançou pela pista principal, e uma vez mais no silêncio da madrugada a areia rangia ao ritmo de seus passos leves...

...até que no amplo espaço iluminado defronte à varanda Ninon parou, imobilizou-se ao imprevisto surgimento de uma das criadas mais novas, que àquelas horas esgueirava-se detrás de uma sebe vindo decerto de um encontro com o namorado:

as duas se olharam fixamente por alguns segundos, a jovem criada em seguida pareceu tomada de súbito pavor, abrindo muito os olhos enquanto se benzia. Ninon sorriu para ela, virou-lhe calmamente as costas e desapareceu na sombra das árvores.

ao descer naquela manhã pouco antes das oito horas para tomar meu café ouvi o zunzum da criadagem na cozinha parecia que se haviam reunido em peso ali para debater algum assunto de grande importância e quando entrei vi uma das criadas mais novas sentada num tamborete de frente para a ama enquanto as demais formavam um círculo à sua volta está bem está bem dizia a ama você parece confusa Gertrudes está atropelando as palavras mas agora trate de responder as minhas perguntas sim ama primeiro o que você estava fazendo fora de seus aposentos àquela hora a pobre Gertrudes gaguejou a voz não lhe saía hum disse e a ama presumo que você já tenha sido informada de que não são permitidas visitas masculinas nos alojamentos por isso ama eu saí para encontrar-me com meu noivo ele não esteve em meu alojamento seu noivo hã sim ama meu noivo e por que você não disse estar noiva e não o apresentou nesta casa assim não precisaria proceder da forma como procedeu ora ama porque porque bem porque mas não é isso que interessa ama o que interessa foi que eu vi uma assombração uma assombração exclamaram todas as outras que já haviam escutado a história mas acharam por bem espantar-se de novo então essa casa é mal-assombrada disse outra das criadas mais recentes eu não sabia pois se soubesse se você soubesse cortou-lhe a ama faria o quê iria embora ai ama eu me pélo de medo dessas coisas pois se tem medo pode ir embora que colocamos outra no seu lugar cruces ama a senhora leva tudo a ferro e fogo e não

é pra levar onde já se viu dizer que a mansão dos Cantareira é mal-assombrada então como se explica o que eu vi ama tornou Gertrudes mas o que foi mesmo que você viu criatura exclamou a ama pondo as mãos nas cadeiras numa atitude de decisão você falou de um fantasma todo branco afinal o que foi que você viu de fato pois então respondeu a Gertrudes tomando ar para acalmar-se deixe-me explicar eu vinha andando despedira-me de meu noivo e vim andando na direção da calçada quando bem defronte à escadaria que leva para a entrada principal eu vi eu vi oh meu Deus olha como fico toda arrepiada e exibiu os braços onde os pelinhos eriçavam-se de pavor acalme-se disse a ama ninguém fantasma ou não pode lhe fazer qualquer mal agora então ama eu vi uma menina toda vestida de branco uma menina exclamaram algumas das criadas e vestida de branco exclamaram outras que Nosso Senhor se apiede uma criada velha aliviando deve ser alguma alminha pensando por aí é preciso trazer um padre pra benzer a casa e rezar uma missa em intenção da pobre criança ora Isolina exclamou a ama cale-se deixe-se dessas crendices e permita que a Gertrudes termine vamos Gertrudes continue pois foi assim ama eu vi a menina toda de branco e parei fui tomada de um pavor que me fez bambejar as pernas então me benzi chamei pelos santos eu sou devota de São Onofre e foi ele que me valeu porque daí a menina sorriu para mim virou-se e sumiu nas sombras parecia flutuar a pobrezinha nem se escutava o barulho de seus passos pois se assombrações não pisam o chão disse alguém como é que você poderia ouvir-lhe os passos e como era a menina perguntou outra das criadas era pequena ou já grandinha quiseram todas saber era era bem parecia ter doze anos e ah era linda Gertrudes olhou cada um à sua volta como para enfatizar a descrição que fazia nunca vi na

minha vida tanta beleza numa criança e todos começaram a falar ao mesmo tempo tecendo mil conjecturas e ela se parecia com alguém conhecido perguntou ainda a ama no meio do burburinho que se formara não ama com ninguém é como eu disse eu nunca tinha visto uma menina tão linda e os comentários e conjecturas redobram todas falando ao mesmo tempo quando olhei na direção da porta no outro extremo da cozinha avistei Nonno de aspecto sombrio que havia escutado tudo

a história da assombrãozinha vestida de branco tomou conta da criadagem que não teve outro assunto pelos dias seguintes de que a Gertrudes estivesse dizendo a verdade ninguém duvidava mas as opiniões se dividiam alguns achavam que poderia ser com efeito a alma de alguma criança que morrera sem batismo e andava penando por aí até alcançar a redenção outros duvidavam dessa versão mas não dispunham de uma boa explicação para a história e alguns maliciosos diziam que a Gertrudes tivera uma alucinação devido quem sabe e então baixavam a voz num cochicho perverso seguido de um risinho sádico devido quem sabe ao fato de ter perdido a virgindade naquela noite ué mas será que a Gertrudes ainda era virgem bem pra ter ficado tonta a ponto de ver aparições só pode ter sido a primeira vez dela qui-qui-qui-qui-qui

a ama contudo era uma mulher esperta e se não duvidara da história contada pela Gertrudes tampouco punha qualquer fé na interpretação dada por ela para o que havia visto ou para o que a velha Isolina afirmava que fosse o que será que a Gertrudes viu ama eu como quem não quer nada só para sondar lhe perguntei sei lá meu príncipezinho sei lá dessas coisas eu não entendo muito bem que coisas ama eu perguntei a ama relanceou-me um olhar mordeu os lábios não sei menino a verda-

de é que eu não sei mas seja o que for eu cá não creio nessa história de assombrações e almas penadas por que ama por que ora essa porque nunca apareceu nenhuma nesta casa você por acaso já viu alguma eu não ama viu é por isso que essa história está esquisita baixei os olhos fingindo pensar no assunto é disse eu por fim pode ser mas que ela viu alguma coisa viu a Gertrudes não é de inventar histórias e parecia bastante assustada e a ama com muita ponderação moveu a cabeça concordando sim alguma coisa ela viu mas não uma assombração essa história de mal-assombros não se ajusta no meu bestunto estaria a ama desconfiando da presença de mais alguém na casa eu ia cogitando comigo mesmo enquanto me afastava internando-me nos corredores umbrosos da mansão vencendo degrau a degrau o caminho do meu quarto ali chegando corri para verificar a porta do armário onde Ninon guardava suas roupas perguntei-me se a ama não estaria relacionando uma coisa à outra isto é a aparição da menina de branco com o fato de eu ter ido sozinho à cidade acompanhado apenas por uma das criadas e regressado com uma infinidade de embrulhos cujo conteúdo não dera a conhecer a ninguém mas os guardados de Ninon pareciam seguros a porta do guarda-roupas trancada e a única chave escondida num lugar que só eu conhecia embaixo de um dos trilhos do ferrorama se a ama por acaso tivesse andado por ali tentando espionar não pudera descobrir coisa alguma ainda assim eu temia por Ninon e pensava em alertá-la de que seu segredo corria perigo

foi quando minha mãe começou a aparecer quase todos os dias na televisão não em algum de seus filmes nem em entrevistas ou programas de celebridades mas no noticiário policial juntamente com meu pai a ama sempre vigilante bem que tenta-

va evitar que eu visse os noticiários e recomendava à criada que não falasse do caso na minha presença é melhor não fazerem comentário nenhum eu a ouvia dizer às vezes com aspereza e de dedo apontado o pobrezinho não tem culpa dessa pouca-vergonha toda o pessoal de dentro de casa obedecia mas o do serviço de fora por exemplo o jardineiro e seus ajudantes o homem da cavalaria e o filho Antônio e ainda os outros falavam sem travas na língua e mais de uma vez estando escondido numa alameda ou detrás de uma parede escutei o que diziam o caso era simples meu pai descobrira não se sabe como que minha mãe tinha um namorado e nos últimos dias de filmagem em Porto Alegre ele apareceu inesperadamente na cidade minha mãe não tomara qualquer cuidado em preservar-se pois sabia que ele jamais se ausentava do centro de seus negócios e em nenhum momento cogitou que pudesse alterar sua rotina por isso fora fácil apanhar a ambos numa ratoeira que soubera armar muito bem e o escândalo estourou meu pai sem fazer questão de resguardar sua imagem atitude inesperada num homem ponderado como ele e verdadeiro motivo de espanto para quem o conhecia sem importar-se com o fato de estarem num dos locais mais movimentados da cidade resolveu abordá-los à saída de um luxuoso motel pegando-os com a boca na botija e perdendo a compostura atracou-se com o rival numa briga furiosa em que ambos rolaram pelo chão se ensangüentaram e rasgaram um as roupas do outro atraindo de imediato a atenção das pessoas da polícia e logo dos jornais e da televisão não satisfeito papai gritou para que todos ouvissem que minha mãe era uma puta e que devia ir para a cama com a equipe de filmagem inteira enquanto ela não menos irritada dizia abertamente saber muito bem quem era a secretária oxigenada que o acompanhava

a toda parte amor com amor se paga querido teria ela dito num assomo de vulgaridade e no meio disso tudo o namorado de mamãe dizendo-se gravemente ofendido prometia uma ação judicial por danos morais vou lhes arrancar o couro do lombo teria dito na frente das câmeras e dos microfones pois eu me envolvi com uma mulher que julgava separada do marido ele mentiu com descaramento foi justamente isso que ela me disse eu sou uma mulher separada portanto sou livre e nem mesmo essa mentira que expunha minha mãe de forma ainda mais vexatória me fez ficar com raiva do homem que dera vida a Ninon está visto que aquela história mexia comigo e eu me sentia embaraçado ao perceber os olhares da criadagem pousados em mim sabia que tinham pena do menino solitário do orfãozinho de pais vivos como a ama dizia em outros tempos quando me julgava pequeno demais para entender por isso durante as semanas que duraram as aparições de meus pais nos noticiários de TV eu me escondi o mais que pude de todos procurando evitar sua piedade incômoda e enquanto me escondia enquanto desaparecia na imensidão da casa isolando-me nos recantos mais distantes germinava em mim a desconfiança de que Ninon estaria planejando um novo passeio noturno

no entanto não houve processo nem meus pais depois do escândalo se divorciaram como era de esperar apesar do rancor continuaram casados levando cada qual a mesma vida de antes meu pai voltou para a Europa onde sua secretária o esperava minha mãe terminou de filmar em Porto Alegre e do homem que trouxera Ninon à vida nunca mais ouvi qualquer notícia

certa manhã ao chegar na mansão para ajudar a mãe nos engomados Lisa muito alvoroçada trazia uma novidade a menina de branco fora vista vagando pelas ruas da aldeia na madru-

gada anterior eu terminava de tomar meu café na copa um dos meus preceptores já me aguardava na saleta de estudos quando escutei Lisa falar meio desorientada na despensa a criadagem alarmada acorrera num atropelo só e eu atraído pelo barulho atravessei a cozinha e cheguei à porta Lisa contava o episódio que se tornara motivo de todas as conversas na aldeia naquela manhã e cujo relato ela apanhara ao ir cedinho à padaria é de se questionar como numa aldeia em que o último bar fecha suas portas às oito e todos estão recolhidos o mais tardar às nove e meia aquela uma gente acostumada a dormir com as galinhas alguém pudesse ter chegado à janela às duas da manhã para espiar a rua supõe-se que algum insone em vez de ficar rolando para lá e para cá na cama tenha se levantado e por força do hábito entre ferver a água para um chá e esperar que a infusão ficasse pronta tenha ido dar uma espiada na rua não para ver alguma coisa pois não haveria nada para ser visto tudo sempre igual na aldeia mas tão somente como foi dito por força do hábito ou quem sabe algum viajante hospedado na única pousada do lugar que acordando em plena madrugada tenha resolvido fumar um cigarro e por isso fora afastar as cortinas e erguer a vidraça e por último alvitra-se ainda alguém que vinha sorrateiro a desoras da casa de uma amante casada ou mesmo essa amante casada que na ausência do marido fosse espiar para fora a ver se seu namorado estaria chegando enfim as hipóteses são muitas e todas servem para explicar como é que havia alguém desperto às duas da manhã hora segundo o comentário geral em que fora vista uma menina de branco cruzando as ruas da aldeia e como o fato ocorrido na mansão e testemunhado pela Gertrudes não se tivesse limitado às quatro paredes da casa mas alcançasse a aldeia levado decerto pela novidadeira Lisa a mes-

ma Lisa trazia naquela manhã notícias de que também lá ocorrera fenômeno similar dizem que era uma menina de uns doze anos Lisa repetia o que se comentava e de uma beleza do outro mundo por que deste e a filha da engomadeira neste ponto fez uma pausa cheia de suspense a Gertrudes muito pálida desforrava-se dos que haviam duvidado dela eu não disse exclamava a moça eu disse enquanto a velha Isolina amarrando a cara confirmava é uma almazinha de criança morta sem batismo escutem o que eu estou lhes dizendo é preciso encomendar uma missa em intenção da pobrezinha quando eu me virei para sair deparei com Nonno que se aproximara em silêncio e de semblante conturbado pusera-se a escutar a narrativa de Lisa

durante toda a semana tanto na casa quanto na aldeia só se falou na assombraçõzinha de branco foi então que a ama já cansada de tanto comentário descabido achou por bem fazer com que os criados da mansão e a população da aldeia esquecessem aquela história de mal-assombros e avejões um absurdo isso exclamava a despeito da insistência da velha Isolina de que a alma de uma menina morta sem batismo penava por ali à espera de redenção e comunicou à engomadeira às cozinheiras e ao jardineiro sua intenção de promover outra noite de festa no pátio dos fundos daqui a duas noites disse ela para termos tempo de aprontar tudo que eles se incumbissem de convidar todos na aldeia haveria música comida com fartura muita carne e muito vinho todos verão que não há avantesma nenhum nem nesta casa nem em lugar algum desta terra

naquela mesma tarde Ninon enviou a Nonno um bilhete e o garoto ainda de cara amarrada e quase sem olhar-me no rosto apanhou de minha mão num gesto brusco o envelope cor-de-rosa que eu lhe estendia e se afastou devagar depois de quase

quatro semanas sem vê-lo Ninon marcava novo encontro no salão das artes Nonno perdoe-me ter demorado tanto para lhe escrever dizia ela no bilhete mas você vai entender estou com muitas saudades e também preciso pedir-lhe uma coisa muito importante não falte por favor

Ninon não demonstrava qualquer dúvida acerca de cada passo que daria a partir de então, como se houvesse elaborado um plano cujo êxito dependeria de uma execução milimétrica e mantivesse cada uma das etapas sob o mais absoluto controle, pois numa daquelas noites, entre a primeira e a segunda aparição da menina de branco, tendo Ninon passado pelo salão das artes ocorreu-lhe um episódio tão singular quanto decisivo para seu futuro: ao se aproximar de uma das janelas notou uma grande mariposa marrom que, atraída pela luz, debatia-se contra a vidraça, e quando a menina abriu a janela a mariposa entrou, pondo-se a esvoaçar em volta da única lâmpada acesa na vasto salão, e depois, aquietando-se, foi pousar numa das colunas. Ninon aproximou-se e, com muito cuidado para não machucá-la, tocou-a fazendo com que ela passasse para seu dedo. O inseto sentiu-se seguro em seu novo pouso e manteve-se quieto enquanto a menina o examinava à luz da lâmpada e descobria sob as cores sombrias de suas asas belezas insuspeitadas por quem tão somente as olhasse de longe, percebendo ali um logro muito bem arquitetado pela natureza: uma criatura que em seu processo de metamorfose havia emergido da escuridão para a luz e trazia em suas asas o engano com que punir o observador desatento, mas não da escuridão da noite para esvoaçar em torno de uma das lâmpadas do salão, e sim do negrume do não-ser para as claridades absolutas da existência. Observando a

mariposa, que de súbito alça vôo de seu dedo, esvoaça aqui e ali e vai pousar agora bem alto, quase perto do teto; e em seguida abrindo as janelas para que no amanhecer o inseto pudesse fugir para a Natureza, Ninon convenceu-se de que também ela, na hora certa, emergiria para a luz e suas saídas noturnas, as primeiras na companhia de Nonno, mas a última sozinha, quando fora até o mirante, não passavam de meros ensaios que vinha fazendo para escapar de vez do casulo em que se via aprisionada. Foi após o episódio com a mariposa que se inspirou, ela mesma portadora do ludíbrio para aqueles que a enxergassem de longe e se mantivessem desatentos — um pequeno fantasma? a alminha de uma criança pagã penando à espera de redenção? —, e na noite seguinte marchou sozinha para a aldeia.

Ninon buscava a Luz.

Ao entrar no salão das artes Nonno estava muito sério, e nem mesmo sorriu ao ver a amiguinha vestida com uma simplicidade tal que sua beleza mais se sobressaía: usava uma mini-saia bege e uma blusinha branca com lacinhos nas mangas, apenas colorira de leve os lábios com um batom uva e as pálpebras com um tom suave e apenas ligeiramente mais escuro que sua própria pele. Nonno foi sentar-se no grande sofá junto à parede dos fundos e ali permaneceu enquanto a menina se aproximava.

— Eu estava com saudade, Nonno.

— Não parece — respondeu o garoto num rosnado quase inaudível.

— Está zangado comigo?

Nonno olhou-a com vivo rancor:

— Por que você saiu sem mim?

— Era preciso, Nonno.

— Mas eu não quero que você saia sem mim.

— Era preciso, já disse.

— Sabe o que estão falando por aí?

— O quê?

— Que você é uma alma penada, uma criança que morreu sem batismo, estão pensando até em mandar rezar uma missa em sua intenção.

Ninon não fez caso:

— Ora, e que tem isso? Deixe que pensem o que quiserem e rezem quantas missas acharem por bem rezar.

Nonno não respondeu, manteve-se sentado de cabeça baixa e Ninon sentou-se ao seu lado.

— Preciso de sua ajuda.

O garoto encarou-a brevemente.

— Não sei em que eu posso ajudá-la — disse —, não precisou de mim nas outras duas noites.

— Mas agora preciso.

O garoto permanecia emburrado.

— Daqui a duas noites — Ninon continuou — vamos ter a festa da criadagem, a aldeia inteira está sendo convidada, isso aqui vai fervilhar de gente.

Nonno deu de ombros:

— Eu não virei.

— Virá sim.

O garoto moveu negativamente a cabeça e Ninon continuou:

— Eu também irei a essa festa, Nonno, e quero que você me acompanhe.

O garoto olhou-a pasmado, sem acreditar em tamanho absurdo.

— Quero que você seja meu par.

Nonno se levantou bruscamente:

— Você está maluca! Você não pode aparecer nessa festa, não pode ser vista por todo mundo.

— E por que não? — perguntou Ninon com alguma irritação, levantando-se também e enfrentando-o.

— Porque ninguém sabe que você está nesta casa — ele disse.

— E daí? — exclamou a menina. — Vão ficar sabendo agora!

— Mas se souberem, você será levada embora...

— Ninguém vai me levar embora.

— ...e também porque você... porque você... — Nonno titubeava.

— Eu o quê?

— Você não é quem diz ser, Ninon, você não é você!

— Ora, seu estúpido — e agora a garota parecia aborrecida de verdade —, quem lhe disse que eu não sou eu?

— Você não é Ninon! — Nonno gritou segurando-a pelos ombros e sacudindo-a com violência — Ninon não existe, eu sei de tudo, pensa que eu sou burro, que eu não sei? Eu sei de tudo!

Mas a menina reagiu recuando e atirando-lhe em rosto:

— Afaste-se, seu moleque impertinente, quem lhe disse que você podia tocar em mim?

Nonno, que se exaltara, agora vacila, sente-se fraquejar, fora batido pela atitude autoritária e arrogante da menina.

— Eu vou embora — diz, fazendo menção de deixar o salão das artes.

Ninon, seus olhos azuis uma lâmina afiada e fria, continuou encarando-o com altivez até que Nonno, de cabeça baixa,

saiu do salão e ela ficou só. Estremeceu: seria então que Nonno ao gritar-lhe que “ela não era quem dizia ser” e que “sabia de tudo” conhecia a verdade? Mas conheceria mesmo a verdade, ou apenas se mostrava incapaz de enxergar a beleza velada nas asas escuras da mariposa?

Ninon chorou.

Pouco a pouco sua iniciação completava-se: pela primeira vez em sua metamorfose no rumo da liberdade a menina conhecia a dor.

durante todo o dia os preparativos da festa ocuparam a criadagem entusiasmada com a perspectiva de uma noite de divertimentos nada como um pouco de alegria para afastar os maus fluidos diziam alguns sim sim concordavam outros comida bebida música dança isso é tudo de que precisamos e outros ainda pois claro a vida não é só trabalho meus preceptores haviam sido dispensados naquele dia vamos dar uma folga para o menino disse-lhes a ama ele é tão aplicado que um dia longe dos livros não lhe fará falta oh não há dúvida senhora concordou o professor de línguas então teremos uma festinha por cá hoje teremos disse a ama e os senhores estão convidados decerto não faltaremos disse o professor de História a nós não desagrada uma boa patuscada e se foram mais cedo enquanto eu sem ter nada a fazer fiquei bobeando no meio da criadagem Lisa dizia que na aldeia não se falava noutra coisa a festa dos criados na mansão Cantareira conquanto não fosse propriamente uma novidade não deixava de ser um acontecimento e fazia sucesso principalmente entre os mais moços a Gertrudes então aproveitou para perguntar-lhe e da menina de branco não se fala mais ora fala-se um pouco ainda mas afinal os dias se passam

e essas coisas acabam caindo no esquecimento é verdade disse alguém que ouvia a conversa e vai ver já nem estão muito certos do que viram ou do que pensaram ter visto lançou a ama por quem tal assunto não seria mais mencionado na casa Lisa concordou vai ver é isso mesmo alguém pensou ter visto alguma coisa comentou alguém apanhou esse comentário e passou adiante aumentando já que conforme o ditado quem conta um conto aumenta um ponto pois eu sei que vi o que vi reiterou a Gertrudes com convicção uma menina cuja beleza não pode ser deste mundo deve ser um anjo de Deus sugeriu a engomadeira ou uma alminha penada murmurou de seu canto a velha Isolina quem seja eu não sei tornou a Gertrudes mas que eu vi eu vi pois se não sabe é melhor esquecer tornou a ama com severidade antes que a discussão novamente se acendesse vamos deixar isso pra lá hoje é dia de festa Lisa vendo-me perdido por ali foi até mim e abaixando-se puxou-me para junto de si e você meu menino lindo como tem passado quase não temos nos falado ultimamente estou bem Lisa está mesmo estou e você estou ótima e o Antônio como vai ele vai muito bem ele é bom para você sim oh mas que menino atencioso você é mostrando interesse por nós estalou-me um beijo no rosto e depois apertou-me em seus braços agora vai que eu tenho muito que fazer essa festa está prometendo e eu saí para os fundos da mansão contornei a parte oeste para seguir na direção da porta que dava para o parque àquela hora como de costume aberta e avancei entre as alamedas na expectativa de avistar Nonno ele havia dito a Ninon que não iria à festa e pelo menos durante o dia eu não o vi na mansão estaria Nonno tão zangado assim com Ninon que não quisesse mais falar com ela eu estava confuso tal atitude não seria de esperar da parte dele um garoto briguento que

nunca se submetia a quem quer que fosse às vezes até mesmo o pai tinha dificuldades em controlar seu gênio mas agora ele parecia mudado e quando me via procurava logo afastar-se como se desejasse evitar encontrar-se comigo passei pelo parque descí até a margem do rio caminhei longamente seguindo o curso das águas voltei atravessei outras alamedas segui por outras passagens sempre esperando avistá-lo mas Nonno não viera naquela manhã

no começo da noite os fundos da mansão fervilhavam parecia que o povo da aldeia em peso estava ali a ama como de costume ia e vinha pondo ordem na balbúrdia ninguém tinha acesso ao interior da casa excetuando algumas das criadas mais antigas a quem competia levar da despensa para fora os comes e bebes por volta das oito as mesas haviam sido postas e uma infinidade de pratos travessas bandejas panelas e caldeirões se distribuíam aleatoriamente sobre elas alguém já havia ligado o som e a música animava os convivas a ama entrou e esbarrou comigo sozinho na sala de jantar meu príncipezinho disse ela você não vai sair já tem criança lá fora que só vendo mas eu dei de ombros não ama estou sem vontade mas meu menino o que está havendo com você vá divertir-se não ama eu vou para meu quarto estou com sono meu príncipezinho e a ama fazia uma cara de pena diga aqui pr'a ama se alguma coisa o está incomodando a última festa você também perdeu o que está havendo não minha boa ama nada está me incomodando eu é que não gosto muito dessas festas mas das outras vezes você ia e parecia até divertir-se bastante é ama pode ser que das outras vezes então meu cachorrinho ânimo vá lá para fora das outras vezes ama mas não desta hoje eu quero mesmo é ir para o meu quarto e a ama sorriu compreensiva abraçou-me então venha cá dê-

me um abraço e um beijo que com essa confusão toda aí fora eu não poderei ir até seu quarto dar-lhe boa-noite eu a abracei não faz mal ama eu entendo boa-noite essa ama velha gosta muito de você sabia eu sei ama então boa-noite meu príncipezinho boa-noite ama e eu me internei na vastidão da casa distanciando-me de todos afastando-me dos ruídos da festa e como se as paredes da mansão parecessem dissolver-se ao meu redor também o meu corpo se dissolveria para que Ninon despertasse

Um grande silêncio se fez, todos se calaram espantados, até a música parou e o disco escorregou das mãos do *disc jockey* quando, perto da meia-noite, o pequeno vulto assomou no fim do pátio caminhando devagar, a luz das lâmpadas refletindo nos pingentes de brilhante e nas pérolas que lhe ornamentavam o colo; nos cabelos reluzia uma finíssima rede de ouro e seus lábios semelhavam uma romã madura. A ama teve um arrepio sem querer acreditar nas suas mais trágicas suspeitas, Gertrudes sorriu por ver que não estivera enganada nem sofrera de uma alucinação, e ao mesmo tempo sentiu-se desfalecer, amparando-se no recosto de uma cadeira para não cair, enquanto a velha Isolina benzia-se, convencendo-se de que estivera sempre certa, “uma almazinha penando a estas horas, Nosso Senhor, tende piedade”; no outro extremo, junto à portinha que dava acesso ao porão, Nonno, que no final das contas não conseguindo ficar em casa decidira ir à festa, olhou estarrecido a menina de branco que passava impávida e tranqüila entre os convidados. Ninon sorria passeando as vistas por tudo e por todos, olhando cada um dos presentes diretamente nos olhos, pois agora podia mostrar-se a toda gente sem nenhum receio. Cruzou todo o pátio como se flutuasse sob a vista da multidão pasmada e apro-

ximou-se de Nonno. Deteve-se diante dele com os olhos cheios de lágrimas e tocou-lhe as faces:

— Então você vai me deixar sozinha, não é? — olharam-se por alguns segundos. Nonno, confuso e entristecido, nada respondeu. Então Ninon abriu a portinhola e desapareceu no interior da mansão.

Em silêncio, e ainda assombrados com a aparição da menina de branco que tantos comentários provocara nos últimos tempos, todos começaram a se retirar. A festa chegara ao fim.

Naquela madrugada choveu.

Quando a ama entrou no quarto do menino, as janelas sacudidas pelo vento trepidavam e a água escorria em borbotões pelos vidros, mas o seu príncipezinho dormia a sono solto. Seria ele mesmo? perguntou-se, examinando-o com atenção; largados no chão ao lado da cama um vestido branco e algumas jóias, no rosto vestígios de maquiagem e nas unhas bem feitas traços do esmalte que não fora de todo removido. Olhou em volta, notou uma das portas do guarda-roupas de jacarandá entreaberta e, evitando qualquer ruído, aproximou-se, abriu-a de vez, e por fim se deu conta da verdade.

Eram dez horas da manhã.

Sobre a paisagem nebulosa estendia-se a grande curva colorida de um arco-íris, a destacar-se contra o céu de chumbo.

As vidraças da mansão ainda vibravam com o ronco dos motores, embora os jatinhos já se houvessem imobilizado na pista por tempo suficiente para que Adriana e Otávio Cantareira, até então sempre ausentes, cruzassem a passos ligeiros e aflitos a distância entre o campo de pouso e a mansão e entrassem espavoridos em casa, ainda sem terem compreendido direito o

que a ama lhes havia dito ao telefone nas primeiras horas da manhã acerca de seu filho.

— Onde está o menino? — disse o pai com severidade ao deparar com a ama descabelada e de olhos fundos na vasta sala de estar.

— Não se exalte, querido — disse Adriana.

— Ora, não se exalte! Como não exaltar-me, se pelo que a ama disse nosso filho está irreconhecível?

— Eu sei, querido, mas vamos com calma.

— Ama, onde está o menino?

— Ainda não se levantou, senhor.

— Pois vá acordá-lo e traga-o à minha presença. Quero esclarecer essa história.

— Sim senhor.

— Que diabos está acontecendo agora, meu Deus! — murmurou Otávio num prolongado suspiro girando sobre si mesmo e olhando para o teto, enquanto esguedelhava-se com as mãos nervosas.

— Calma, querido — ponderou Adriana esforçando-se por controlar-se —, vamos ter calma que tudo se esclarece!

— Veremos! Veremos!

Quando a ama entrou no quarto do menino ele não se encontrava mais ali: esperava-a Ninon.

— Então eles chegaram, ama — disse a menina —, eu sei, eu ouvi os jatinhos pousando lá atrás ainda há pouco.

— Meu Deus do céu, menino! — exclamou a ama, porém sem saber ao certo se ali estava mesmo o menino que havia conhecido e a quem costumava chamar seu príncipezinho, às vezes até mesmo “seu cachorrinho”, pois na verdade parecia-lhe impossível reconhecê-lo naquela menina cuja beleza a estarrecia

como coisa que não pertencesse mesmo a este mundo, como dizia a Gertrudes. — O que foi que você fez?

— Eu não fiz nada, ama — e Ninon lhe sorri.

— Mas, meu principezinho... essa maquiagem... essas roupas...

— Pode ir, ama — diz-lhe a menina —, e diga aos meus pais que a filha deles já vai descer.

Ninon escolhera para a ocasião um vestidinho de seda azul noturno, rodado e de mangas fofas. Usava os brincos de rubi que já havia experimentado uma vez, e nos cabelos substituíra a redezinha de ouro por um simples laço de seda, da mesma cor do vestido. No pescoço pusera uma correntinha dupla com um pequeno crucifixo de marfim e no pulso direito o relóginho de seu primeiro passeio noturno. Para as unhas escolhera um esmalte vermelho a fim de combinar com os rubis, tendo o cuidado de desenhar com grande perícia na unha de cada anular uma minúscula florzinha de pétalas brancas e miolinho amarelo. Maquiara-se com um gosto requintado e até com certa ousadia, e como fizera algumas vezes, num jogo sutil de luz e sombra, tornara seus olhos amendoados. Sobrepos ao batom vermelho — como as unhas, como os rubis — um brilho líquido que lhe tornava os lábios úmidos e mais cheios, e nas faces um rosado tênue a destacar-se na palidez de sua pele, mas decidira não calçar: descalça apresentou-se diante de seus pais.

A criadagem curiosa — as moças da arrumação, as cozinheiras, a engomadeira, Lisa, e até mesmo o pessoal do serviço de fora, todos a olhavam dos cantos com perplexidade...

— Meu Deus! — exclamou Adriana num sussurro, cobrindo a boca com as mãos ao ver Ninon. — O que houve com o meu menino!

— Que brincadeira é essa, ama? — exaltou-se Otávio, cólerico. — Quem é essa menina? Onde está meu filho?

— Tenha paciência patrão — afligia-se a ama de mãos postas, suando por todos os poros, os olhos lacrimejantes. — É o menino, é seu filho... é só uma brincadeira de criança, o senhor vai ver...

Porém Ninon avançou mais um passo:

— Não é nenhuma brincadeira, meu pai — disse encarando o pai com altivez —, eu sou Ninon, sua filha.

Houve um momento de imobilidade e silêncio para em seguida explodir a tempestade:

— **Que palhaçada é essa?** — berrou furioso aquele homem sempre tão tranquilo, tão ponderado, que parecia vestir um terno de cimento armado e conduzir um império financeiro sem jamais perder o rumo das situações. — Com todos os diabos, o que está acontecendo nesta casa?

— Calma, querido, por favor! — Adriana chorava.

— Calma porra nenhuma! Eu não botei um filho no mundo pra se vestir de mulher feito o doido do tio dele! Pra se transformar num maricas!

— Por Deus, Otávio, não se precipite...!

— Ora, precipitar-me. Qual precipitar-me qual nada! — e para Adriana: — Saiba que a culpa disso é sua, está ouvindo? Sua!

— Minha?

— Sim, sua!

— Deus do céu! Por que minha?

— Porque nunca prestou atenção ao seu filho! Por que, em vez de ficar correndo atrás dos seus amantes nos *sets* de filmagem, não cuidou melhor do menino?

— E você, seu verme? — exaltou-se Adriana, perdendo o controle e limpando as lágrimas com as costas das mãos. — Por acaso também não tem amantes? Quem é aquela sua secretária oxigenada que o acompanha a toda parte? Aquela lagarta desbotada, quem é? Por que você também não cuidou melhor do *seu* filho?

— Pelo amor de Deus, patrão, patroa!... — implorava a ama com as faces lavadas, cruzando e recruzando as mãos aflitas diante do peito. — Esqueçam isso, pensem só no menino agora!

— Menino? — esbravejou Otávio. — Que menino? Não estou vendo menino algum aqui — e avançou contra Ninon: — Eu não botei um veadinho no mundo, maldição! — e esbofeteou a menina duas, três, quatro vezes enquanto fora de si gritava: — Está ouvindo? Eu não tenho filho veado, você vai lavar a cara dessa sujeira toda imediatamente, seu fedelho invertido! — e despedaçou-lhe as roupas com violência: — Você nasceu com um piru, um maldito piru, e vai aprender a fazer uso dele, ora se vai!!

Porém, quando os farrapos do vestido de Ninon ficaram em suas mãos Otávio recuou, vacilou, quase caiu. “Oh!” ouviu-se o murmúrio da criadagem, Adriana arregalou os olhos horrorizada, e a ama perdendo as forças chorava ainda mais: Ninon exibia a todos os olhares atônitos sua nudez de menina, as duas minúsculas protuberâncias rosadas a lhe renunciarem os seios no começo de seu desenvolvimento e abaixo do púbis, desprovido de pêlos, a meiga flor de lótus de seu sexo feminino.

Foi nesse momento que Nonno precipitou-se sala adentro: — Afastem-se! — gritou.

Todos se voltaram ao mesmo tempo, surpresos com a inesperada aparição do garoto.

— Afastem-se todos — ele repetiu com veemência —, deixem-na em paz! — e despindo a própria camisa vestiu Ninon com ela, enquanto os adultos assistiam a cena tomados de assombro.

— Nonno — ela disse baixinho, segurando-lhe as mãos —, eles não entendem o que aconteceu e eu estou sozinha entre os lobos...

— Não precisa mais ter medo, Ninon, eu estou contigo agora.

— Então fica, não vá embora outra vez!

— Não irei, e não deixarei que ninguém lhe faça mal — abraçando-se, as duas crianças fogem escada acima para longe de todos, para a liberdade que Ninon buscara e enfim havia alcançado.

(24 fev 2015 a 20 abr 2016)

Pós-escrito a Ninon

Ocorreu-me certa vez perguntarem como é o processo de escrever, desde o surgimento da idéia até o momento em que eu sei que a história chegou ao fim. É a essas questões que, na medida do possível, pretendo responder com este pós-escrito, pelo que **recomendo expressamente** ao leitor que leia primeiro a pequena novela a que me refiro nestes comentários, a fim de que os mesmos não “quebrem” as surpresas da narrativa.

Não é tão simples responder à questão acima, pois o processo de escrever não é único, não se apresenta de uma única maneira, não é um caminho que se percorra em linha reta, mas possui tantos meandros e bifurcações que, não raro, acabamos nos perdendo nele.

Uma forma de falar da arte de escrever é dizer que a narrativa tem vida própria, não é o escritor quem a compõe, mas ela que se apodera do escritor para criar-se: nós, escritores, somos meros instrumentos de sua inequívoca e inabalável vontade. Com isso pode parecer que em vez de explicar eu esteja complicando as coisas, mas eu presumo que ao final do que passarei a expor acerca de ‘Ninon’ o leitor compreenderá o que eu quero dizer.

Sobre a questão proposta, eu penso que a idéia surge ou de estímulos externos (influências de outro autor, fatos do cotidiano, notícias de jornal etc.), ou de internos. Com estímulos internos eu quero me referir a dois fenômenos aparentemente diversos: aquele que é conhecido como *insight* e se traduz numa súbita inspiração que provê de uma idéia o autor sem que ele saiba dizer de onde veio, e o outro do qual se pode dizer um exercício do subconsciente, que retrabalha de forma inteiramente alheia ao autor uma idéia que já teria sido utilizada. Como nesse exercício o subconsciente pode apoderar-se de elementos exteriores (o que mencionei entre os parênteses acima), ambos os fenômenos a meu ver se interligam, de maneira que muitas vezes acabam se reduzindo a um só.

A idéia da história, mesmo que inicialmente incompleta, presume por sua própria natureza uma conclusão, donde que, como resta evidente, não é difícil para o autor saber que o conto ou o romance que está escrevendo se encaminha para o fim, ou já chegou ao fim. Porém, também aqui não é possível estabelecer uma regra: casos há — e ‘Ninon’ é um deles — em que a idéia da história, quando surge na mente do autor, nem sempre sugere uma conclusão, não raro o autor se vê sem saber como continuar ou finalizar sua história, e em outros casos o final inicialmente imaginado pode alterar-se inteiramente no transcurso da escrita. É necessário, contudo, ressaltar que o fim, ou seja, o momento em que o autor põe o ponto final em seu texto, não é, em muitos casos, propriamente **o fim** — no caso de ‘Ninon’, como se verá das explicações que se seguem, após o

“ponto final” acabaram surgindo novos elementos que se revelaram essenciais para a história. Este exemplo não é único em minha literatura.

Comecei a escrever ‘Ninon’ no dia 24 de fevereiro de 2015.

Inicialmente o título era ‘Cabelos cor de palha’, numa referência à cor dos cabelos do protagonista. Como os rumos da história mudaram e de que maneira encontrei esse novo título é o que constitui a explicação que pretendo oferecer ao leitor acerca do processo de escrever.

A princípio esclareço que durante o ano de 2015 a história não chegou à décima página: permaneceu hibernando, exceto nas raras ocasiões em que eu abria o arquivo no computador, relia o que já havia escrito e, tomado de desânimo em relação a uma história que parecia não querer decolar, fazia uma ou outra alteração e depois me esquecia dela por um bom tempo. Porém, em março de 2016 retomei a narrativa e a concluí em 20 do mês seguinte, ao que se seguiram algumas semanas em que trabalhei nas inevitáveis alterações e acréscimos. Esse é um procedimento corriqueiro: após finalizar um texto vem a fase de releitura, com modificações e acréscimos, sendo esta uma grande preocupação que tenho: a correção do texto, tanto gramatical quanto estilística¹.

A idéia original desta novela, que até certo ponto se manteve, era a história de um menino que vive numa imensa mansão e desde a primeira infância se ressentia da ausência dos pais, sendo cuidado por uma ama que também exerce na casa as funções de governanta². O pai, um milionário que viaja o mundo todo administrando sua imensa fortuna, e a mãe, uma famosa atriz de cinema que da mesma forma filma o tempo todo e pelo mundo inteiro, estão sempre ausentes da vida do filho, que chega a passar seus aniversários sozinho, exceto pela presença da boa ama, que lhe faz agrados e tenta nessas ocasiões minimizar seu desapontamento. A mansão é situada nos arredores de uma pequena aldeia interiorana, e como o menino não se aproxima da gente e das crianças da aldeia, sua solidão é ainda maior. Introduzi na história um garoto três anos mais velho, Nonno, filho adotivo do jardineiro da mansão, que ao aparecer está com dez anos e desde o primeiro dia antipatiza com o menino e irá hostilizá-lo pelos anos afora. Lisa, a filha da engomadeira e namorada de Antônio, filho do homem da cavalaria, é a única adolescente da casa e quem, aproximando-se do menino, lhe dá carinho e conta histórias para diverti-lo.

¹ Em alguns casos eu faço outra(s) releitura(s) depois de certo tempo — meses, até mesmo anos —, a fim de verificar a necessidade de novas alterações. Por essa razão fico até satisfeito em não ter um editor que me pressione a publicar o que escrevo tão logo eu ponha o ponto final, pois com isso, se entregue um trabalho ao público, será o melhor possível

² Só agora, quando redijo estas notas, me recordo do filme ‘O Jardim Secreto’, que também narra a história de um menino que vive solitário numa mansão — porém o tema e o enredo do filme são tão absurdamente diversos, que dificilmente se pode falar em “influência”, mesmo subconsciente.

Este é o cenário e estes são os atores que inicialmente pus em cena.

O texto, no entanto, em seu período de hibernação, não chegou — como já disse — à décima página: eu havia escrito, naquela versão inicial, nove páginas e meia, ou seja, até o momento em que o menino do alto da torre central da mansão avista Nonno no pátio, e como até então somente o vira de longe, desce na esperança de encontrá-lo, porém ao chegar embaixo o garoto já não está ali. Foi desse ponto que retomei a narrativa para ir, então, até o fim — e a história, que antes parecia não decolar, rendeu mais de oitenta páginas.

Durante o período de hibernação, a idéia que se mantinha era a de que o menino seria hostilizado por Nonno, surpreenderia Lisa tendo relações sexuais com o namorado, sofreria abusos sexuais de um possível amante da mãe, que ainda seria inserido na história, porém esses elementos permaneciam descosidos, ou seja, não havia uma ligação entre eles e conseqüências para a vida do menino. A construção da história a partir daquelas páginas iniciais, em que esses elementos foram com efeito inseridos, porém integrando-se ao enredo de forma espontânea, constitui um processo de todo não-linear, pelo contrário, sinuoso e cheio de idas e vindas.

A elaboração dos personagens é um processo que depende da idéia a ser desenvolvida, e eles aparecem à medida que a história evolui. A avó, p. ex., não fazia parte da concepção original e foi introduzida para povoar um pouco mais o mundo do menino, mas o efeito foi contrário, ou seja, acentuou ainda mais a idéia de solidão, pois ela própria era uma mulher solitária, pouco afetuosa, cujo relacionamento com o neto era distante e formal. Um outro personagem, do qual contudo falarei adiante, é o tio Eduardo, que surgiu tarde na história, melhor dizendo, depois da história, e que se torna figura de destaque no enredo.

No entanto, o ponto alto da trama é o surgimento de Ninon, algo absolutamente não planejado e que dá à narrativa uma guinada extraordinária, mudando completamente o rumo dos acontecimentos, do qual até esse momento eu ainda não tinha uma idéia muito clara, passando da história de um menino fraco e solitário devido à quase permanente ausência dos pais para a de uma menina decidida, que sabe o que quer da vida e vai fazer de tudo para consegui-lo. Nem mesmo no momento em que Ninon aparece eu me apercebi da radical mudança por que a narrativa passaria, e só aos poucos fui me dando conta dessa mudança, que divide a história em duas fases distintas. Minha intenção inicial era a de elaborar uma situação em que o amante da mãe do menino, meio de brincadeira, o iniciaria em alguns jogos sexuais (não seriam cenas explícitas de abuso, mas algo sutil e lúdico a que o menino se entregaria sem resistência), mas fazer com que fosse ele a trazer Ninon do limbo para a realidade deve-se ao fenômeno da súbita inspiração: é de se notar que, quando o amante termina de maquiar o menino e de transformá-lo numa menina, faz-lhe uma breve carícia, mais nada, e quando Ninon se volta — pois já era Ninon, o menino já tinha dito o nome dela, afir-

mando que o nome *não foi escolhido (...) é esse o nome dela o nome de verdade (...) ela sempre teve esse nome* — ele se sente perturbado com a beleza da menina, mas é só: Ninon não poderia ser maculada, deveria permanecer pura até o fim. Que fim seria esse? Eu ainda não sabia, e aqui se pode falar que é a história assumindo seu próprio rumo, pois ainda que me passasse pela cabeça uma cena mais picante entre o amante e Ninon, a idéia não vingou. Ressalte-se que de ora em diante Ninon é uma personalidade distinta, em construção (os vários elementos dessa construção vão aparecendo no decorrer da narrativa, sendo o último deles o sofrimento: *pela primeira vez em sua metamorfose no rumo da liberdade a menina conhecia a dor*), e o menino se refere a ela como a uma outra pessoa: Ninon, que em seu primeiro encontro com Nonno nega ser prima do menino, é na verdade sua prima, ou pelo menos é dessa maneira que ele — o menino — a vê, e vendo-a como prima e, principalmente, como outra pessoa, chega a cumprir pequenas ordens dela, tais como ir à cidade comprar-lhe um enxoval completo e entregar a Nonno as cartinhas que escreve marcando para se encontrarem à noite num dos cômodos da mansão.

A recém-surgida Ninon tem um objetivo maior que só fica claro no decorrer da história: sua auto-afirmação através da liberdade, ou seja, não viver às escondidas na mansão e ter apenas uma vida noturna e solitária como de início, mas expor-se para que todos soubessem quem era ela; no entanto, o que ela procura de imediato é outra coisa: aproximar-se de Nonno, o garoto mau, de cujo envolvimento com Lisa ela fica sabendo através do menino, sentindo-se enciumada. É para afastá-los um do outro, por uma imposição (ainda que subentendida) de Ninon, que o menino consente nos jogos sexuais com Lisa, jogos que com o passar dos dias vão se tornando mais raros até acabarem de vez, pois Lisa está para se casar, *agora eu serei uma mulher casada devo respeitar meu marido*, rompimento que não causa qualquer mágoa ao menino porque sua função havia sido cumprida.

O tio Eduardo, que existe para explicar um acontecimento de menor importância, qual seja, a estranha morte dos pais (avós paternos do menino), assume contudo uma função coadjuvante de suma importância. Esse personagem é um exemplo das idas e vindas, da sinuosidade do processo de criação: ele foi pensado depois de eu ter concluído 'Ninon' e demonstra que a conclusão de uma obra não implica em que ela esteja de fato completa. Por ser um doido que se veste de mulher, dizendo-se a reencarnação de diversas personalidades históricas importantes, o tio Eduardo funciona como um contraponto para o fato de o menino também travestir-se, uma espécie de explicação de por que o menino não só se deixa maquiar como uma menina como também se entusiasma com a possibilidade de viver, sempre que quiser, um papel feminino — neste caso, um papel específico e dominante.

De início pode-se pensar que Ninon se atavia especialmente para Nonno,

pois desde logo insinua-se um relacionamento amoroso entre ambos, intenso mas puro, pois não há qualquer contato físico entre eles. Mas Ninon torna-se gradativamente independente, e quando se veste e se maquia lindamente para sair sozinha vestida de branco já não quer a companhia de Nonno, não por rejeitá-lo, mas para afirmar-se, para ir conquistando pouco a pouco seu espaço no mundo.

Desejo neste ponto destacar dois episódios importantes que norteiam a narrativa: o momento em que Ninon se depara com uma mariposa no salão onde costumava encontrar-se com Nonno e a menção de um arco-íris após a noite de tempestade na parte final da história.

Estes são exemplos de inserção *a posteriori* que contudo se integraram de forma natural ao texto, não como complemento, mas como um elemento essencial em razão do nexo temático entre a mariposa e o arco-íris: a idéia de metamorfose, e a história de Ninon é agora a história de uma metamorfose.

A referência ao arco-íris, que pode parecer apenas um pormenor na descrição da paisagem nebulosa do amanhecer, é contudo uma alusão à tradição folclórica segundo a qual alguém que passa sob um arco-íris muda de sexo (metamorfose): agora a história de Ninon torna-se uma representação da lenda, embora não tenha sido pensada dessa forma inicialmente, já que essa idéia só me ocorreu pouco tempo depois de concluir a história. Mesmo assim a referência ao arco-íris só foi introduzida meses mais tarde.

Com muita razão o leitor irá perguntar por que demorei tanto a inserir esse episódio, e a resposta é que: o arco-íris simplesmente não aparecia no céu! Em outras palavras, não havia uma maneira espontânea de o arco-íris aparecer, eu pensava, pensava, e... nada de arco-íris — até que a idéia mais óbvia veio à tona: fazer cair uma tempestade durante toda a madrugada, que, contudo, amainasse antes de amanhecer. Então... ei-lo vibrante de cores contra o céu de chumbo da manhã!

Quanto ao episódio da mariposa, não fora inicialmente planejado, mas idealizado quando a história já se encontrava em vias de chegar ao fim. Naquela ocasião Ninon também está “vestida a caráter” mas está só. Esse encontro é emblemático, pois na mariposa a menina se vê a si mesma, já que a metamorfose que leva a lagarta a converter-se no majestoso inseto noturno é o símbolo de sua própria metamorfose, que a trouxe à luz — e assim ela avança mais um passo na construção de sua complexa personalidade, pois *Ninon buscava a luz*. É quando ela se decide a sair sozinha à noite.

Ninon terá contudo de pagar um preço pela liberdade que ambiciona: Nonno fica aborrecido e magoado com as conseqüências dos passeios noturnos da menina, que não o informa de suas saídas como se já não se importasse com ele, e acaba rompendo com ela.

No episódio do rompimento Nonno mostra que sempre soube quem era na verdade Ninon, não uma menina de fato mas o próprio menino, que se veste

e se pinta daquele jeito. É quando diz quase que abertamente, *você não é Ninon!* (...) *Ninon não existe, eu sei de tudo.* É interessante notar a transformação de Nonno em relação ao menino: Nonno o hostilizara o tempo todo, implicando com ele e às vezes até espancando-o, porém se deixa dominar quando ele aparece como menina: a personagem que ele cria e que se chama Ninon tem o poder de domar o garoto mau, e não só, de fazer com que ele se apaixone por ela (uma paixão latente que só esperava uma oportunidade para revelar-se, se levamos em conta o beijo furtivo que Nonno deu no menino quando o julgou desfalecido, numa de suas últimas cenas de violência). Nonno portanto aceita o jogo, porque era afinal seu desejo secreto: quando se encontra com o menino ainda o trata com alguma hostilidade, mas já não lhe bate nem implica com ele. Porém, na presença de Ninon, ou seja, do menino vestido e maquiado como uma menina, sua força é subjugada e ele se entrega à sua paixão — pois somente o amor poderia fazer com que o garoto rebelde e arruaceiro se tornasse tão manso e submisso.

Quando ele, temeroso de perdê-la — o que fatalmente aconteceria se ela se revelasse ao mundo, se todos, e principalmente os pais, soubessem que o menino se vestia de menina e desejava ser uma menina —, se recusa em acompanhá-la em sua loucura e grita que sabe da verdade, ou seja, insinua que todo o tempo soube que ela, Ninon, era apenas o menino travestido, a garota reage com uma autoridade inflexível, mostrando-se de fato imbuída de seu papel: naquele momento Ninon era mesmo uma menina! E tão imbuída estava que lhe passa naturalmente pela cabeça que Nonno no fundo não compreendia a grande verdade e *se mostrava incapaz de enxergar a beleza velada nas asas escuras da mariposa*, e aqui se torna pertinente a pergunta: em que momento Ninon não é de fato uma menina? Naquele instante já teria ela consciência de que a metamorfose era/seria real? A dor de ser abandonada por seu amigo/namorado é inevitável mas necessária para sua formação, e ela não hesita: está decidida a mostrar-se a todos, e aproveitará para isso a festa dos criados, à qual também comparecerá quase toda a população da aldeia.

A partir daí, a história se encaminha para o fim inesperado, no qual mais uma vez Nonno intervém, e então de forma decisiva, pois estarão juntos para que ela conquiste seu sonho: a liberdade, que no contexto seria Ninon assumir de uma vez por todas seu lugar no mundo.

O que veio depois, como referi no início, consistiu apenas no processo de construção de um texto que nem sempre termina no momento em que o autor põe nele o ponto final.

Ninon não demonstrava qualquer dúvida acerca de cada passo que daria a partir de então, como se houvesse elaborado um plano cujo êxito dependeria de uma execução milimétrica e mantivesse cada uma das etapas sob o mais absoluto controle, pois numa daquelas noites, entre a primeira e a segunda aparição da menina de branco, tendo Ninon passado pelo salão das artes ocorreu-lhe um episódio tão singular quanto decisivo para seu futuro...